

A Dama das **Carnélias**

ALEXANDRE DUMAS FILHO



A Dama das
Camélias

COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR

A Dama das Camélias

ALEXANDRE DUMAS FILHO

2ª edição

Tradução e notas
Regina Célia de Oliveira

MARTIN  CLARET

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2008.
Título original: *La Dame aux Camélias* (1848)

DIREÇÃO Martin Claret
PRODUÇÃO EDITORIAL Carolina Marani Lima
Flávia P. Silva
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Giovana Gatti Leonardo
DIREÇÃO DE ARTE E CAPA José Duarte T. de Castro
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Crixтина / Shutterstock
REVISÃO Flávia P. Silva
Lincoln Martins
CONVERSÃO EBOOK: Hondana

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Dumas Filho, Alexandre, 1824-1895.

A dama das Camélias [livro eletrônico] / Alexandre
Dumas (filho) ; tradução Regina Célia de Oliveira. --
São Paulo : Martin Claret, 2015.-- (Coleção a obra-
prima de cada autor ; 271)
2.399 Kb ; e-PUB

Título original: *La Dame aux Camélias*.

“Texto integral”

ISBN 978-85-440-077-9

1. Romance francês I. Título. II. Série.

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura francesa 843

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré

01254-010 – São Paulo, SP

Tel.: (11) 3672-8144 – Fax: (11) 3673-7146

www.martinclaret.com.br

SUMÁRIO

Prefácio

A DAMA DAS CAMÉLIAS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

PREFÁCIO

DILEMAS DE UMA PAIXÃO

Maria Luiza Guarnieri Atik^[1]

Alexandre Dumas Filho nasceu em Paris, em 1824. Filho bastardo de Alexandre Dumas — autor de *O conde de Monte Cristo*, *Os três mosqueteiros* — desde cedo se tornou um observador da sociedade francesa.

Em 1842, Dumas conheceu a cortesã Marie Duplessis, a mais cobiçada dos salões e teatros parisienses. Depois de um intenso relacionamento amoroso, a morte de Marie Duplessis, em 1847, vítima de tuberculose, abalou profundamente o escritor, que se isolou para escrever uma história baseada no seu romance com ela. O idílio amoroso entre Marguerite Gautier, a Dama das Camélias, e o jovem burguês Armand Duval atingiu um sucesso estrondoso na época.

Acolhendo a sugestão de amigos, romance foi adaptado para o palco pelo próprio escritor e tornou-se um clássico da dramaturgia mundial. A peça, dividida em cinco atos, estreou em 2 de fevereiro de 1852 no Théâtre de Vaudeville, em Paris, obtendo de imediato um grande sucesso. Segundo alguns biógrafos, Dumas soube mesclar dois gêneros distintos, a tragédia e o melodrama, a primeira ao gosto da elite, e a segunda ao gosto popular.

O papel trágico de Marguerite Gautier foi cobiçado e interpretado por talentosas atrizes, como Sarah Bernhardt, que brilhou nos palcos de Paris, Londres e New York e até no Brasil, onde contou em sua apresentação com a presença do Imperador D. Pedro II. Outras divas interpretaram no teatro *A Dama das Camélias*, como a atriz italiana Eleonora Duse, a atriz norte-americana Tallulah Bankhead, a francesa,

Gabrielle Réjane e a brasileira, Cacilda Becker, dirigida por Luciano Sale, em 1951.

Do teatro a peça migrou para ópera *La Traviata* (1853) de Giuseppe Verdi, sofrendo algumas modificações, primeiro em relação ao título, e em seguida em relação ao nome das personagens — o nome da protagonista Marguerite Gautier foi mudado para Violetta Valéry.

Ao ser adaptado para o cinema, o romance de Alexandre Dumas Filho também recebeu um novo título, “Camille” (1936). Entretanto, muitas foram as filmagens e as refilmagens baseadas ou inspiradas no romance de Dumas ao longo dos últimos cem anos, dentre elas podemos destacar: *La Dame aux Camélias* (1907), de Vigo Larsen; *La Dame aux Camélias* (1909), de Ugo Faleria; *La Dame aux Camélias* (1920), de Henri Pouctal, com Sarah Bernhardt; *La Signora delle Camelie* (1915), de Baladassarre Negroni e Gustavo Serena; *Camille* (1936), de George Cukor, com Greta Garbo; *La Dame aux Camélias* (1980), de Mauro Bolognini.

Quando pareciam estar esgotadas todas as possibilidades de novas roupagens para uma mesma ficção, *A Dama das Camélias* ressurge em uma nova mídia, na linguagem da dança. Inspirado pela música de Chopin, o coreógrafo norte-americano John Neumeier cria um magnífico espetáculo de dança dramática, colocando no palco as primeiras bailarinas da Ópera Nacional, Eve Grinsztajn e Stephane Bullion. O idílio amoroso entre Marguerite Gautier e Armand Duval se desdobra pelo entrecruzar de um drama dentro de outro drama, quando ambos se conhecem num teatro durante uma representação de *Manon Lescaut*, ópera em quatro atos de Giacomo Puccini.

Em 1963, o renomado coreógrafo Frederick Ashton estreia com uma nova adaptação no universo da dança, intitulada *Marguerite e Armand*, que foi especialmente criada para a bailarina inglesa Margot Fonteyn. Na primeira montagem, Armand foi interpretado por Rudolf Nureyev, que formou com Margot a mais famosa parceria da história do balé.

O balé dramático *Camille*, uma obra em três atos, com música de Giuseppe Verdi, foi coreografado por Veronica Paeper. Estreou em 1990, no CAPAB Ballet e desde então foi inúmeras vezes levado ao

palco.

Retomando a época em que a obra de Alexandre Dumas Filho foi publicada, é importante salientar que a publicação do romance ocorreu em um momento que esse gênero literário ganhava cada vez mais espaço entre o público leitor, e consolidava-se enquanto forma literária. Suas transformações acompanharam as próprias transformações sociais e econômicas das cidades europeias. A larga democratização da literatura ocorreu com o surgimento do romance-folhetim, na França, por volta de 1836.

O jornalista Emile Girardin, proprietário do jornal *La Presse*, é considerado o inventor da fórmula do romance-folhetim. Observando o sucesso dos melodramas encenados no teatro, nos quais havia sempre assassinatos, raptos, vinganças, conspirações, Girardin teve a ideia de publicar, em seu jornal, narrativas semelhantes, em seu conteúdo, aos melodramas.

Ao influxo da moderna novidade ficcional europeia, escritores brasileiros consagrados passaram também a publicar seus livros em formato de folhetim. Alguns exemplos são *O Guarani*, de José de Alencar e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Concomitantemente, os nossos escritores tomavam contanto com os ideais burgueses ainda estranhos em nossa sociedade marcada pelo patriarcalismo e pelo trabalho escravo.

Muitas temáticas em voga nos romances europeus foram também retomadas pelos autores brasileiros. A temática da cortesã foi trazida à nossa realidade pela literatura francesa. Tal temática, contudo, não era estranha na sociedade brasileira, pois muitas eram as prostitutas estrangeiras e brasileiras na cidade do Rio de Janeiro, do século XIX.

O romance *Lucíola* de José de Alencar, publicado em 1862, provocou uma viva polêmica na época, por ter como protagonista uma cortesã de nome Lúcia. Não se pode negar a influência do modelo francês na literatura brasileira, ou seja, uma reflexão sobre um problema que teria sido importado da Europa. Problema, contudo, que já fazia parte de nossa realidade.

Segundo Sandra Nitrini, a relação dialógica que se estabelece entre *Lucíola* e *A Dama das Camélias*,

apontada por historiadores e críticos da literatura brasileira — ora num sentido depreciativo para o romance alencariano, no caso de Nabuco e Brito Broca, ora valorativo, na pena de Dante Moreira Leite — ocupa um lugar ímpar na história da literatura brasileira, inserida, como sabemos, num movimento dialético entre o localismo e o cosmopolitismo.^[2]

Valéria de Marco, em *O império da cortesã*, também examina a questão do modelo estrangeiro no romance de José de Alencar, apontando que a abordagem da cortesã em terras brasileiras é diferente da de Alexandre Dumas. Segundo a autora, o objetivo de Alencar não era contar uma história de amor, mas sim revelar diferenças, propiciando ao leitor uma percepção mais apurada das especificidades da realidade brasileira que vivia sob a rigidez social e moral do Regime Imperial, e consequentemente discutir um comportamento social, ou melhor, a condescendência do narrador para com as cortesãs.

José de Alencar parece antecipar-se à acusação de que o romance *Lucíola* seria um plágio de *A Dama das Camélias*, fazendo Lúcia ler o romance de Dumas e ao mesmo tempo criticar o comportamento de Marguerite Gautier, como podemos depreender do fragmento abaixo:

Chegando uma tarde vi Lúcia assustar-se e esconder sob as amplas dobras do vestido um objeto que me pareceu um livro.

— Estava lendo?

— Não: estava esperando-o.

— Quero ver que livro era.

[...]

Era um livro muito conhecido — *A Dama das Camélias*. Ergui os olhos para Lúcia interrogando a expressão do seu rosto. Muitas vezes lê-se, não por hábito e distração, mas pela influência de uma simpatia moral que nos faz procurar um confidente de nossos sentimentos, até nas páginas mudas de um escritor. Lúcia teria, como Margarida, a aspiração vaga para o amor? Sonharia com as afeições puras do coração?

Ela tornou-se de lacre sentindo o peso do meu olhar.

— Esse livro é uma mentira!

— Uma poética exageração, mas uma mentira, não! Julgas impossível que uma mulher como Margarida ame?

— Talvez; porém nunca dessa maneira! —, disse indicando o livro.

— De que maneira?

— Dando-lhe o mesmo corpo que tantos outros tiveram! Que diferença haveria entre o amor e o vício? Essa moça não sentia, quando se lançava nos braços de seu amante, que eram os sobejos da corrupção que lhe oferecia? Não temia que seus lábios naquele momento latejassem ainda com os beijos vendidos?

[...]

— E houve um homem que aceitasse semelhante amor?

— Ele também a amava; e certamente não pensava como tu.

— Está bem: deixemos em paz *A Dama das Camélias*. Nem tu és Margarida, nem eu sou Armando.^[3]

Do ponto de vista da trama narrativa, os dois romances apresentam um desenvolvimento similar. Os dois jovens amam duas cortesãs belas, formosas e cobiçadas. Armand e Paulo relutam em aceitar a condição de cortesã de suas amadas. Ambos isolam-se do círculo social para viver uma grande paixão. Nas duas narrativas, os casais se separam por pressões de ordem social, embora continuem os laços afetivos entre os amantes.

A principal diferença entre as duas obras é o modo como ocorre a reabilitação das cortesãs. À Dama das Camélias é permitido viver com Armand um relacionamento carnal. Marguerite não tem conflito, e desde o primeiro momento assume a sua condição de cortesã e ao final da vida merece o perdão. Lúcia, ao contrário da protagonista francesa, é uma personagem mais complexa, que apresenta bruscas mudanças de comportamento. O seu amor por Paulo mantém-se escondido. Aos poucos as duas imagens da heroína brasileira vão se desvelando aos olhos do leitor: a da “cortesã” que é revelada pelos amigos de Paulo e pela sociedade, e a da moça inocente e pura que se revela timidamente em seu relacionamento com o jovem provinciano.

O grau de complexidade das personagens femininas repercute na densidade das personagens masculinas. Como Lúcia é mais complexa

que Marguerite, Paulo também tem um mundo interior mais rico que Armand.

Por outro lado, se na pena “calma” e “refletida” do narrador Paulo estamos diante de “uma experiência de vida”, nas vozes dos narradores de *A Dama das Camélias* deparamo-nos com uma narração atormentada que, ao se entrecruzarem, testemunham a capacidade da protagonista de renunciar ao amante em decorrência de imposições familiar e social. O pai de Armand implora para que a cortesã se afaste de seu filho, pois seu passado escandaloso iria arruinar o futuro do jovem rapaz.

Segundo Roland Barthes,

O mito central de Dama das Camélias não é o amor, é o reconhecimento: Marguerite ama para ser reconhecida e, a este título, a paixão [...] provém inteiramente de outrem. Armand [...] manifesta por seu lado, o tipo de amor clássico, burguês, herdado da cultura essencialista [...].^[4]

As duas paixões são de natureza diferente. O amor de Armand está vinculado à apropriação e à segregação; o de Marguerite é um esforço de reconhecimento permanente que culmina quando renuncia a Armand. “Sacrifício que ela concede ao Sr. Duval”, pai de Armand, para ter o reconhecimento do “mundo dos senhores.” (BARTHES, p. 119, 1972).

O narrador, nas primeiras linhas do romance, diz tratar-se de uma história singular, verídica, pois todas as personagens, exceto a heroína Marguerite, ainda vivem. A história lhe foi contada pelo próprio Armand.

[...] é preciso que eu lhe conte esta história e dela fará um livro em que não se acreditará, mas que será talvez, interessante fazer.

— Já que tanto quer, escuto.

— É uma história bem simples — acrescentou (Armand) —, e vou conta-la seguindo a ordem dos acontecimentos. Se dela fizer uso mais tarde, tem toda a liberdade de contá-la de outro modo.

Talvez tenha sido essa liberdade proposta pelo apaixonado Armand que permitiu que o romance fosse relido e recriado sob olhares diferentes no universo das artes. As inúmeras edições e traduções do romance, bem como suas adaptações para diferentes mídias como a ópera, o teatro, o cinema e o balé são a prova que o amor e a separação irreversível são os temas que eternizaram o romance de Alexandre Dumas Filho e que continuam seduzindo os leitores da contemporaneidade.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

I

Ameu ver, não se pode criar personagens a não ser que se tenha estudado muito os homens, da mesma forma que não se pode falar uma língua a não ser que ela tenha sido aprendida a fundo.

Não tendo ainda idade suficiente para inventar, contento-me em narrar.

Incito o leitor a se convencer da veracidade desta história, em que todos os personagens, com exceção da heroína, ainda estão vivos.

Por sinal, em Paris há testemunhas que poderiam confirmar a maioria dos fatos que aqui reúno, caso meu testemunho não baste. Por uma circunstância particular, apenas eu poderia descrevê-los, pois fui o único confidente dos últimos detalhes, sem os quais teria sido impossível fazer um relato interessante e completo.

Assim, eis como tais detalhes chegaram ao meu conhecimento: no dia 12 de março de 1847, na Rua Laffitte, li um grande cartaz amarelo anunciando a venda de móveis e de curiosos objetos de valor. Essa venda acontecia após um falecimento. O cartaz não trazia o nome da pessoa falecida, mas a venda ocorreria no dia 16, entre meio-dia e cinco horas da tarde, à Rua d'Antin, nº 9.

O cartaz dizia, além disso, que nos dias 13 e 14 o apartamento e os móveis estariam disponíveis à visitação.

Sempre gostei de curiosidades. Prometi-me não perder essa oportunidade, se não de compr -las, ao menos de vê-las.

No dia seguinte, dirigi-me à Rua d'Antin, nº 9.

Era cedo, mas já havia visitantes no apartamento, entre eles algumas senhoras que, embora vestidas de veludo, cobertas de caxemira e aguardadas à porta por seus elegantes cup s, olhavam com surpresa, e até mesmo com admira o, o luxo que se revelava a seus olhos.

Mais tarde, compreendi essa admiração e essa surpresa, pois, pondo-me também a examinar, percebi facilmente que eu estava no apartamento de uma mulher de vida fácil. Ora, se há uma coisa que as damas da sociedade desejam ver, e ali não faltavam damas da sociedade, é a intimidade dessas mulheres, cujas carruagens com frequência respingam lama nas ruas; que, igual a elas próprias, e a seu lado, têm um lugar na Ópera e no Teatro dos Italianos; que exibem em Paris a opulência insolente de sua beleza, de suas joias e de seus escândalos.

Aquela em cuja casa eu me encontrava estava morta: as senhoras mais virtuosas podiam, então, penetrar em seu quarto. A morte havia purificado o ar dessa esplêndida cloaca, por conseguinte, usariam como desculpa, se necessário, terem ido a um leilão sem saber na casa de quem. Havia lido os cartazes, queriam ver o que os anúncios prometiam e fazer previamente sua escolha. Nada mais simples. Isso não as impedia de procurar, no meio de tantas maravilhas, os sinais daquela vida de cortesã a respeito da qual, sem dúvida, alguns estranhos relatos já lhes haviam sido feitos.

Infelizmente, os mistérios estavam mortos junto com a deusa e, apesar de toda a boa vontade, as tais senhoras descobriram apenas o que estava à venda após o falecimento, mas nada do que se vendia enquanto a locatária era viva.

De resto, havia muita coisa para comprar. O mobiliário era esplêndido. Móveis de madeira rosa e de Boule, vasos de Sèvres e da China, estatuetas de Saxe, cetim, veludo, renda. Ali não faltava nada.

Passeei pelo apartamento e segui as nobres curiosas que me precediam. Elas entraram em um cômodo forrado de tecido persa, onde eu também já ia entrar, quando rapidamente saíram rindo, como se estivessem envergonhadas daquela nova curiosidade. Desejei mais intensamente penetrar naquele cômodo. Era o quarto de vestir, decorado nos mais minuciosos detalhes, nos quais parecia ter-se desenvolvido a prodigalidade da morte em seu ponto mais alto.

Sobre uma grande mesa de três pés de largura por seis de comprimento, encostada à parede, brilhavam todos os tesouros de Aucoc e Odier.^[1] Ali estava uma coleção deslumbrante, e nenhum

daqueles mil objetos, tão necessários ao embelezamento de uma mulher como aquela na casa de quem estávamos, era feito de outro metal que não ouro ou prata. No entanto, a coleção fora feita pouco a pouco, não sendo o mesmo amor que a havia completado.

Eu, que não me perturbava ao ver o quarto de vestir de uma dessas mulheres, divertia-me examinando os detalhes, quaisquer que fossem, e assim observei que todos aqueles objetos, magnificamente talhados, apresentavam iniciais variadas e brasões diferentes.

Eu olhava todas aquelas coisas, cada uma representando uma prostituição da pobre moça, e pensava que Deus fora clemente, pois não permitira que ela chegasse ao castigo habitual, e concedera que morresse em meio de seu luxo e de sua beleza, antes da velhice, esta primeira morte das cortesãs.

Com efeito, o que pode ser mais triste de ver que a velhice do vício, sobretudo em se tratando da mulher? Ela não traz nenhuma dignidade e não inspira nenhum interesse. Esse arrependimento eterno, não do mau caminho seguido, mas dos cálculos mal feitos e do dinheiro mal empregado, é uma das coisas mais entristecedoras que se pode ouvir. Conheci uma antiga libertina, de cujo passado só restava uma filha, tão bela quanto ela própria havia sido, segundo diziam seus contemporâneos. Essa pobre criança, a quem sua mãe jamais dissera: “És minha filha”, a não ser para lhe ordenar prover sua velhice, do mesmo modo que ela provera sua infância, essa pobre criatura chamava-se Louise, e obedecendo sua mãe entregava-se sem vontade, sem paixão, sem prazer, ao contrário do que teria feito se tivesse uma profissão, caso lhe houvessem ensinado alguma.

A visão contínua da devassidão, uma devassidão precoce, alimentada pelo seu constante estado doentio, aniquilava o discernimento do bem e do mal que Deus provavelmente lhe dera, mas que não passara pela cabeça de ninguém desenvolver.

Sempre hei de lembrar-me dessa moça, que passava pelas ruas quase todos os dias à mesma hora. Sua mãe a acompanhava, tão assiduamente quanto uma verdadeira mãe teria acompanhado uma verdadeira filha. Na época, eu era bem jovem, e pronto a aceitar a moral fácil do meu século. Lembro-me, entretanto, que a visão

daquela vigilância escandalosa inspirava-me desprezo e repulsa.

Acrescente-se a isso que um rosto de virgem jamais demonstrou tamanho sentimento de inocência, tamanha expressão de sofrimento melancólico. Tinha a aparência de uma representação da Resignação.

Certo dia, o rosto da moça resplandeceu. Em meio às libertinagens que sua mãe programava, pareceu à pecadora que Deus concedia-lhe uma felicidade. E por que, afinal de contas, Deus, que a fizera fraca, haveria de deixá-la sem consolo, sob o peso doloroso de sua vida? Certo dia, portanto, deu-se conta de que estava grávida, e o que nela ainda havia de casto estremeceu de alegria. A alma tem estranhos refúgios. Louise correu para contar a sua mãe a novidade que a fazia tão contente. É vergonhoso dizer, mas não é por prazer que mostramos aqui a imoralidade. Apenas relatamos um fato verdadeiro, que talvez fosse melhor calar caso não acreditássemos que, de tempos em tempos, é preciso revelar os martírios de criaturas que condenamos sem ouvir, que desprezamos sem julgar. É vergonhoso, dizíamos, mas a mãe respondeu à filha que já tinham pouco para as duas e que não teriam o bastante para três; que crianças assim são inúteis e que uma gravidez é tempo perdido.

No dia seguinte, uma parteira, que apenas apontaremos como uma amiga da mãe, esteve com Louise. Esta passou alguns dias de cama, de onde se levantou mais pálida e mais fraca do que antes.

Três meses depois, um homem apiedou-se dela e tentou realizar sua cura física e moral, mas o último abalo fora violento demais, e Louise morreu em consequência do falso parto a que se submetera.

Sua mãe ainda vive. Como? Só Deus sabe.

Essa história voltou-me à mente enquanto eu contemplava os estojos de prata. Um certo tempo se passara, ao que parece, durante essas reflexões, pois não havia mais ninguém no apartamento além de mim e de um guarda que, da porta, observava atentamente se eu não furtava alguma coisa.

Aproximei-me do bom homem, a quem eu inspirava tão graves preocupações.

— Senhor — disse-lhe —, poderia dizer-me o nome da pessoa que morava aqui?

— Mademoiselle^[2] Marguerite Gautier.

Eu conhecia essa jovem de nome e de vista.

— Como! — disse eu ao guarda. — Marguerite Gautier morreu?

— Sim, senhor.

— E quando isso aconteceu?

— Há três semanas, acredito.

— E por que nos deixam visitar o apartamento?

— Os credores imaginaram que isso valorizaria a venda. As pessoas podem ver com antecedência o efeito dos tecidos e dos móveis. Sabe, isso incentiva a comprar.

— Então havia dívidas?

— Oh, meu senhor, muitas!

— Mas a venda provavelmente irá cobri-las?

— E deve sobrar.

— Para quem ficará o excedente?

— Para a família dela.

— Então ela possuía uma família?

— É o que parece.

— Obrigado, senhor.

O guarda, tranquilizado a respeito de minhas intenções, saudou-me, e eu saí.

“Pobre moça!”, eu me dizia enquanto voltava para casa, deve ter morrido de uma forma triste, pois, nesse seu mundo, só se tem amigos quando se está bem. E, sem querer, me penalizava pelo destino de Marguerite Gautier.

Para muita gente isso talvez pareça bastante ridículo, mas tenho uma indulgência inesgotável pelas cortesãs, e sequer dou-me ao trabalho de discutir essa indulgência.

Um dia, indo buscar um passaporte na sede da administração, vi uma jovem ser levada por dois policiais. Não sei o que ela havia feito. Tudo o que posso dizer é que chorava copiosamente, abraçada a uma criança de meses da qual se via separada por sua detenção. A partir desse dia, nunca mais pude desprezar uma mulher à primeira impressão.

II

Avenda estava marcada para o dia 16.

Um dia de intervalo fora deixado entre as visitas e o leilão para que os tapeceiros tivessem tempo de retirar cortinas, forrações, etc.

Naquela época, eu voltava de viagem. Era natural que ninguém me houvesse contado sobre a morte de Marguerite como uma dessas grandes notícias que os amigos dão a quem volta à capital das novidades. Marguerite era linda, e quanto mais a vida sofisticada dessas mulheres é rumorosa, tanto menos o é sua morte. São daqueles sóis que se põem assim como nasceram, sem brilho. Sua morte, quando morrem jovens, é sabida ao mesmo tempo por todos os seus amantes, pois em Paris quase todos os amantes de uma moça tão conhecida vivem em intimidade. Trocam algumas lembranças a seu respeito, e a vida de uns e de outros continua sem que o incidente perturbe com uma única lágrima.

Hoje em dia, quando se tem vinte e cinco anos, as lágrimas são uma coisa tão rara que não se pode vertê-las à primeira que aparece. Acontece, no máximo, quando os parentes que pagam para ser chorados o são em razão do quanto nisso investiram.

Quanto a mim, embora minhas iniciais não figurassem em nenhum dos objetos de Marguerite, aquela indulgência instintiva, aquela piedade natural que confessei há pouco, faziam-me pensar em sua morte talvez por mais tempo do que o fato merecesse.

Lembrava-me de ter encontrado Marguerite muitas vezes na Champs-Élysées, onde ela ia todos os dias, numa pequena carruagem azul puxada por dois magníficos cavalos baios, e de ter notado que ela possuía uma distinção pouco comum entre suas semelhantes, distinção que, ademais, ressaltava sua beleza realmente excepcional.

Essas infelizes criaturas, quando saem, sempre estão

acompanhadas, mas sabe-se lá por quem.

Como nenhum homem admite mostrar publicamente o amor noturno que tem por elas, e tendo elas horror à solidão, ou levam consigo aquelas menos felizes ainda, que não têm um veículo, ou levam alguma dessas velhas elegantes, sem que nada explique essa elegância, a quem podemos nos dirigir, sem receio, quando desejamos saber alguns detalhes a respeito da mulher que acompanham.

Com Marguerite não era assim. Ela chegava a Champs-Élysées sempre sozinha, em sua carruagem, e procurava o mais que podia passar despercebida, no inverno envolta num grande caxemira, no verão vestida com roupas muito simples; e ainda que em seu passeio favorito houvesse pessoas conhecidas, se por acaso lhes sorrissem, apenas a tais pessoas seu sorriso era perceptível (e uma duquesa poderia sorrir dessa maneira).

Não passeava entre a rotatória e a entrada da Champs-Élysées, como fazem e faziam todas as suas colegas. Seus dois cavalos conduziam-na rapidamente para dentro do Bosque. Ali, ela descia da carruagem, caminhava durante uma hora, subia novamente no cupê e voltava para casa no trote rápido dos cavalos.

Todas essas particularidades, das quais algumas vezes fui testemunha, voltavam à minha mente, e eu lamentava a morte dessa moça como quem lamenta a destruição total de uma bela obra.

Ora, era impossível ver uma beleza mais encantadora que a de Marguerite.

Alta e magra ao extremo, possuía em grau supremo a arte de fazer desaparecer esse descuido da natureza pelo simples modo de arrumar o que vestia. Seu xale de caxemira, cujas pontas roçavam o chão, deixava escapar de cada lado os amplos babados de um vestido de seda. E o espesso regalo, que escondia suas mãos e que ela apoiava contra o peito, era tão habilmente pregueado que os olhos, por mais exigentes que fossem, não tinham nada a criticar quanto ao contorno das linhas.

A cabeça, uma maravilha, era objeto de uma graça particular. Era pequenina, e como diria Musset, sua mãe parecia tê-la composto daquela forma para fazê-la com cuidado.

Em forma oval de encanto indescritível, imaginem uns olhos negros, cujas sobrelanceiras em forma de arcos perfeitos parecem pintadas; cubram esses olhos com longos cílios que, ao se fecharem, lançam sombra sobre o tom rosado das faces; tracem um nariz fino, retilíneo, gracioso, com narinas um pouco abertas por uma aspiração ardente para a vida sensual; desenhem uma boca harmoniosa, com lábios abrindo-se graciosamente sobre dentes brancos como leite; cubram a pele com o aveludado de um pêssago que mão nenhuma tivesse ainda tocado, e terão o conjunto dessa encantadora cabeça.

Os cabelos, pretos como azeviche, ondulados naturalmente ou não, abriam-se sobre a fronte em duas largas faixas, perdendo-se atrás da cabeça e deixando à mostra a ponta das orelhas onde brilhavam dois diamantes que valiam de quatro a cinco mil francos cada um.

De que modo aquela vida ardente deixava no semblante de Marguerite a expressão virginal, infantil até, que a caracterizava, é o que somos forçados a constatar sem compreender.

Marguerite tinha um maravilhoso retrato seu feito por Vidal,^[1] único homem cujo traço poderia reproduzi-la. Após sua morte, tive esse retrato à minha disposição por alguns dias, e era de uma semelhança tão espantosa que me serviu para dar as informações que minha memória talvez não tivesse sido suficiente.

De alguns dos detalhes deste capítulo só tomei conhecimento mais tarde, mas eu os escrevo agora para não ter que retornar a eles quando começar a curiosa história dessa mulher.

Marguerite estava presente em todas as estreias e passava todas as suas noites em espetáculos ou bailes. Toda vez que se representava uma nova peça, era certo ali vê-la com três coisas que não a deixavam nunca, e que sempre ocupavam a frente de seu camarote térreo: seu binóculo, um punhado de doces e um buquê de camélias.

Durante vinte e cinco dias do mês, as camélias eram brancas, e nos outros cinco, eram vermelhas. Jamais se soube o motivo dessa variação de cores, que assinalo aqui sem poder explicar, mas que os frequentadores dos teatros onde ela mais ia, e seus amigos, assim como eu, haviam notado.

Nunca se viu Marguerite com outras flores que não camélias.

Assim, na loja de Madame^[2] Barjon, sua florista, acabaram por chamá-la de Dama das Camélias, e esse apelido ficou.

Eu também sabia, como todos os que frequentam certo meio em Paris, que Marguerite fora amante dos rapazes mais elegantes, que ela o admitia abertamente e que eles próprios se vangloriavam disso, o que provava que amantes e amante estavam contentes uns com os outros.

Entretanto, aproximadamente há três anos, desde uma viagem a Bagnères, ela vivia, dizia-se, apenas com um velho duque estrangeiro, riquíssimo, que tentara o mais que pudera tirá-la de sua vida pregressa, o que, aliás, ela pareceu deixar acontecer de muito bom grado.

Eis o que me contaram a esse respeito.

Na primavera de 1842, Marguerite estava tão fraca, tão mudada, que os médicos lhe recomendaram uma estação de águas, e ela partiu para Bagnères.

Lá, entre os enfermos, encontrava-se a filha desse duque, que não só tinha a mesma enfermidade, como também o mesmo rosto que Marguerite, a ponto de ser possível tomá-las por duas irmãs. Mas a jovem duquesa estava no terceiro grau da tísica, vindo a sucumbir poucos dias após a chegada de Marguerite.

Certa manhã, o duque, que permanecera em Bagnères como quem permanece sobre o solo que enterrou uma parte de seu coração, viu Marguerite na curva de uma alameda.

Pareceu-lhe ver passar a sombra de sua filha, e caminhando em sua direção tomou-lhe as mãos, aos prantos a abraçou, e sem perguntar quem ela era implorou sua permissão para ver e amar em sua pessoa a imagem viva de sua filha morta.

Marguerite, sozinha em Bagnères com sua dama de quarto, não tendo, além disso, nenhum receio de comprometer-se, concedeu ao duque o que ele lhe pedia.

Havia em Bagnères pessoas que a conheciam e que foram oficialmente advertir o duque sobre a real condição de Mlle. Gautier. Foi um golpe para o ancião, pois ali findavam as semelhanças com sua filha, mas era tarde demais. Aquela jovem se tornara uma

necessidade de seu coração e seu único pretexto, sua única justificativa para continuar a viver.

Ele não lhe fez censura alguma, não tinha o direito de fazê-lo, mas perguntou-lhe se seria capaz de mudar sua vida, oferecendo-lhe em troca de tal sacrifício todas as compensações que ela poderia desejar. Ela prometeu.

É preciso dizer que nessa época, Marguerite, uma natureza ardente, encontrava-se enferma. O passado lhe aparecia como uma das principais causas de sua enfermidade, e uma espécie de superstição lhe deu a esperança de que Deus pudesse deixar-lhe a beleza e a saúde em recompensa por seu arrependimento e sua conversão.

Com efeito, as águas, os passeios, a fadiga natural e o sono, pouco a pouco trouxeram-lhe o restabelecimento quando veio o fim do verão.

O duque acompanhou Marguerite a Paris, onde continuou a vê-la como em Bagnères.

Essa ligação, da qual não se conhecia nem a verdadeira origem, nem o verdadeiro motivo, causou grande sensação aqui, pois o duque, conhecido por sua grande fortuna, fazia-se agora conhecer por sua prodigalidade.

Atribuiu-se à libertinagem, frequente entre velhos ricos, a aproximação do velho duque com a jovem. Supôs-se tudo, exceto a verdade.

Todavia, o sentimento desse pai por Marguerite tinha uma causa tão casta que qualquer outra relação com ela, que não as relações do coração, seriam vistas por ele como um incesto, e jamais lhe disse uma só palavra que sua filha não tivesse podido ouvir.

Longe de nós pensar em fazer de nossa heroína algo diferente do que ela era. Diremos então que, enquanto permanecera em Bagnères, a promessa feita ao duque não foi difícil manter, e foi mantida. Mas, uma vez de volta a Paris, pareceu a essa jovem, habituada à vida pródiga, aos bailes, às orgias até, que sua solidão, interrompida apenas pelas visitas periódicas do duque, a faria morrer de tédio, e os sopros ardentes de sua vida anterior pairavam sobre sua cabeça e ao mesmo tempo sobre seu coração.

Acrescente-se que Marguerite voltara dessa viagem mais bela do que jamais havia sido, que tinha vinte anos, e que a doença, adormecida, mas não vencida, continuava dando-lhe esses desejos febris que são quase sempre o resultado das enfermidades do pulmão.

Assim, o duque sentiu uma grande tristeza no dia em que seus amigos, sempre à espreita para surpreender um escândalo por parte da jovem com a qual ele se comprometia, vieram lhe contar e provar que nos momentos em que tinha certeza de que ele não viria vê-la, ela recebia visitas, e que essas visitas muitas vezes se prolongavam até o dia seguinte.

Interrogada, Marguerite confessou tudo ao duque, aconselhando-o, sem reticências, a deixar de se dedicar a ela, pois não sentia forças para manter as promessas feitas, e não queria mais receber a generosidade de um homem a quem enganava.

O duque passou oito dias sem aparecer, foi tudo o que conseguiu fazer, e no oitavo dia veio suplicar a Marguerite que ainda o recebesse, prometendo-lhe aceitá-la tal como era, desde que a visse, e jurando-lhe que, ainda que morresse, jamais a censuraria.

Eis em que ponto estavam as coisas três meses após o retorno de Marguerite, ou seja, em novembro ou dezembro de 1842.

III

No dia 16, à uma hora, dirigi-me à Rua d'Antin.

Do portão ouviam-se os oficiais leiloeiros gritando.

O apartamento estava repleto de curiosos.

Ali estavam todas as celebridades do vício elegante, sorrateiramente examinadas por algumas grandes damas, que mais uma vez usavam o pretexto da venda para poder ver de perto mulheres com quem jamais teriam oportunidade de se encontrar, e de quem talvez invejassem em segredo os prazeres fáceis.

Mme. duquesa de F... se acotovelava com Mlle. A..., um dos mais tristes exemplos de nossas cortesãs modernas; Mme. marquesa de T... hesitava em comprar um móvel para o qual também dava seu lance Mme. D..., a mulher adúltera mais elegante e mais conhecida da nossa época; o duque d'Y..., que em Madri passa por arruinado em Paris e em Paris passa por arruinado em Madri, e que, afinal de contas, não gasta sequer o que tem de renda, conversando com Mme. M..., uma das nossas mais espirituosas narradoras, que, de tempos em tempos, escreve o que diz e assina o que escreve, trocava olhares confidenciais com Mme. de N..., essa bela frequentadora de Champs-Élysées, quase sempre vestida de rosa ou azul e cuja carruagem é puxada por dois grandes cavalos negros, que Tony^[1] lhe vendeu por dez mil francos e... que ela pagou; enfim, Mlle. R..., que apenas com seu talento consegue o dobro do que as mulheres da sociedade conseguem com seu dote, e o triplo do que as outras conseguem com seus amantes, que viera, apesar do frio, fazer algumas compras, e não era para ela que menos se olhava.

Poderíamos ainda citar as iniciais de muitas das pessoas reunidas naquele salão, e bem surpresas por se verem juntas, mas ficaríamos com receio de cansar o leitor.

Digamos somente que todo mundo era de uma alegria louca, e que, entre todas aquelas que ali se encontravam, muitas haviam conhecido a falecida, mas não pareciam lembrar-se disso.

Ria-se alto. Os oficiais leiloeiros gritavam a todo pulmão. Os comerciantes, que haviam invadido os bancos dispostos diante das mesas de venda, tentavam em vão impor silêncio para fazer seus negócios tranquilamente. Nunca uma reunião foi mais variada, mais turbulenta.

Infiltrei-me humildemente no meio daquele triste tumulto, imaginando que havia lugar perto do quarto onde expirara a pobre criatura, de quem se vendiam os móveis para pagar as dívidas. Estando ali mais para observar do que para comprar, eu olhava para os negociantes que organizavam a venda, e suas feições se alegravam cada vez que um objeto alcançava um preço pelo qual não haviam esperado.

Gente honesta que havia especulado sobre a prostituição daquela mulher, que havia lucrado cem por cento em cima dela, que havia perseguido com cobranças os últimos momentos de sua vida, e que, após sua morte, vinha recolher os frutos de seus honrosos cálculos (ao mesmo tempo que os juros de seu crédito vergonhoso).

Quanta razão tinham os antigos que não viam senão um Deus para os negociantes e para os ladrões!

Vestidos, caxemiras, joias eram vendidas com uma rapidez inacreditável. Nada daquilo me convinha, e eu continuava esperando.

De repente, ouvi gritarem:

— Um volume lindamente encadernado, dorso dourado, intitulado *Manon Lescaut*.^[2]

— Há alguma coisa escrita na primeira página. Dez francos.

— Doze — disse uma voz depois de um longo silêncio.

— Quinze — disse eu.

Por quê? Não faço ideia. Provavelmente pelo “alguma coisa escrita”.

— Quinze — repetiu o leiloeiro.

— Trinta — disse o primeiro interessado, num tom que parecia desafiar que se oferecesse mais.

Aquilo se transformava numa luta.

— Trinta e cinco! — gritei no mesmo tom.

— Quarenta.

— Cinquenta.

— Sessenta.

— Cem.

Confesso que, se eu quisesse impressionar, meu êxito teria sido completo, pois, com esse lance, fez-se um grande silêncio, e olharam em minha direção para saber quem era o senhor que parecia tão decidido a possuir aquele volume.

O acento dado à minha última palavra parece ter convencido meu antagonista. Ele preferiu, portanto, abandonar um combate que não serviu a outra coisa que me fazer pagar dez vezes o valor do tal volume, e, inclinando-se, disse-me muito amavelmente, embora um pouco tarde:

— Eu desisto, meu senhor.

Como ninguém mais se manifestou, o livro me foi vendido.

Como eu temia um novo embate, que meu amor-próprio talvez tivesse sustentado, mas com o qual meu bolso certamente ficaria péssimo, pedi para colocarem meu nome, deixarem o volume de lado, e então desci. Devo ter dado muito o que pensar às pessoas que, testemunhas daquela cena, sem dúvida se perguntavam com que propósito eu pagara cem francos por um livro que eu poderia obter, em qualquer lugar, por no máximo dez ou quinze francos.

Uma hora mais tarde mandei buscar minha aquisição.

Na primeira página fora escrita a pena, e com uma caligrafia elegante, a dedicatória do donatário desse livro. Essa dedicatória continha apenas estas palavras:

*Manon a Marguerite,
Humildade.*

Estava assinada: Armand Duval.

Que queria dizer esta palavra: humildade?

Que Manon reconhecia em Marguerite, na opinião desse senhor

Armand Duval, uma superioridade em termos de devassidão ou de coração?

A segunda interpretação era a mais verossímil, pois a primeira não teria passado de uma franqueza impertinente, que Marguerite não teria aceitado, apesar do juízo que fazia de si mesma.

Saí novamente e não me ocupei mais do livro senão à noite, quando me deitei.

Manon Lescaut é mesmo uma história tocante, da qual nem um só detalhe me é desconhecido, no entanto, quando esse livro está em minhas mãos, a simpatia que tenho por ele sempre me atrai, eu o abro e, pela centésima vez, me animo com a heroína do abade Prévost. Ora, essa heroína é de tal forma verdadeira que me parece tê-la conhecido. Nas atuais circunstâncias, o tipo de comparação feita entre ela e Marguerite trazia um atrativo inesperado a essa leitura, e minha benevolência se acrescia de piedade, quase de amor, pela pobre jovem a cuja herança eu devia esse volume.

Manon morrera num deserto, é verdade, mas nos braços do homem que a amava com todas as forças da alma, que, morta, cavou-lhe uma sepultura, que ele regou com suas lágrimas e onde enterrou seu coração. Enquanto que Marguerite, pecadora como Manon, e talvez convertida igual a ela, morrera em meio a um luxo suntuoso, se é possível acreditar no que eu vira, no leito de seu passado, mas também em meio a esse deserto do coração, muito mais árido, muito mais vasto, muito mais impiedoso do que aquele em que Manon fora enterrada.

De fato, como assim fui inteirado por alguns amigos que conheciam as últimas circunstâncias de sua vida, Marguerite não vira sentar-se à sua cabeceira ninguém que lhe desse um conforto real durante os dois meses que sua lenta e dolorosa agonia durou.

Depois de Manon e de Marguerite, meu pensamento se voltava àquelas que eu conhecia e que eu via se encaminharem, cantando, em direção a uma morte quase sempre invariável.

Pobres criaturas! Se é um erro amá-las, bem menos errado é lamentá-las. Lamentamos pelo cego que jamais viu a luz do dia, pelo surdo que jamais ouviu os acordes da natureza, pelo mudo que jamais

pôde emitir a voz de sua alma, porém, sob um falso pretexto de pudor, não queremos lamentar a cegueira do coração, a surdez da alma, o mutismo da consciência que tornam louca a triste infeliz, fazendo, contra sua vontade, que seja incapaz de ver o bem, de ouvir o Senhor e de falar a língua pura do amor e da fé.

Hugo criou *Marion Delorme*, Musset criou *Bernerette*, Alexandre Dumas criou *Fernande*,^[3] os pensadores e os poetas de todos os tempos levaram à cortesã a oferenda de sua misericórdia, e, algumas vezes, um grande homem as reabilitou com seu amor e até mesmo com seu nome. Se insisto nesse ponto é porque, entre aqueles que irão me ler, muitos talvez já estejam prestes a rejeitar este livro, no qual receiam não ver mais que uma apologia ao vício e à prostituição, e a idade do autor sem dúvida contribui para motivar esse receio. Que aqueles que assim pensam não se enganem, e continuem, se apenas este receio os retém.

Muito simplesmente estou convencido do seguinte princípio: para as mulheres a quem a educação não ensinou o bem, Deus quase sempre abre duas sendas que levam a ele; essas sendas são o sofrimento e o amor. São difíceis, e quem nelas se embrenham ensanguentam os pés, ferem as mãos, mas ao mesmo tempo deixam nos espinheiros do percurso os ornamentos do vício, e chegam ao fim com aquela nudez que não causa rubor diante do Senhor.

Aqueles que encontram essas viajantes audaciosas devem dar-lhes apoio e dizer a todos que as encontraram, pois, tornando público esse fato, eles mostram o caminho.

Não se trata simplesmente de colocar duas colunas na entrada da vida, uma delas sustentando esta inscrição: *Caminho do bem*, e a outra este aviso: *Caminho do mal*, e de dizer aos que se apresentam: “Escolham”. É preciso, como o Cristo, mostrar os caminhos que conduzem da segunda via à primeira para aqueles que se deixaram tentar pelos desvios e, principalmente, é preciso que o início desses caminhos não seja demasiado doloroso, nem pareça demasiado impenetrável.

O cristianismo aí está com sua maravilhosa parábola do filho pródigo para nos aconselhar a indulgência e o perdão. Jesus estava

cheio de amor por essas almas feridas pelas paixões humanas, e gostava de tratar-lhes os ferimentos retirando desses próprios ferimentos o bálsamo que iria curá-los. Assim, ele dizia a Madalena: “Muito te será perdoado porque muito amaste”, sublime perdão que devia despertar uma fé sublime.

Por que nos faríamos mais rígidos do que o Cristo? Por que, nos apegando obstinadamente às opiniões deste mundo, que se faz duro para que o julgemos forte, rejeitaríamos, juntamente com ele, almas que muitas vezes sangram em feridas por onde escorre o mal de seu passado, como o sangue ruim de um doente, não esperando nada além da mão amiga que venha tratá-las e trazer-lhes a convalescença do coração?

É à minha geração que me dirijo, àqueles para quem as teorias do senhor Voltaire felizmente não existem mais, àqueles que, como eu, compreendem que a humanidade vem passando, há quinze anos, por um de seus mais audaciosos impulsos. A ciência do bem e do mal está para sempre conquistada. A fé se reconstrói, o respeito pelas coisas santas nos é devolvido, e se o mundo não se apresenta completamente bom, ao menos se apresenta melhor. Os esforços de todos os homens inteligentes tendem ao mesmo objetivo, e todas as grandes intenções se atrelam ao mesmo princípio: sejamos bons, sejamos jovens, sejamos verdadeiros! O mal não passa de uma vaidade, tenhamos orgulho do bem e, sobretudo, não nos desesperemos. Não desprezemos a mulher que não é mãe, nem filha, nem esposa. Não limitemos a estima à família, nem a indulgência ao egoísmo. Visto que o céu se contenta mais pelo arrependimento de um pecador do que por cem justos que nunca pecaram, procuremos alegrar o céu. Ele pode nos recompensar com juro. Deixemos no nosso caminho a oferta do nosso perdão aos perdidos pelos desejos terrestres, a quem uma esperança divina talvez salvará, e, como dizem as boas velhinhas quando recomendam um remédio caseiro, se bem não fizer, mal não há de fazer.

Certamente, deve parecer bem pretensioso de minha parte querer extrair estes grandes resultados do pequeno assunto que trato. Mas sou daqueles que acreditam que o muito está no pouco. A criança é

pequena, mas encerra o homem; o cérebro é estreito, mas abriga o pensamento; o olho não passa de um ponto, mas abrange léguas.

IV

Dois dias depois, a venda estava completamente encerrada. Rendera cento e cinquenta mil francos.

Os credores dividiram dois terços entre si, e a família, composta por uma irmã e por um sobrinho pequeno, herdaram o resto.

Essa irmã arregalou os olhos quando o negociante lhe escreveu que havia herdado cinquenta mil francos.

Há seis ou sete anos não via a irmã, que um dia desaparecera sem que se soubesse, nem por ela nem por ninguém, o menor detalhe de sua vida desde o momento de seu desaparecimento.

Ela chegou apressadamente em Paris, e a surpresa dos que conheciam Marguerite foi grande quando viram que sua única herdeira era uma robusta e bela jovem camponesa, que até então jamais saíra de sua aldeia.

Sua fortuna se fez de uma só vez, sem que sequer soubesse de que fonte lhe vinha essa riqueza inesperada.

Retornou a sua aldeia, disseram-me depois, levando da morte da irmã uma grande tristeza, compensada, entretanto, pelo investimento a quatro e meio por cento que acabara de fazer.

Todas essas circunstâncias, repetidas em Paris, a cidade-mãe do escândalo, começavam a ser esquecidas, e eu mesmo já me esquecia de que forma tomara parte naqueles acontecimentos, quando um novo incidente me pôs a par de toda a vida de Marguerite e me fez conhecer pormenores tão tocantes que tive vontade de escrever esta história, e a escrevo.

Havia três ou quatro dias que o apartamento, já sem nenhum dos móveis vendidos, estava para alugar, quando certa manhã bateram à minha porta.

Meu criado, ou melhor, meu porteiro que me servia de criado, foi

abrir e voltou com uma carta para mim, dizendo que a pessoa que a entregara gostaria de falar comigo.

Olhei para a carta e li estas duas palavras: *Armand Duval*.

Procurei saber onde já vira esse nome, e me lembrei da primeira folha do livro *Manon Lescaut*.

Que poderia querer comigo a pessoa que dera esse livro a Marguerite? Mandeí entrar imediatamente quem esperava.

Vi então um rapaz loiro, alto, pálido, vestindo uma roupa de viagem que ele parecia não tirar há alguns dias, e nem sequer ter-se dado ao trabalho de escová-la quando chegou em Paris, pois estava coberta de poeira.

Monsieur^[1] Duval, muito emocionado, não fez esforço algum para esconder sua emoção, e foi com lágrimas nos olhos e um tremor na voz que me disse:

— Senhor, desculpe-me, eu lhe peço, por minha visita e por minhas roupas, mas, além de que entre nós, jovens, não nos incomodemos muito, eu desejava tanto vê-lo hoje que nem perdi tempo indo ao hotel para o qual enviei minhas malas, e vim correndo até sua casa, temendo, embora ainda seja cedo, não encontrá-lo.

Disse a M. Duval que sentasse próximo à lareira, o que ele fez enquanto tirava do bolso um lenço, com o qual escondeu o rosto por um momento.

— O senhor não deve estar compreendendo — retomou ele suspirando tristemente — o que quer do senhor um visitante desconhecido, a uma hora destas, vestido dessa forma e chorando como o faz. Venho simplesmente pedir-lhe, senhor, um grande favor.

— Fale, senhor, estou inteiramente à sua disposição.

— O senhor esteve no leilão de Marguerite Gautier?

Ao dizer isso, a emoção que esse jovem dominara por um instante foi mais forte que ele, forçando-o a levar as mãos aos olhos.

— Devo parecer-lhe bem ridículo — acrescentou —, desculpe-me também por isso, e creia que nunca irei esquecer a paciência com que aceita ouvir-me.

— Senhor — respondi —, se o favor que pareço poder prestar-lhe servir para acalmar um pouco a tristeza que sente, diga-me logo o que

devo fazer, e encontrará em mim um homem feliz por ajudá-lo.

A dor de M. Duval era simpática, e ainda que fosse contra a minha vontade, eu teria desejado ser-lhe agradável.

Então ele me disse:

— O senhor comprou algo durante o leilão de Marguerite?

— Sim, senhor, um livro.

— *Manon Lescaut*?

— Exatamente.

— Ainda tem o livro?

— Está em meu quarto.

Armand Duval, com essa notícia, pareceu aliviado de um grande peso e agradeceu-me como se eu já tivesse começado a fazer-lhe um favor ao guardar o volume.

Nesse momento levantei-me, fui até meu quarto, peguei o livro e o estendi a ele.

— É este mesmo — disse ele olhando a dedicatória da primeira página e folheando-o —, é este mesmo.

E duas grandes lágrimas caíram sobre as páginas.

— Bem, senhor — disse ele levantando a cabeça, não mais tentando esconder-me que havia chorado e que estava prestes a chorar novamente —, tem muito apego a esse livro?

— Por que, meu senhor?

— Porque venho pedir-lhe que o ceda a mim.

— Perdoe minha curiosidade — disse-lhe eu —, mas então foi o senhor que o deu a Marguerite Gautier?

— Fui eu mesmo.

— Este livro lhe pertence, senhor, fique com ele, estou feliz em poder devolvê-lo.

— Mas — fez M. Duval com certo embaraço —, quero dar-lhe ao menos a quantia que pagou por ele.

— Permita-me oferecê-lo ao senhor. O valor de um só volume em um leilão como aquele é uma bagatela, e nem me recordo mais quanto paguei por este aqui.

— Pagou cem francos.

— É verdade — disse eu, embaraçado por minha vez —, como

sabe?

— É simples, eu esperava chegar em Paris a tempo de participar da venda das coisas de Marguerite, mas só consegui chegar esta manhã. Eu fazia questão de ter algum objeto que viesse dela e corri à casa do oficial leiloeiro para pedir permissão de ver a lista dos objetos vendidos e os nomes dos compradores. Vi que o livro fora comprado pelo senhor, e resolvi pedir-lhe que o cedesse a mim, embora o preço pago por ele tenha-me feito temer que o senhor mesmo pudesse ter alguma lembrança que se ligasse à posse desse livro.

Falando assim, Armand parecia evidentemente temer que eu tivesse conhecido Marguerite do mesmo modo que ele a conhecera.

Apressei-me em tranquilizá-lo.

— Só conheci Mlle. Gautier de vista — disse-lhe —, sua morte causou em mim a impressão que sempre causa em um jovem a morte de uma bela mulher que lhe seja agradável encontrar. Eu quis comprar alguma coisa no leilão e insisti em oferecer mais pelo volume, não sei por que, talvez pelo prazer de irritar um cavalheiro que se obstinava por ele e parecia desafiar-me a consegui-lo. Eu repito, meu senhor, o livro está à sua disposição e peço-lhe novamente que o aceite, para que não o obtenha de mim como eu o obtive de um leiloeiro, e para que ele seja entre nós o voto de um conhecimento mais longo e de relações mais próximas.

— Pois bem — disse-me Armand estendendo a mão para apertar a minha —, eu aceito e serei reconhecido ao senhor por toda a minha vida.

Tive muita vontade de questionar Armand a respeito de Marguerite, pois a dedicatória do livro, a viagem que fizera, seu desejo de possuir esse volume, incitavam minha curiosidade. Mas eu receava que, questionando meu visitante, desse a impressão de haver recusado seu dinheiro apenas para ter o direito de me intrometer em seus assuntos.

Parecia que ele adivinhara minha vontade, pois me disse:

— O senhor leu este livro?

— Inteiro.

— O que achou das duas linhas que eu escrevi?

— Entendi imediatamente que, a seus olhos, a pobre moça a quem o senhor dera este livro se destacava da categoria comum, pois eu não queria ver nessas linhas apenas um elogio banal.

— E o senhor tinha razão. Essa moça era um anjo. Veja — disse-me ele —, leia esta carta.

E estendeu-me um papel que parecia ter sido muitas vezes relido. Eu o abri, e eis o que continha:

Meu querido Armand, recebi sua carta, você ficou bem e agradeço a Deus por isso. Sim, meu amigo, estou doente, e de uma dessas doenças que não perdoam. Mas o interesse que ainda demonstra por mim diminui muito meu sofrimento. É provável que eu não viva o bastante para ter a felicidade de apertar a mão que escreveu a agradável carta que acabo de receber, e cujas palavras me curariam, se alguma coisa pudesse curar-me. Não o verei, pois estou muito perto da morte, e centenas de léguas o separam de mim. Pobre amigo! Sua Marguerite de outrora está bem mudada, e talvez seja melhor não tornar a vê-la, da maneira como está. Pergunta-me se eu o perdoo. Oh! De todo coração, amigo, já que o mal que quis me fazer não era senão uma prova do amor que tinha por mim. Há um mês estou na cama, e sua estima é tão valiosa para mim que todo dia escrevo o diário da minha vida, desde o momento em que nos separamos até o momento em que não tiver mais forças para escrever.

Se o interesse que tem por mim é verdadeiro, Armand, quando retornar vá à casa de Julie Duprat. Ela irá entregar-lhe este diário. Nele encontrará o motivo e a explicação do que aconteceu entre nós. Julie é muito boa para mim. Conversamos muitas vezes a seu respeito. Ela estava aqui quando sua carta chegou, e nós choramos ao lê-la.

Caso não tivesse mandado notícias suas, ela estava encarregada de entregar-lhe estes papéis logo que chegasse à França. Não me agradeça. Essa volta cotidiana aos únicos momentos felizes da minha vida me fazem um bem enorme, e se nessa leitura você encontrar a explicação do passado, nela eu encontro um consolo constante.

Gostaria de deixar-lhe algo que sempre o fizesse lembrar de mim, mas tudo está penhorado em minha casa, nada me pertence.

Compreende, meu amigo? Vou morrer, e do meu quarto ouço andar pela sala

o guarda que meus credores colocaram aqui para que nada seja retirado, e nada me reste caso eu não venha a morrer. Tenho esperança de que aguardem o fim para começar a vender.

Oh, os homens são impiedosos! Ou talvez eu me engane, é Deus que é justo e inflexível.

Pois bem, meu querido, você terá que vir ao meu leilão e comprar alguma coisa, pois se eu separasse para você o menor objeto que fosse, e viessem a saber, seriam capazes de acusá-lo por desvio de objetos penhorados.

Triste vida esta que eu deixo!

Como Deus seria bom se permitisse que eu tornasse a vê-lo antes de morrer! Segundo todas as probabilidades, adeus, meu amigo. Perdoe-me se não escrevo mais, mas aqueles que dizem que vão me curar me esgotam com sangrias, e minha mão se recusa a continuar escrevendo.

MARGUERITE GAUTIER

De fato, mal se podiam ler as últimas palavras.

Devolvi a carta a Armand, que sem dúvida acabava de a reler em pensamento como eu a lera no papel, pois me disse ao retomá-la:

— Jamais diriam que foi escrita por uma cortesã!

E emocionado com suas lembranças, contemplou por algum tempo a caligrafia da carta, que acabou levando aos lábios.

— E quando eu penso — disse — que ela morreu sem que eu pudesse revê-la e que nunca mais a verei. Quando penso que ela fez por mim o que nem uma irmã teria feito, não me perdoe por tê-la deixado morrer assim. Morta! Morta! Pensando em mim, escrevendo e dizendo meu nome, pobre querida Marguerite!

Dando livre curso a seus pensamentos e a suas lágrimas, Armand estendeu-me a mão e continuou:

— Iriam achar-me bem infantil se me vissem lamentar uma morte como essa. É que não sabem o quanto fiz essa mulher sofrer, o quanto fui cruel, e o quanto ela foi boa e resignada. Eu acreditava que cabia a mim perdoá-la, e hoje me acho indigno do perdão que ela me concedeu. Oh! Daria dez anos da minha vida para chorar uma hora a seus pés.

É sempre difícil consolar uma tristeza que não se conhece, no entanto, eu tinha uma viva simpatia por aquele jovem, ele me fazia confidente de suas mágoas com tanta franqueza que achei que minhas palavras não lhe seriam indiferentes, então lhe disse:

— O senhor não tem parentes, amigos? Tenha esperança, vá visitá-los, eles irão consolá-lo, pois a única coisa que posso fazer é lamentar.

— Está certo — disse ele levantando-se e caminhando por meu quarto a largas passadas —, eu o aborreço. Desculpe-me, não havia pensado que minha dor significasse pouco para o senhor, que eu o incomodo com algo que não pode e não deve absolutamente lhe interessar.

— Engana-se quanto ao sentido das minhas palavras, estou totalmente a seu dispor. Apenas lamento minha insuficiência para acalmar seu pesar. Se minha companhia, e a de meus amigos, puder distraí-lo, enfim, se precisar de mim para o que quer que seja, quero que saiba que terei todo prazer em lhe ser agradável.

— Perdão, perdão — disse-me ele —, a dor exagera as sensações. Deixe-me ficar por mais alguns minutos, o tempo de enxugar os olhos, para que os desocupados da rua não olhem como uma curiosidade este rapagão chorando. O senhor acaba de me deixar muito feliz dando-me este livro. Jamais saberei como agradecer o que lhe devo.

— Concedendo-me um pouco da sua amizade — eu disse a Armand —, e dizendo-me a causa do seu tormento. Consolamo-nos contando o que nos faz sofrer.

— Tem razão, mas hoje sinto muita necessidade de chorar e só lhe diria coisas desordenadas. Um dia irei colocá-lo a par dessa história, e verá se tenho razão para lamentar por essa pobre moça. Agora — acrescentou, esfregando os olhos uma última vez e olhando-se no espelho —, diga-me que não me acha muito tolo, e permita-me voltar a vê-lo.

O olhar desse jovem era bondoso e terno; estive a ponto de abraçá-lo.

Quanto a ele, seus olhos começavam a cobrir-se novamente de lágrimas. Ele viu que eu percebia e desviou o olhar.

— Vamos lá — disse-lhe —, coragem!

— Adeus — ele respondeu.

E fazendo um grande esforço para não chorar, ele fugiu, mais do que saiu, de minha casa.

Levantei a cortina da janela e pude vê-lo subir na carruagem que o aguardava à porta. Assim que entrou, desmanchou-se em lágrimas e escondeu o rosto em seu lenço.

V

Muito tempo se passou sem que eu ouvisse falar de Armand, mas, em contrapartida, falava-se de Marguerite com frequência.

Não sei se notaram, mas basta que o nome de uma pessoa, que nos parecia ser desconhecida, ou ao menos indiferente, seja pronunciado uma só vez diante de nós para que detalhes venham pouco a pouco juntar-se a esse nome, e para que ouçamos todos os nossos amigos nos falarem de algo que nunca antes haviam mencionado. Descobrimos então que essa pessoa estava até bem próxima, nos damos conta de que ela passou várias vezes em nossa vida sem ser notada. Achamos nos acontecimentos que nos relatam uma coincidência, uma real afinidade com certos acontecimentos de nossa própria existência. Não era exatamente meu caso em relação a Marguerite, uma vez que a havia visto, encontrado e a conhecia de vista e por seus hábitos. Mas, após aquele leilão, seu nome chegara frequentemente aos meus ouvidos, e, nas circunstâncias que mencionei no capítulo anterior, esse nome se havia mesclado a uma mágoa tão profunda que minha surpresa crescera, aumentando minha curiosidade.

Resultou disso que eu não abordava mais meus amigos, aos quais nunca havia falado de Marguerite, senão dizendo:

— Conheceu uma tal de Marguerite Gautier?

— A Dama das Camélias?

— Exatamente.

— Muito!

Estes “muito!” algumas vezes vinham acompanhados de sorrisos incapazes de deixar qualquer dúvida sobre seu significado.

— Pois bem, que tipo de moça ela era? — continuava eu.

— Uma boa moça.

— Só isso?

— Meu Deus! Sim, um pouco mais de essência e talvez um pouco mais de coração que as outras.

— E não sabem nada de particular sobre ela?

— Ela arruinou o barão de G...

— Só?

— Foi amante do velho duque de...

— Era mesmo amante dele?

— É o que dizem. Em todo caso, ele lhe dava muito dinheiro.

Sempre os mesmos detalhes vagos.

Entretanto, eu tinha curiosidade de saber alguma coisa sobre a ligação de Marguerite com Armand.

Certo dia encontrei um desses sujeitos que vivem constantemente na intimidade das mulheres da vida. Questionei-o.

— Conheceu Marguerite Gautier?

O mesmo “muito” me foi respondido.

— Como era ela?

— Bonita e boa moça. Sua morte deu-me muita pena.

— Não teve um amante chamado Armand Duval?

— Um loiro alto?

— Sim.

— É verdade.

— E quem era esse Armand?

— Um rapaz que dividia com ela o pouco que tinha, me parece, e que foi forçado a deixá-la. Dizem que era louco por ela.

— E ela?

— Ela também o amava muito, é o que sempre dizem, mas do jeito que amam essas moças. Não dá para pedir-lhes mais do que podem dar.

— O que aconteceu com Armand?

— Não sei. Não o conhecíamos muito. Ficou cinco ou seis meses com Marguerite, mas no campo. Quando ela voltou, ele partiu.

— Não o viu mais?

— Nunca mais.

Eu também não tornara a ver Armand. Cheguei a me perguntar se, quando estivera em minha casa, a recente notícia da morte de

Marguerite não havia exagerado o amor que ele sentia antes e, em consequência, seu sofrimento, e eu me dizia que ele talvez já tivesse esquecido, juntamente com a morta, a promessa que fizera de voltar a me ver.

Essa suposição teria sido bastante verossímil a respeito de um outro, mas o desespero de Armand mostrara sinais sinceros, e, passando de um extremo a outro, imaginei que o desgosto se transformara em doença, e que se eu não tinha notícias suas era porque estava doente, talvez morto.

Interessava-me por esse rapaz mesmo sem querer. Talvez houvesse egoísmo nesse interesse; talvez eu tivesse entrevisto sob aquele sofrimento uma história tocante de coração, talvez, enfim, meu desejo de conhecê-la estivesse relacionado com a preocupação que me causava o silêncio de Armand.

Como M. Duval não retornava à minha casa, resolvi ir até a casa dele. Não era difícil encontrar um pretexto. Infelizmente eu não sabia seu endereço e, entre todos a quem perguntei, ninguém soube me dizer.

Fui até a Rua d'Antin. O porteiro de Marguerite talvez soubesse onde morava Armand. Era um novo porteiro. Ele ignorava como eu. Perguntei então em que cemitério Mlle. Gautier fora enterrada. Era o cemitério Montmartre.

Estávamos em abril, fazia tempo bom, os túmulos não deviam mais estar com aquele aspecto triste e desolado que o inverno lhes confere. Enfim, já fazia calor suficiente para que os vivos se lembrassem dos mortos e os visitassem. Dirigi-me ao cemitério pensando: “Uma simples visita ao túmulo de Marguerite e verei se a dor de Armand ainda existe, e talvez fique sabendo o que foi feito dele”.

Entrei na cabine do guarda e lhe perguntei se no dia 22 de fevereiro uma mulher chamada Marguerite Gautier havia sido sepultada no cemitério Montmartre.

O homem folheou um livro grande, onde estão inscritos e numerados todos os que entram neste último asilo, e me respondeu que, de fato, no dia 22 de fevereiro, ao meio-dia, uma mulher com esse nome fora enterrada.

Pedi-lhe que mandasse alguém levar-me até o túmulo, pois não há como se orientar, sem um guia, nessa cidade dos mortos que tem suas ruas como a cidade dos vivos. O guarda chamou um jardineiro, a quem deu as indicações necessárias, e que o interrompeu dizendo: “eu sei, eu sei...”

— Oh! É bem fácil reconhecer o túmulo — continuou, voltando-se para mim.

— Por quê? — perguntei.

— Porque tem flores bem diferentes dos outros.

— É o senhor quem cuida dele?

— Sim senhor, e gostaria que todos os parentes cuidassem dos seus mortos como o jovem que me recomendou cuidar desse túmulo.

Depois de algumas voltas, o jardineiro parou e me disse:

— Chegamos.

Com efeito, eu tinha sob os olhos um quadrado de flores que ninguém diria ser um túmulo, não fosse por um mármore branco, com um nome inscrito, constatando-o.

O mármore fora colocado de pé, uma grade de ferro limitava o terreno comprado, e esse terreno estava coberto de camélias brancas.

— O que me diz disso? — perguntou-me o jardineiro.

— É muito bonito.

— E cada vez que uma camélia murcha, tenho ordem de substituí-la.

— E quem lhe deu essa ordem?

— Um rapaz que chorou muito a primeira vez que veio aqui, um antigo conhecido da morta, sem dúvida, pois parece que ela era uma cortesã. Dizem que era muito bonita. O senhor a conheceu?

— Conheci.

— Como o outro? — disse-me o jardineiro com um sorriso malicioso.

— Não, nunca falei com ela.

— E vem vê-la aqui. É muita gentileza da sua parte, pois aqueles que vêm ver a pobre moça não enchem o cemitério.

— Ninguém vem, então?

— Ninguém, a não ser aquele jovem que veio uma vez.

— Só uma vez?

— Sim, senhor.

— E não voltou mais?

— Não, mas voltará quando regressar.

— Então está viajando?

— Está.

— O senhor sabe onde ele se encontra?

— Na casa da irmã de Mlle. Gautier, creio.

— O que foi fazer lá?

— Foi pedir a ela autorização para exumar a morta e enterrá-la em outro lugar.

— Por que tirá-la daqui?

— Sabe como é, meu senhor, alguns têm planos para os mortos. Nós, aqui, vemos isso todos os dias. Este terreno é comprado só por cinco anos, e esse rapaz quer conseguir uma concessão perpétua e um terreno maior. Na parte nova será mais fácil.

— O que o senhor chama de parte nova?

— Os terrenos novos que estão à venda agora, à esquerda. Se o cemitério sempre tivesse tido a manutenção que tem agora, não haveria nada parecido no mundo. Mas ainda falta muito a fazer antes que fique como deve ser. Além disso, as pessoas são muito engraçadas.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que até aqui tem gente orgulhosa. Essa senhorita Gautier, por exemplo, parece que foi da vida, desculpe a expressão. Agora, coitada, está morta. E sobrou dela o mesmo que sobra daquelas sobre quem não se tem nada a dizer, e que a gente rega todo dia. Então, quando os parentes das pessoas que estão enterradas perto dela souberam quem ela era, não é que vieram dizer que se opunham a que ela fosse colocada aqui, e que deveriam existir terrenos separados para esse tipo de mulher, como existe para os pobres? Onde já se viu uma coisa dessas? Eu reparei bem neles, gente rica que não vem nem quatro vezes por ano visitar seus defuntos, que trazem eles próprios as flores, e vou contar que flores! Que não querem saber de gastar com os cuidados a quem eles dizem chorar, que escrevem nos

túmulos lágrimas que eles nunca choraram, e depois vêm se indispor com a vizinhança. Acredite se quiser, meu senhor, eu não conhecia essa moça, não sei o que ela fez, mas gosto da pobrezinha, cuido dela, e lhe trago as camélias pelo preço mais justo. É minha morta predileta. Nós aqui, meu senhor, somos obrigados a gostar dos mortos porque vivemos tão ocupados que quase não temos tempo de gostar de outra coisa.

Eu olhava para aquele homem, e, sem que eu precise lhes explicar, alguns de meus leitores entenderão que emoção eu sentia ao ouvi-lo.

Provavelmente ele se deu conta disso, pois continuou:

— Dizem que tem gente que se arruinou por causa dessa moça, e que tinha amantes que a adoravam. Então, quando eu penso que nem um só deles vem comprar uma flor que seja para ela, é o que acho curioso e triste. E ela nem tem do que se queixar, porque possui um túmulo, e mesmo que só um se lembre dela, ele faz as coisas pelos outros. Mas aqui tem outras coitadas do mesmo tipo e da mesma idade que são jogadas na vala comum, e me corta o coração quando ouço seus pobres corpos caírem na terra. E ninguém para cuidar delas depois de mortas! Nem sempre é divertido esse trabalho que nós fazemos, principalmente se a gente ainda tem algum coração. O que o senhor quer? É mais forte do que eu. Eu tenho uma filha linda de vinte anos, e quando chega aqui uma morta da mesma idade, eu penso nela, e, seja uma grande dama ou uma vagabunda, não consigo deixar de me emocionar. Mas devo estar aborrecendo o senhor com essas histórias, e não foi para escutar essas coisas que veio aqui. Pediram para eu trazê-lo ao túmulo de Mlle. Gautier, aqui está, ainda posso ser útil de alguma forma?

— Sabe o endereço de M. Armand Duval? — perguntei ao homem.

— Sei, ele mora na rua de..., pelo menos foi lá que peguei o pagamento por todas as flores que o senhor vê.

— Obrigado, meu amigo.

Lancei um último olhar sobre esse túmulo florido, embora quisesse ter sondado suas profundezas para ver o que a terra havia feito à bela criatura que ali fora jogada, e me afastei bastante entristecido.

— O senhor quer ver M. Duval? — perguntou o jardineiro

caminhando ao meu lado.

— Sim.

— Tenho certeza de que ele ainda não retornou, senão já o teria visto por aqui.

— Então está convencido de que ele não se esqueceu de Marguerite?

— Não só estou convencido como apostaria que o desejo de mudar sua sepultura não é nada mais que o desejo que ele tem de revê-la.

— Como assim?

— A primeira coisa que ele me disse quando veio ao cemitério foi: “Como fazer para vê-la novamente?” — Isso só poderia acontecer com a mudança do túmulo, e eu o informei sobre todas as formalidades que deveria cumprir para conseguir essa mudança, pois o senhor sabe que para transferir os mortos de um túmulo para outro é preciso fazer seu reconhecimento, e só a família pode autorizar essa operação, que é conduzida por um comissário de polícia. Foi para obter essa autorização que M. Duval foi até a casa da irmã de Mlle. Gautier, e evidentemente, a primeira visita que fará será para nós.

Havíamos chegado à porta do cemitério; agradei mais uma vez ao jardineiro colocando algumas moedas em sua mão, e dirigi-me ao endereço que ele me dera.

Armand não havia regressado.

Deixei uma mensagem em sua casa, pedindo que fosse me ver quando chegasse, ou que mandasse me dizer onde eu poderia encontrá-lo.

No dia seguinte, pela manhã, recebi uma carta de Duval informando-me de seu retorno e pedindo-me para passar em sua casa, acrescentando que, morto de cansaço, era-lhe impossível sair.

VI

Encontrei Armand de cama.

Ao ver-me, estendeu-me sua mão que queimava.

— Está com febre — eu lhe disse.

— Não deve ser nada, é só o cansaço de uma viagem rápida.

— Está vindo da casa da irmã de Marguerite?

— Sim, quem lhe disse?

— Eu sei, e conseguiu o que queria?

— Consegui, mas quem lhe contou da viagem e do objetivo que tinha ao fazê-la?

— O jardineiro do cemitério.

— Viu o túmulo?

Mal ousei responder, pois o tom daquela frase provava-me que quem a dissera continuava entregue à emoção de que eu fora testemunha, e que cada vez que seu pensamento ou que as palavras de alguém o recondusissem a esse doloroso tema, ainda por muito tempo essa emoção trairia sua determinação.

Limitei-me então a responder com um aceno de cabeça.

— Ele cuidou bem de tudo? — continuou Armand.

Duas grandes lágrimas correram pelas faces do enfermo, que virou a cabeça para escondê-las de mim. Demonstrei não ter notado e tentei mudar de assunto.

— Faz três semanas que o senhor partiu — disse-lhe.

Armand passou a mão nos olhos e respondeu:

— Exatas três semanas.

— Sua viagem foi longa.

— Não viajei o tempo todo, fiquei quinze dias doente, senão teria regressado muito antes. Mas assim que cheguei lá a febre me pegou e fui obrigado a ficar de resguardo.

— E voltou sem estar curado.
— Se tivesse que ficar mais oito dias naquele lugar, eu morreria.
— Mas agora está de volta, precisa se cuidar; seus amigos virão visitá-lo. Se me permitir, serei o primeiro.
— Em duas horas estarei em pé.
— Que imprudência!
— É necessário.
— O que precisa fazer de tão urgente?
— É preciso que eu vá até o comissário de polícia.
— Por que não encarrega alguém dessa missão, que pode deixá-lo mais doente ainda?

— É a única coisa que poderia me curar. Preciso vê-la. Desde que soube da sua morte, e principalmente depois que vi seu túmulo, não durmo mais. Não consigo acreditar que essa mulher que eu deixei, tão jovem e tão bela, esteja morta. Tenho de me certificar por mim mesmo. Preciso ver o que Deus fez a essa criatura que tanto amei, e talvez o desgosto do espetáculo substitua o desespero das lembranças. O senhor me acompanhará, não é? Se não for aborrecê-lo demais...

— O que disse à irmã dela?

— Nada. Ela pareceu muito admirada que um estranho quisesse comprar um terreno e mandasse erguer um túmulo para Marguerite, e assinou imediatamente a autorização que eu lhe pedia.

— Acredite, é melhor aguardar até que esteja bem curado antes de fazer essa transferência.

— Oh, vou ser forte, fique tranquilo! Além disso, eu ficaria louco se não concluísse brevemente essa resolução que se tornou uma necessidade do meu sofrimento. Juro que só conseguirei ficar calmo quando puder ver Marguerite. Talvez seja uma sede dessa febre que me queima, um sonho das minhas insônias, um resultado do meu delírio. E ainda que, depois de ter visto, eu deva me tornar um monge trapista, como M. de Rancé, eu verei.

— Entendo — eu disse a Armand —, e fico à sua disposição. Esteve com Julie Duprat?

— Sim. Oh, eu a vi naquele mesmo dia em que voltei pela primeira vez.

— E ela entregou os papéis que Marguerite havia deixado para o senhor?

— Estão aqui.

Armand puxou um rolo de papéis que estava sob o travesseiro, e imediatamente o colocou de volta.

— Sei de cor o que contêm esses papéis — disse-me. — Há três semanas os leio dez vezes por dia. O senhor também lerá, porém, mais tarde, quando eu estiver mais calmo e puder lhe explicar tudo o que esta confissão revela de coração e de amor. No momento, tenho um favor a lhe pedir.

— Qual?

— Tem uma carruagem à sua espera?

— Sim.

— Pois bem, poderia pegar meu documento e ir à posta-restante perguntar se há alguma carta para mim? Meu pai e minha irmã devem ter-me escrito aqui para Paris, mas viajei com tal precipitação que não tive tempo de verificar antes da minha partida. Quando voltar, iremos juntos alertar o comissário de polícia sobre a cerimônia de amanhã.

Armand me deu seu documento e segui até a Rua Jean-Jacques Rousseau.

Havia duas cartas em nome de Duval. Peguei-as e retornei.

Quando cheguei, Armand estava vestido e pronto para sair.

— Obrigado — disse-me pegando as cartas. — Sim, sim — acrescentou após ter verificado os endereços —, são de meu pai e de minha irmã. Eles não devem ter entendido meu silêncio.

Abriu as cartas, e mais adivinhou o que continham do que leu, pois cada uma tinha quatro páginas, e ao final de um instante estavam novamente dobradas.

— Vamos — disse-me —, respondo-as amanhã.

Fomos ao encontro do comissário de polícia, a quem Armand entregou a procuração da irmã de Marguerite.

Em troca, o comissário deu-lhe uma carta de aviso para entregar ao guarda do cemitério. Ficou acertado que a transferência ocorreria no dia seguinte, às dez horas da manhã, que eu passaria para buscá-lo

uma hora antes, e que iríamos juntos ao cemitério.

Eu também tinha curiosidade em acompanhar esse espetáculo, e confesso que à noite não dormi.

A julgar pelos pensamentos que me assaltaram, deve ter sido uma longa noite para Armand.

No dia seguinte, às nove horas, quando entrei em sua casa, ele estava terrivelmente pálido, mas parecia calmo.

Sorriu-me e estendeu-me a mão.

Suas velas haviam queimado até o final, e antes de sair Armand pegou uma carta bastante volumosa, endereçada a seu pai, e certamente depositária das emoções de sua noite.

Cerca de meia hora depois chegávamos a Montmartre.

O comissário já nos esperava.

Dirigimo-nos lentamente ao túmulo de Marguerite. O comissário ia à frente, Armand e eu o seguíamos poucos passos atrás.

De tempos em tempos eu sentia o braço de meu companheiro estremecer convulsivamente, como se arrepios o houvessem percorrido de repente. Então eu olhava para ele; ele entendia meu olhar e sorria, mas desde que saímos de sua casa não havíamos trocado uma só palavra.

Pouco antes de chegar ao túmulo, Armand parou para enxugar o rosto inundado de suor.

Aproveitei essa pausa para respirar, pois eu mesmo tinha o coração comprimido como se estivesse em um torno.

De onde vem o doloroso prazer que nos invade diante desse tipo de espetáculo?! Quando chegamos ao túmulo, o jardineiro havia retirado todos os vasos de flor, a grade de ferro havia sido removida, e dois homens cavavam a terra.

Armand apoiou-se em uma árvore e observou.

Toda a sua vida parecia estar passando por seus olhos.

De repente, uma das duas picaretas rangeu contra uma pedra.

A esse ruído, Armand recuou como se levasse um choque elétrico, e apertou minha mão com tamanha força que me machucou.

Um dos coveiros pegou uma grande pá e pouco a pouco esvaziou a cova. Depois, quando restavam apenas as pedras com que se cobre o

caixão, jogou uma a uma para fora.

Eu observava Armand, pois a cada minuto temia que as sensações que ele visivelmente acumulava pudessem abatê-lo. Mas ele continuava olhando; os olhos fixos e abertos como em um estado de loucura, e um leve tremor nas faces e nos lábios suficiente para provar que estava vulnerável a uma violenta crise nervosa.

Quanto a mim, só conseguia pensar uma coisa: que me arrependia de ter ido.

Quando o caixão ficou totalmente descoberto, o comissário disse aos coveiros:

— Abram.

Os homens obedeceram, como se fosse a coisa mais simples do mundo.

A urna era de carvalho, e eles começaram a desparafusar a parte superior que servia de tampa. A umidade da terra havia enferrujado o parafuso e não foi sem esforço que a urna se abriu. Um odor repugnante dela se desprende, apesar das plantas aromáticas que a rodeavam.

— Ó meu Deus! Meu Deus! — murmurou Armand, mais pálido ainda.

Até mesmo os coveiros recuaram.

Uma grande mortalha branca cobria o cadáver, desenhando algumas de suas sinuosidades. A mortalha tinha uma das pontas quase inteiramente puída, e deixava passar um dos pés da falecida.

Eu estava a ponto de passar mal e, no momento em que escrevo estas linhas, a lembrança daquela cena ainda me aparece em sua realidade impressionante.

— Vamos depressa — disse o comissário.

Então, um dos dois homens estendeu a mão, começou a retirar a mortalha e, puxando-a por uma ponta, descobriu bruscamente o rosto de Marguerite.

Era terrível ver, é horrível narrar.

Os olhos não passavam de dois buracos, os lábios haviam desaparecido e os dentes brancos cerravam-se uns contra os outros. Os longos cabelos negros e secos estavam colados às têmporas e

encobriam um pouco as cavidades verdes das faces e, no entanto, eu reconhecia naquele rosto o rosto branco, róseo e alegre que eu vira tantas vezes.

Sem poder desviar o olhar daquela imagem, Armand levava seu lenço à boca e o mordia.

A mim, pareceu-me que uma argola de ferro me pressionava a cabeça. Um véu cobriu meus olhos, ruídos surdos encheram-me os ouvidos, e tudo o que pude fazer foi abrir um frasco, que por acaso eu levava comigo, e inspirar fortemente os saís que ele continha.

Em meio a essa vertigem, ouvi o comissário perguntar a M. Duval:

— Reconhece?

— Sim — respondeu abafadamente o rapaz.

— Então fechem e levem — disse o comissário.

Os coveiros lançaram novamente a mortalha sobre o rosto da morta, fecharam o caixão, seguraram-no cada um de um lado e dirigiram-se ao local que lhes fora designado.

Armand não se mexia. Seus olhos estavam cravados naquela cova vazia. Estava pálido como o cadáver que acabávamos de ver... Parecia petrificado.

Percebi o que aconteceria quando a dor diminuísse pela ausência do espetáculo e, conseqüentemente, não o sustentasse mais.

Aproximei-me do comissário.

— A presença do rapaz — disse-lhe apontando Armand — ainda é necessária?

— Não — respondeu-me —, e o conselho mesmo a levá-lo, pois parece doente.

— Venha — eu disse então a Armand, pegando em seu braço.

— O quê? — disse ele, olhando-me como se não me houvesse reconhecido.

— Acabou — acrescentei —, deve ir embora, meu amigo, está pálido, com frio, vai matar-se com essas emoções.

— Tem razão, vamos embora — respondeu maquinalmente, porém sem dar um passo.

Então, puxei-o pelo braço e o arrastei.

Ele se deixava levar como uma criança, apenas murmurando de vez

em quando: — Você viu os olhos?

E voltava-se, como se aquela visão o estivesse chamando.

Todavia, seu andar tornou-se irregular. Parecia não conseguir avançar senão bruscamente. Seus dentes batiam, suas mãos estavam frias, uma violenta agitação nervosa tomava conta dele.

Eu lhe falava, ele não me respondia.

Tudo o que conseguia fazer era deixar-se conduzir.

À porta, encontramos uma carruagem. Na hora certa.

Assim que se acomodou, seu tremor aumentou e teve um verdadeiro ataque de nervos, em meio ao qual o receio de me assustar o fazia murmurar, enquanto apertava-me a mão:

— Não é nada, não é nada, gostaria de chorar.

E eu ouvia seu peito se encher, e o sangue chegar-lhe aos olhos, mas as lágrimas não lhe vinham.

Fiz que aspirasse o frasco que antes me servira, e quando chegamos em sua casa, apenas o tremor ainda se manifestava.

Com a ajuda do criado, o deitei. Mandeï acender a lareira em seu quarto e corri em busca do meu médico, a quem contei o que acabara de acontecer.

Ele o atendeu rapidamente.

Armand estava roxo, tinha delírios, balbuciava palavras desconexas, entre as quais apenas o nome de Marguerite se distinguia claramente.

— E então? — perguntei ao médico, após ter examinado o doente.

— Tem uma febre cerebral, nem mais nem menos, e é sorte, pois creio, Deus me perdoe, que teria enlouquecido. Felizmente, a doença física acabará com a doença moral, e dentro de um mês talvez esteja curado de uma e de outra.

VII

As doenças, como aquela que acometeu Armand, têm de bom que matam de imediato ou se deixam vencer rapidamente.

Quinze dias após os acontecimentos que acabo de relatar, Armand achava-se em plena convalescença e estávamos ligados por uma estreita amizade. Eu quase não saí de seu quarto durante todo o tempo em que se prolongou sua enfermidade.

A primavera semeara em profusão suas flores, suas folhas, seus pássaros, suas canções e a janela de meu amigo se abria alegremente sobre o jardim, de onde boas emanações subiam até ele.

O médico permitira que se levantasse, e muitas vezes ficávamos conversando, sentados perto da janela aberta, à hora em que o sol é mais quente, do meio-dia às duas horas.

Eu evitava falar-lhe de Marguerite, sempre por temor de que esse nome pudesse despertar uma triste recordação, adormecida sob a aparente calma do doente. Mas Armand, ao contrário, parecia sentir prazer ao falar dela, não mais como antes, com lágrimas nos olhos, mas com um doce sorriso, que me tranquilizava sobre seu estado de alma.

Eu havia notado que, desde sua última visita ao cemitério, desde o espetáculo que desencadeara nele aquela violenta crise, a intensidade da dor moral parecia ter sido suplantada pela doença, e que a morte de Marguerite já não lhe aparecia com o aspecto do passado. Uma espécie de consolo resultara da certeza adquirida, e para afastar a imagem sombria que frequentemente criava para si mesmo, mergulhava nas boas recordações de sua ligação com Marguerite, parecendo não querer aceitar nada além delas.

O corpo estava esgotado demais pela doença, e mesmo pela cura da febre, para permitir ao espírito uma emoção violenta, e a alegria

primaveril e universal que envolvia Armand levava seu pensamento involuntariamente a imagens agradáveis.

Sempre se recusara, obstinadamente, a informar sua família do perigo que corria e, mesmo depois de curado, seu pai ainda ignorava sua doença.

Uma noite havíamos ficado à janela até mais tarde que de costume. O tempo estivera magnífico e o sol se punha num brilhante crepúsculo azul e dourado. Embora estivéssemos em Paris, o verde que nos rodeava parecia nos isolar do mundo, e muito raramente o ruído de um veículo perturbava nossa conversa.

— Foi mais ou menos nesta época do ano e numa noite como esta que eu conheci Marguerite — disse-me Armand, escutando seus próprios pensamentos e não o que eu lhe dizia.

Não respondi nada.

Então, voltou-se para mim e disse-me:

— Preciso contar-lhe essa história. Daria um livro, no qual não acreditariam, mas que talvez fosse interessante escrever.

— Deixe para contar isso mais tarde, meu amigo — disse-lhe eu —, ainda não está completamente restabelecido.

— A noite está quente, comi meu peito de frango — disse-me sorrindo —, não tenho febre, não temos nada para fazer, vou contar-lhe tudo.

— Já que faz questão, eu escuto.

— É uma história bem simples — acrescentou — e vou contá-la seguindo a ordem dos acontecimentos. Se mais tarde fizer alguma coisa com ela, tenha a liberdade de narrá-la de outra forma.

Eis o que ele me contou, e mudei, se tanto, apenas algumas palavras deste comovedor relato.

— Sim — continuou Armand, deixando a cabeça cair sobre o encosto de sua poltrona —, sim, era uma noite como esta! Eu havia passado o dia no campo com um de meus amigos, Gaston R... À noite, retornamos a Paris e, não sabendo o que fazer, entramos no Teatro de Variedades. Durante um intervalo, nós saímos e, no corredor, vimos passar uma mulher que meu amigo cumprimentou.

— Quem está cumprimentando? — perguntei a ele.

— Marguerite Gautier — ele respondeu.

— Parece-me que está bem mudada, pois não a reconheci — eu disse, com uma emoção que você logo compreenderá.

— Ela esteve doente. A pobre moça não irá longe.

Lembro-me dessas palavras como se me tivessem sido ditas ontem.

É preciso que saiba, meu amigo, que dois anos antes, a visão dessa moça, quando a encontrava, causava-me uma estranha impressão.

Sem que eu soubesse por que, eu ficava pálido e meu coração batia violentamente. Tenho um amigo que estuda as ciências ocultas, e que chamaria essa sensação que eu experimentava de afinidade dos fluidos. Mas eu simplesmente acredito que estava destinado a me apaixonar por Marguerite, e que pressentia isso.

Seja como for, ela me causava uma impressão real, vários de meus amigos a haviam testemunhado, e muito se riam ao perceber de quem essa impressão me vinha.

A primeira vez que a vi foi na praça da Bolsa, à porta da Susse.^[1] Uma caleche descoberta ali estacionou, descendo dela uma mulher vestida de branco. Um murmúrio de admiração acolhera sua entrada na loja. Quanto a mim, permaneci pregado no mesmo lugar desde o momento em que ela entrou até o momento em que saiu. Através da vitrine, eu a observei escolhendo o que viera comprar na loja. Eu poderia ter entrado, mas não ousava. Não sabia quem era aquela mulher, receava que ela adivinhasse a causa da minha entrada na loja e se ofendesse. Mas não acreditava que me fosse dado revê-la.

Estava elegantemente vestida: usava um vestido de musselina rodeado de babados, um xale da Índia quadrado, com as pontas bordadas a ouro e flores de seda, um chapéu de palha da Itália e apenas um bracelete, grossa corrente de ouro que entrava na moda àquela época.

Subiu novamente na caleche e partiu.

Um dos rapazes da loja ficou na porta, seguindo com os olhos a carruagem da elegante compradora. Aproximei-me dele e pedi-lhe que me dissesse o nome daquela mulher.

— Mlle. Marguerite Gautier — respondeu-me.

Não me atrevi a perguntar-lhe o endereço, e me afastei.

A lembrança dessa visão, pois era uma verdadeira visão, não me saía da mente, como muitas outras visões que eu tivera, e eu procurava por toda parte aquela mulher alva, tão majestosamente bela.

Pouco dias depois, uma importante representação aconteceu no Ópera Cômica. Eu fui. A primeira pessoa que vi num camarote frontal da galeria foi Marguerite Gautier.

O rapaz com quem eu estava também a reconheceu, pois ele me disse, apontando-a:

— Veja aquela bela jovem!

Naquele momento, Marguerite olhava pelo binóculo em nossa direção, viu meu amigo, sorriu-lhe e fez-lhe um sinal de que fosse até ela.

— Vou lhe dizer boa-noite e volto num instante — ele me disse.

Não pude me impedir de dizer-lhe:

— Tem muita sorte!

— Por quê?

— Por ir ver essa mulher.

— Está apaixonado por ela?

— Não — respondi ruborizando-me, pois na verdade não sabia bem o que pensar sobre isso —, mas gostaria muito de conhecê-la.

— Venha comigo e o apresentarei.

— Primeiro peça-lhe permissão.

— Ah! Ora essa, não é preciso se constranger com ela, venha.

O que ele dizia me causava pena. Eu temia me certificar de que Marguerite não merecia o que eu sentia por ela.

Em um livro de Alphonse Karr^[2] intitulado *Am Rauchen*, há um homem que, à noite, segue uma mulher muito elegante, e por quem, à primeira vista, ele se apaixona, tamanha é sua beleza. Para beijar a mão dessa mulher, ele sente força para empreender qualquer coisa, vontade para conquistar tudo, coragem para fazer o que quer que seja. Mal se atreve a olhar o belo tornozelo que ela deixava à mostra para não sujar o vestido em contato com a terra. Enquanto ele sonha com tudo o que faria para possuir essa mulher, ela o aborda na esquina e lhe pergunta se gostaria de subir até sua casa.

Ele vira o rosto, atravessa a rua e volta muito triste para casa.

Lembrava-me dessa história, e eu, que queria ter sofrido por esta mulher, temia que ela me aceitasse rápido demais e me desse muito prontamente um amor que eu gostaria de pagar com uma longa espera ou com um grande sacrifício. Nós, homens, somos assim. E é muito bom que a imaginação empreste essa poesia aos sentidos, e que os desejos do corpo façam essa concessão aos sonhos da alma.

Por fim, se me dissessem: “Terá essa mulher esta noite, e amanhã será morto”, eu teria aceitado. Mas, se me dissessem: “Pague dez luíses,^[3] e será seu amante”, eu teria recusado e chorado como uma criança que, ao despertar, vê desfazer-se o castelo que vislumbrara à noite.

Entretanto, queria conhecê-la. Era uma forma, talvez a única, de saber como me sentir em relação a ela.

Disse então a meu amigo que eu fazia questão de que ela lhe desse permissão para me apresentar, e andei pelos corredores imaginando que a qualquer momento estaria com ela, e que eu não saberia que comportamento ter em sua presença.

Tratei de pensar antecipadamente nas palavras que iria lhe dizer.

Que sublime ingenuidade tem o amor! Um instante depois meu amigo voltou.

— Ela nos espera — disse-me.

— Está sozinha? — perguntei.

— Com outra mulher.

— Não há nenhum homem?

— Não.

— Vamos.

Meu amigo foi em direção à porta do teatro.

— Mas, não é por aí — eu lhe disse.

— Vamos comprar doces. Ela me pediu.

Entramos numa confeitaria na rua do teatro.

Queria ter comprado toda a loja, e olhava o que poderíamos colocar no saco, quando meu amigo pediu:

— Uma libra de uvas cristalizadas.

— Sabe se ela gosta disso?

— Nunca come outra coisa, todos sabem. Ah! — continuou ele quando saímos — Sabe a que mulher vou apresentá-lo? Não pense que é a uma duquesa, é simplesmente uma mulher da vida, mais da vida, impossível, meu caro. Não vá se constranger, diga tudo o que vier à sua cabeça.

— Muito bem, muito bem — balbuciei, e o segui pensando que eu me curaria dessa paixão.

Quando entrei no camarote, Marguerite gargalhava.

Preferia que estivesse triste.

Meu amigo apresentou-me. Marguerite inclinou ligeiramente a cabeça e disse:

— E meus doces?

— Estão aqui.

Olhou para mim enquanto os pegava. Baixei os olhos, corei.

Ela inclinou-se até o ouvido de sua vizinha, disse-lhe baixinho algumas palavras, e as duas desataram a rir.

Muito certamente eu era a causa daquele riso, que redobrou meu embaraço. Naquela época, eu tinha como amante uma burguesinha muito meiga e muito sentimental, cujos sentimentos e cartas melancólicas me faziam rir. Compreendi o mal que devo ter-lhe causado em vista do que eu experimentava naquele momento, e durante cinco minutos a amei como jamais se amou uma mulher.

Marguerite comia suas uvas e não prestava mais atenção em mim.

O amigo que me apresentara não quis deixar-me naquela posição ridícula.

— Marguerite — ele disse —, não deve se surpreender se M. Duval não lhe diz nada, você o perturba tanto que ele não encontra sequer uma palavra.

— Acredito mais que ele o tenha acompanhado até aqui porque seria enfadonho que você viesse sozinho.

— Se isso fosse verdade — disse por minha vez —, eu não teria dito a Ernest que lhe pedisse permissão para me apresentar.

— Talvez não passasse de uma forma de retardar o momento fatal.

Por menos que se tenha convivido com jovens do gênero de Marguerite, sabemos o prazer que elas têm em se mostrar falsamente

espirituosas e provocar as pessoas que veem pela primeira vez.

Provavelmente é uma desforra pelas humilhações que muitas vezes são obrigadas a sofrer por parte daqueles com quem se encontram todos os dias.

Também é necessário, para responder-lhes, estar habituado ao seu mundo, hábito que eu não possuía. Além disso, a ideia que eu tinha de Marguerite fez-me parecer que seu gracejo era exagerado. Nada me era indiferente por parte daquela mulher. Então me levantei, dizendo-lhe com uma alteração de voz que não pude esconder completamente:

— Se é isso que pensa de mim, senhora, só me resta pedir-lhe desculpas por minha indiscrição, e me despedir assegurando-lhe que não tornará a acontecer.

Em seguida, inclinei-me e saí.

Assim que fechei a porta, ouvi uma terceira gargalhada. Gostaria que alguém estivesse comigo naquele momento.

Retornei ao meu lugar.

Soou o aviso do levantar das cortinas.

Ernest voltou para perto de mim.

— Mas como você vai embora assim! — disse-me enquanto se sentava. — Elas acham que você é louco.

— O que disse Marguerite quando eu saí?

— Ela riu, e me garantiu que nunca tinha visto nada de tão engraçado quanto você. Mas não deve sentir-se derrotado. Só não dê a essas moças a honra de levá-las a sério. Elas não sabem o que é elegância e boa educação. São como os cães em que colocamos perfume; eles acham o cheiro ruim e vão rolar na lama.

— Mas afinal, que me importa? — disse eu, tentando usar um tom desprendido. — Nunca mais verei essa mulher, e se ela me agradava antes de a conhecer, é bem diferente agora que a conheço.

— Bah! Não vou estranhar se um dia o encontrar no fundo do camarote dela e ouvir dizer que se arruína por ela. Aliás, você tem razão, ela é mal-educada, mas é uma bela amante para se ter.

Felizmente, levantaram-se as cortinas e meu amigo se calou. Dizer o que estava sendo representado me seria impossível. Tudo o que

lembro é que, de tempos em tempos, eu olhava para o camarote do qual havia saído tão bruscamente, e via que silhuetas de novos visitantes se sucediam a todo momento.

No entanto, eu estava longe de parar de pensar em Marguerite. Outro sentimento tomava conta de mim. Parecia-me que precisava dar um jeito de esquecer seu insulto e meu ridículo. Dizia a mim mesmo que, ainda que tivesse de gastar tudo o que possuía, eu a teria para mim e tomaria de direito o lugar que eu havia abandonado tão rapidamente.

Antes que o espetáculo terminasse, Marguerite e sua amiga deixaram o camarote.

De má vontade, deixei minha poltrona.

— Vai embora? — perguntou-me Ernest.

— Sim.

— Por quê?

Nesse momento, ele percebeu que o camarote estava vazio.

— Vá, vá — ele disse —, e boa sorte, quer dizer, melhor sorte!

Eu saí.

Na escada, ouvi o roçar dos vestidos e ruídos de vozes. Coloquei-me de lado e vi passar, sem ser visto, as duas mulheres e os dois rapazes que as acompanhavam.

Sob a galeria do teatro, um criado apresentou-se a elas.

— Vá dizer ao cocheiro que espere à porta do Café Anglais — disse Marguerite —, nós iremos a pé até lá.

Alguns minutos depois, errando pelo bulevar, vi Marguerite à janela de um dos grandes salões do restaurante, apoiada sobre o balcão, desfolhando uma a uma as camélias de seu buquê.

Um dos dois homens estava inclinado sobre seu ombro e falava-lhe baixinho.

Fui instalar-me no Maison-d'Or, no salão do primeiro andar, e não perdi de vista a janela em questão.

À uma hora da manhã, Marguerite subia outra vez na carruagem com seus três amigos.

Tomei um cabriolé e a segui.

A carruagem parou na Rua d'Antin, nº 9.

Marguerite saltou e entrou sozinha em sua casa.

Era sem dúvida um acaso, mas esse acaso me deixou muito feliz.

A partir desse dia encontrei Marguerite muitas vezes, nos espetáculos em Champs-Élysées. Ela, sempre com a mesma alegria. Eu, sempre com a mesma emoção.

No entanto, quinze dias se passaram sem que eu a visse em lugar algum. Encontrei-me com Gaston, a quem pedi notícias dela.

— A pobre moça está muito doente — respondeu-me ele.

— Mas o que ela tem?

— Está tuberculosa, e como levou uma vida que não a ajudaria a curar-se, está de cama e quase morrendo.

O coração é estranho; fiquei quase contente com aquela doença.

Fui todos os dias saber notícias da doente, mas sem deixar meu cartão ou identificar-me. Assim fiquei a par de sua convalescença e de sua ida a Bagnères.

O tempo passou, a impressão, se não a lembrança, pareceu pouco a pouco se apagar de minha mente. Eu viajei. Outros laços, hábitos, trabalhos ocuparam o espaço daqueles pensamentos, e quando eu pensava naquela primeira aventura, não queria ver ali senão uma dessas paixões que se tem quando se é muito jovem, e da qual se ri pouco tempo depois.

Além disso, não seria nenhum mérito essa lembrança triunfar, pois eu perdera Marguerite de vista desde sua partida, e, como já lhe disse, quando ela passou por mim no corredor do Teatro de Variedades, não a reconheci.

Tinha o rosto coberto por um véu, é verdade, mas, dois anos antes, por mais coberta que pudesse estar, eu não precisaria vê-la para reconhecê-la, eu a teria adivinhado.

Mas isso não impediu que meu coração acelerasse quando soube que era ela. E os dois anos passados sem vê-la, mais os resultados que essa separação parecia ter trazido, se evaporaram na mesma fumaça, a um simples roçar de seu vestido.

VIII

No entanto, continuou Armand após uma pausa, ao mesmo tempo em que eu ainda me percebia apaixonado, sentia-me mais forte do que antes, e em meu desejo de voltar a me encontrar com Marguerite, também havia a vontade de fazê-la ver que eu me tornara superior a ela.

Que caminhos segue e que razões se dá o coração para chegar ao que almeja!

Assim, não pude permanecer por mais tempo nos corredores, e retornei ao meu lugar na plateia, olhando rapidamente pela sala para ver em que camarote ela estava.

Estava na parte térrea, num camarote próximo ao palco, e sozinha. Havia mudado, como lhe disse. Eu já não encontrava em sua boca aquele sorriso indiferente. Tinha sofrido, ainda sofria.

Embora já estivéssemos em abril, ainda se vestia como no inverno, toda coberta de veludo.

Eu a olhava tão obstinadamente que meu olhar atraiu o dela.

Observou-me por alguns instantes, pegou o binóculo para enxergar melhor e provavelmente julgou reconhecer-me, sem no entanto poder dizer quem eu era, porque ao pousar o binóculo, um sorriso, essa encantadora saudação das mulheres, vagou por seus lábios para responder ao aceno que ela parecia esperar de mim. Mas não respondi a ele, só para sentir-me por cima e parecer ter esquecido enquanto ela se lembrava.

Acreditou estar enganada e virou o rosto.

Levantaram-se as cortinas.

Várias vezes vi Marguerite nos espetáculos, mas nunca a vi prestar a menor atenção ao que representavam.

Quanto a mim também o espetáculo interessava muito pouco, eu

estava atento apenas a ela, mas fazia todo o esforço para que ela não o percebesse.

Dessa forma, vi que trocava olhares com a pessoa que ocupava o camarote em frente ao seu. Dirigi meu olhar para lá, e reconheci em seu interior uma mulher que me era bem familiar.

Essa mulher era uma antiga cortesã que havia, sem êxito, tentado entrar para o teatro, e que, contando com suas boas relações com as elegantes de Paris, iniciara-se no comércio e abrira uma casa de modas.

Vi nela um meio de me aproximar de Marguerite, e aproveitei um momento em que olhava para o meu lado para dar-lhe boa noite, com a mão e com os olhos.

O que eu previra aconteceu, ela me chamou ao seu camarote.

Prudence Duvernoy era o feliz nome da modista, uma dessas mulheres gordas de quarenta anos com as quais não é necessária muita diplomacia para que digam o que queremos saber, principalmente quando o que queremos saber é tão simples quanto o que eu tinha a lhe perguntar.

Quando recomeçava sua troca de olhares com Marguerite, aproveitei para perguntar:

— Para quem está olhando dessa maneira?

— Para Marguerite Gautier.

— A senhora a conhece?

— Sim, sou sua modista, e ela é minha vizinha.

— Então a senhora mora na Rua d'Antin?

— Nº 7. A janela do seu quarto de vestir dá para a janela do meu.

— Dizem que é uma moça encantadora.

— O senhor não a conhece?

— Não, mas gostaria muito de conhecê-la.

— Quer que eu diga a ela para vir ao nosso camarote?

— Não, prefiro que me apresente a ela.

— Na casa dela?

— Sim.

— É mais difícil.

— Por quê?

— Porque ela é protegida por um velho duque muito ciumento.

— *Protegida* é gentil.

— Protegida, sim — repetiu Prudence. — O pobre velho ficaria muito embaraçado em ser amante dela.

Prudence contou-me então como Marguerite conhecera o duque em Bagnères.

— É por isso — continuei — que ela está sozinha aqui?

— Exatamente.

— E quem a levará para casa?

— Ele.

— Então virá buscá-la?

— Logo mais.

— E a senhora, quem a leva para casa?

— Ninguém.

— Ofereço-me.

— Mas está com um amigo, creio.

— Nós nos oferecemos, então.

— Quem é esse seu amigo?

— Um rapaz gentil, muito espirituoso, e que ficará encantado em conhecê-la.

— Está bem, combinado, sairemos após esta peça, pois já conheço a última.

— Com prazer, vou avisar meu amigo.

— Vá. Ah! — exclamou Prudence quando eu saía. — Ali está o velho duque, entrando no camarote de Marguerite.

Olhei.

De fato, um homem de setenta anos acabava de sentar-se atrás da jovem e lhe entregava um saco de doces, do qual, sorrindo, ela logo se serviu. Em seguida, ela avançou sobre o parapeito do camarote fazendo a Prudence um gesto que poderia ser traduzido por: “Quer?”

Prudence fez que não.

Marguerite baixou o saco e, voltando-se, pôs-se a falar com o duque.

O relato de todos esses detalhes parece uma infantilidade, mas tudo o que tinha relação com essa moça está tão presente em minha

memória que não posso deixar de me lembrar ainda hoje.

Desci para avisar Gaston sobre o que eu acabava de combinar para ele e para mim.

Ele aceitou.

Deixamos nossas poltronas para irmos ao camarote de Mme. Duvernoy.

Assim que abrimos a porta da plateia, fomos obrigados a parar e deixar passar Marguerite e o duque, que iam embora.

Teria dado dez anos da minha vida para estar no lugar daquele homem.

Chegando ao bulevar, o duque ajudou-a a sentar-se numa carruagem que ele próprio conduzia, e desapareceram, levados pelo trote de dois magníficos cavalos.

Nós entramos no camarote de Prudence.

Quando a peça terminou, descemos para tomar uma carruagem de aluguel que nos conduziu à Rua d'Antin, nº 7. Na porta de sua casa, Prudence nos convidou a entrar para nos mostrar suas lojas, que não conhecíamos, e das quais parecia estar muito orgulhosa. Pode imaginar com que entusiasmo aceitei.

Parecia-me que aos poucos eu me aproximava de Marguerite. Logo fiz a conversa girar novamente em torno dela.

— O velho duque está na casa de sua vizinha? — perguntei a Prudence.

— Não. Ela deve estar sozinha.

— Então ela vai se entediar horivelmente — disse Gaston.

— Nós passamos quase todas as noites juntas, ou então, logo que chega em casa, ela me chama. Nunca se deita antes das duas da manhã. Não consegue dormir mais cedo.

— Por quê?

— Porque está doente do pulmão e quase sempre tem febre.

— Ela não tem amantes? — perguntei.

— Quando saio, nunca vejo ninguém ficar, mas não posso dizer que não venha ninguém após minha saída. Muitas vezes encontro na casa dela, à noite, um tal conde de N..., que acredita fazer as coisas avançarem visitando-a às onze horas, mandando todas as joias que ela

quer. Contudo ela não pode vê-lo nem pintado de ouro. Está errada, é um rapaz muito rico. Por mais que algumas vezes eu lhe diga: “Minha querida, é de um homem como esse que você precisa!”, ela, que geralmente me dá ouvidos, vira as costas e responde que ele é tolo demais. Pode até ser tolo, concordo, mas daria a ela uma boa situação, enquanto que esse velho duque pode morrer de um dia para o outro. Os velhos são egoístas. A família dele censura constantemente o apego que tem por Marguerite: eis duas boas razões para que ele não lhe deixe nada. Passo-lhe um sermão, ao qual ela responde que ainda é possível ficar com o conde depois da morte do duque. Nem sempre é divertido — continuou Prudence — viver como vive ela. Eu sei muito bem que isso não serviria para mim e que bem rápido mandaria o pobre homem passear. É sem graça, esse velho. Chama-a de filha, toma conta dela como se fosse uma criança, está sempre atrás dela. Tenho certeza de que a essa hora um dos seus criados anda pela rua para ver quem sai e principalmente quem entra.

— Ah, pobre Marguerite! — disse Gaston, sentando-se ao piano e tocando uma valsa. — Eu não sabia disso. Mas percebi que há algum tempo ela se mostrava menos alegre.

— Psiu! — fez Prudence apurando os ouvidos.

Gaston parou.

— Acho que ela está me chamando.

Prestamos atenção.

De fato, uma voz chamava Prudence.

— Vamos, senhores, vão embora — disse-nos madame Duvernoy.

— Ah! É isso que entende por hospitalidade? — disse Gaston rindo — iremos quando nos convier.

— Por que iríamos embora?

— Vou à casa de Marguerite.

— Esperamos aqui.

— Não é possível.

— Então iremos com a senhora.

— Menos ainda.

— Eu conheço Marguerite — disse Gaston —, posso muito bem lhe fazer uma visita.

— Mas Armand não a conhece.

— Eu o apresento.

— Impossível.

Ouvimos novamente a voz de Marguerite, que continuava chamando Prudence. Esta correu até seu quarto de vestir. Segui-a até lá com Gaston. Ela abriu a janela.

Nós dois nos escondemos de modo a não sermos vistos de fora.

— Faz dez minutos que estou chamando — disse Marguerite de sua janela, num tom quase imperioso.

— O que quer?

— Que venha aqui imediatamente.

— Por quê?

— Porque o conde de N... continua aqui e está me matando de tédio.

— Agora não posso.

— O que a impede?

— Tenho em minha casa dois rapazes que não querem ir embora.

— Diga-lhes que precisa sair.

— Já disse.

— Ora, deixe-os aí. Quando virem que saiu, irão embora.

— Depois de colocarem tudo de pernas para o ar!

— Mas o que eles querem?

— Eles querem vê-la.

— Como se chamam?

— Você conhece um deles, M. Gaston R...

— Ah! Sim, conheço, e o outro?

— M. Armand Duval. Não o conhece?

— Não. Mas traga-os mesmo assim, prefiro qualquer coisa ao conde. Estou esperando, venham logo.

Marguerite fechou a janela. Prudence também.

Marguerite, que por um instante se lembrara do meu rosto, não se lembrava do meu nome. Melhor seria que tivesse de mim uma recordação desfavorável do que esse esquecimento.

— Eu sabia — disse Gaston — que ela ficaria encantada em nos ver.

— Encantada não é bem a palavra — respondeu Prudence, colocando seu xale e seu chapéu —, vai recebê-los para que o conde vá embora. Tratem de ser mais amáveis do que ele, ou, se bem conheço Marguerite, ela vai se indispor comigo.

Seguimos Prudence, que descia.

Eu tremia. Tinha a impressão de que aquela visita ia ter uma grande influência em minha vida.

Estava mais emocionado ainda do que na noite em que lhe fui apresentado no camarote do Ópera Cômica.

Chegando à porta do apartamento, que você conheceu, meu coração batia tão forte que meus pensamentos se dispersavam.

Alguns acordes de piano chegavam até nós.

Prudence bateu.

O piano se calou.

Uma mulher que parecia mais uma dama de companhia do que uma criada de quarto abriu-nos a porta.

Entramos na sala, da sala passamos à sala íntima, que já era naquela época como a viu depois.

Um rapaz estava encostado à lareira.

Marguerite, sentada diante do piano, deixava que seus dedos corressem sobre as teclas, e começava trechos que não terminava.

A imagem daquela cena era o próprio tédio, que para o homem resultava do embaraço de sua nulidade, e para a mulher, da visita desse lúgubre personagem.

Ao ouvir a voz de Prudence, Marguerite levantou-se, e, vindo até nós após ter trocado um olhar de agradecimento com Mme. Duvernoy, disse-nos:

— Entrem, senhores, e sejam bem-vindos.

IX

—Boa noite, meu caro Gaston — disse Marguerite a meu companheiro —, alegro-me em vê-lo. Por que não foram ao meu camarote no Variedades?

— Receava ser indiscreto.

— Os amigos — Marguerite reforçou estas palavras como se quisesse fazer os que ali estavam compreender que, apesar da maneira familiar com que o acolhia, Gaston não era, e nunca havia sido, mais que um amigo —, os amigos nunca são indiscretos.

— Então, permita-me apresentar-lhe M. Armand Duval!

— Eu já havia autorizado Prudence a apresentá-lo.

— Aliás, minha senhora — disse eu inclinando-me e conseguindo emitir alguns sons quase ininteligíveis —, já tive a honra de ser-lhe apresentado.

O olhar encantador de Marguerite pareceu procurar na memória, mas não se recordou, ou simulou não se recordar.

— Madame — continuei —, sou-lhe agradecido por ter esquecido aquela primeira apresentação, pois fui ridículo e devo ter-lhe parecido muito desagradável. Foi há dois anos, no Ópera Cômica. Eu estava com Ernest de...

— Ah, me lembro! — disse Marguerite sorrindo. — O senhor não foi ridículo, eu é que fui irritante, como sou um pouco ainda, embora menos. O senhor me perdoou?

E estendeu-me a mão, que beijei.

— É verdade — ela retomou —, imagine que tenho o péssimo costume de querer embaraçar as pessoas que vejo pela primeira vez. Isso é uma grande tolice. Meu médico diz que é porque sou nervosa e estou sempre doente; acredite nele.

— Mas parece estar muito bem.

— Oh! Eu estive muito doente.

— Eu sei.

— Quem lhe disse?

— Todo mundo sabia. Vim muitas vezes em busca de notícias suas, e foi com prazer que soube de sua convalescença.

— Nunca me entregaram seu cartão.

— Nunca deixei meu cartão.

— Será que era o senhor o jovem que vinha todos os dias pedir informações a meu respeito enquanto estive doente, e que nunca quis se identificar?

— Era eu.

— Então, o senhor é mais que indulgente, é generoso. Não seria o senhor, conde, que teria feito algo assim — acrescentou ela voltando-se para o conde de N..., após lançar-me um desses olhares com os quais as mulheres completam sua opinião a respeito de um homem.

— Não a conheço senão há dois meses — replicou o conde.

— E este senhor só me conhece há cinco minutos. Conde, o senhor sempre diz bobagens.

As mulheres são impiedosas com aqueles de quem não gostam.

O conde enrubesceu e mordeu os lábios.

Tive pena dele, pois parecia estar apaixonado como eu, e a dura franqueza de Marguerite devia deixá-lo muito infeliz, ainda mais na presença de dois estranhos.

— Mas tocava uma música quando entramos — eu disse então para mudar de assunto —, não poderia dar-me o prazer de tratar-me como um velho conhecido, e de continuar tocando?

— Oh! — exclamou ela, jogando-se no sofá e fazendo um sinal para que sentássemos. — Gaston conhece bem o tipo de música que toco. É bom quando estou sozinha com o conde, mas não gostaria de fazê-los suportar um sacrifício desses.

— Tem tal preferência por mim? — replicou Monsieur de N..., com um sorriso que tentava mostrar altivez e ironia.

— Engana-se ao censurar-me quanto a isso; é a única preferência que tenho.

Estava determinado que o pobre rapaz não diria mais uma palavra.

Ele lançou sobre Marguerite um olhar realmente suplicante.

— Então diga-me, Prudence — continuou ela —, fez o que eu lhe havia pedido que fizesse?

— Sim.

— Muito bem, deixe para me contar mais tarde. Precisamos conversar, não vá embora antes de nos falarmos.

— Somos sem dúvida indiscretos — eu disse então —, e agora que conseguimos, ou melhor, que consegui uma segunda apresentação para fazer a primeira ser esquecida, eu e Gaston vamos nos retirar.

— De maneira nenhuma. Não é para os senhores que digo isso. Ao contrário, quero que fiquem.

O conde puxou um relógio muito elegante e olhou as horas.

— É hora de ir ao clube — disse ele.

Marguerite não disse nada.

O conde saiu de perto da lareira e foi até ela.

— Adeus, madame.

Marguerite levantou-se.

— Adeus, meu caro conde, já vai?

— Sim, receio aborrecê-la.

— Não me aborrece hoje mais do que nos outros dias. Quando o veremos?

— Quando a senhorita o permitir.

— Adeus, então.

Aquilo era cruel, você há de convir.

Felizmente, o conde tinha uma excelente educação e um ótimo caráter. Contentou-se em beijar a mão que Marguerite lhe estendia com toda indiferença, e em sair depois de despedir-se de nós.

No momento em que passava pela porta, olhou para Prudence.

Esta levantou os ombros de um jeito que significava: “O que o senhor quer? Fiz tudo o que podia fazer”.

— Nanine! — gritou Marguerite — acompanhe o conde.

Ouvimos a porta abrir e fechar.

— Finalmente se foi! — exclamou Marguerite reaparecendo. — Esse rapaz me irrita profundamente.

— Minha querida — disse Prudence —, você é realmente muito

perversa com ele, logo ele que é tão bom e tão atencioso com você. Veja, mais uma vez lhe deixou sobre a lareira um relógio, que custou-lhe pelo menos mil escudos, tenho certeza.

E Mme. Duvernoy, que se aproximara da lareira, brincava com a joia da qual falava, lançando sobre ela olhares de cobiça.

— Minha cara — disse Marguerite sentando-se ao piano —, quando peso, de um lado o que ele me dá, e de outro o que ele me diz, acho que aceito suas visitas por um preço baixo.

— Esse pobre rapaz está apaixonado por você.

— Se eu tivesse que escutar todos os que estão apaixonados por mim, não teria tempo nem para jantar.

Passou os dedos pelo piano e depois, voltando-se, disse-nos:

— Querem alguma coisa? Eu tomaria um pouco de ponche.

— Eu comeria um pouco de frango — disse Prudence. — E se fôssemos cear?

— Isso mesmo, vamos sair para cear — disse Gaston.

— Não, vamos cear aqui.

Tocou a sineta. Nanine apareceu.

— Mande buscar algo para a ceia.

— O que devo pedir?

— O que quiser, mas vá agora mesmo, agora mesmo.

Nanine saiu.

— Pronto! — disse Marguerite, saltando como uma criança. — Nós vamos cear. Como aquele conde imbecil é enfadonho!

Quanto mais eu olhava para aquela mulher, mais ela me encantava. Era admiravelmente bela. Até sua magreza era graciosa.

Eu estava em estado de contemplação.

O que se passava em mim, era-me difícil explicar. Sentia-me repleto de indulgência por sua vida, repleto de admiração por sua beleza. Essa prova de desinteresse que ela dava não aceitando um homem jovem, elegante e rico, pronto a se arruinar por ela, a meus olhos desculpava todas as suas faltas passadas.

Havia naquela mulher algo como certa candura.

Via-se que ainda estava na virgindade do vício. Seu andar firme, seu porte esbelto, suas narinas rosadas e abertas, seus grandes olhos

levemente cercados de azul denotavam uma dessas naturezas ardentes, que espalham a seu redor um perfume de volúpia, como certos frascos do Oriente que, por mais que estejam fechados, deixam escapar o perfume do líquido que contêm.

Enfim, fosse por sua natureza, fosse em consequência de seu estado de saúde, de tempos em tempos passavam pelos olhos daquela mulher lampejos de desejos, cuja demonstração teria sido uma revelação do Céu para aquele que ela tivesse amado. Mas os que haviam amado Marguerite não tinham mais conta, e os que ela havia amado ainda não se contavam.

Em suma, reconhecia-se naquela moça a virgem que um nada fizera cortesã, e a cortesã que um nada teria feito a mais amorosa e a mais pura virgem. Ainda havia em Marguerite orgulho e independência, dois sentimentos que, feridos, são capazes de fazer o que faz o pudor. Eu não dizia nada, minha alma parecia estar por completo em meu coração, e meu coração em meus olhos.

— Então — disse ela de repente — era o senhor que vinha saber notícias minhas quando eu estava doente?

— Sim.

— Sabe que é um belo gesto, este! Que posso fazer para agradecê-lo?

— Permitir que eu venha visitá-la de vez em quando.

— Tanto quanto quiser, das cinco às seis, das onze à meia-noite. Pois então, Gaston, toque para mim *Convite à valsa*.

— Por quê?

— Primeiro para me agradar, depois porque não consigo tocá-la sozinha.

— O que a impede?

— A terceira parte, a passagem em sustenido.

Gaston levantou-se, sentou-se ao piano e começou a tocar essa maravilhosa melodia de Weber, cuja partitura estava aberta sobre o apoio do piano.

Marguerite, a mão apoiada sobre o piano, olhava a partitura, seguia com os olhos cada nota que repetia em voz baixa e, quando Gaston chegou à passagem que ela lhe indicara, cantarolou fazendo os

dedos tocarem na tampa do piano:

— Ré, mi, ré, do, ré, fá, mi, ré, é isso que não consigo fazer. Recomece.

Gaston recomeçou, e em seguida Marguerite lhe disse:

— Agora deixe-me tentar.

Tomou o lugar de Gaston e foi sua vez de tocar. Mas seus dedos rebeldes sempre se enganavam em uma das notas que acabo de mencionar.

— É inacreditável — disse ela com uma verdadeira entonação infantil — que eu não consiga tocar essa passagem! Acreditam que às vezes fico tentando até as duas da manhã?

E quando penso que aquele imbecil do conde a toca sem partitura, e admiravelmente, acho que é isso que me deixa furiosa com ele.

E recomeçou, sempre com os mesmos resultados.

— Que o diabo carregue Weber, a música e os pianos! — disse ela arremessando a partitura à outra extremidade da sala. — Como entender que eu não seja capaz de fazer oito sustenidos em seguida?

Cruzou os braços olhando para nós e batendo o pé.

O sangue subiu-lhe às faces, e uma leve tosse entreabriu seus lábios.

— Chega, chega — disse Prudence, que havia tirado o chapéu e esticava suas faixas de cabelo diante do espelho —, vai irritar-se outra vez e passar mal. Melhor cearmos, vamos, estou morrendo de fome.

Marguerite tocou novamente a sineta. Retornou ao piano e começou a cantarolar uma canção libertina, cujo acompanhamento não lhe causou dificuldades.

Gaston conhecia a canção, e os dois fizeram uma espécie de dueto.

— Não cante essas obscenidades — eu disse a Marguerite, com familiaridade, mas em tom de súplica.

— Oh, como o senhor é casto! — disse-me ela sorrindo e estendendo-me a mão.

— Não é por mim, é pela senhora.

Marguerite fez um gesto que queria dizer: “Oh! Há muito tempo não sei o que é castidade”.

Nesse momento Nanine apareceu.

— A ceia está pronta? — perguntou Marguerite.

— Sim, senhora, em um instante.

— A propósito, Prudence disse-me que o senhor não viu o apartamento. Venha, vou mostrá-lo.

Como sabe, a sala era uma maravilha.

Marguerite nos acompanhou um pouco, depois chamou Gaston e foi com ele à sala de jantar para ver se a ceia estava pronta.

— Veja só! — disse Prudence bem alto, olhando para uma estante e tirando dali uma escultura de Saxe. — Eu não conhecia este homenzinho!

— Qual? — perguntou Marguerite.

— Um pastorzinho que segura uma gaiola com um pássaro.

— Fique com ele, se lhe agrada.

— Ah, mas não quero que se prive dele!

— Queria dá-lo à minha camareira, pois o acho medonho. Mas já que gostou, fique com ele.

Prudence importou-se apenas com o presente e não com a maneira como lhe era oferecido. Colocou seu homenzinho de lado e levou-me ao quarto de vestir. Ali, mostrando-me dois retratos semelhantes, disse-me:

— Aqui está o conde de G..., que foi muito apaixonado por Marguerite. Foi ele quem a iniciou. Conhece-o?

— Não. E este aqui? — perguntei, mostrando o outro retrato.

— É o pequeno visconde de L... Ele foi obrigado a partir.

— Por quê?

— Porque estava quase arruinado. Aí está um homem que amava Marguerite!

— E ela, sem dúvida o amava muito?

— É uma moça tão estranha, nunca se sabe o que pensar. Na noite do dia em que ele partiu, ela estava no espetáculo, como sempre, mas havia chorado no momento de sua partida.

Naquele instante, Nanine apareceu, dizendo que a ceia estava servida.

Quando entramos na sala de jantar, Marguerite estava apoiada na parede, Gaston segurava suas mãos e falava-lhe bem baixinho.

— Está louco — respondia-lhe Marguerite —, não quero nada com você. Não é depois de dois anos que se conhece uma mulher como eu que se vem pedir para ser seu amante. Nós, ou nos entregamos imediatamente, ou nunca mais. Vamos, senhores, para a mesa.

E, escapando das mãos de Gaston, Marguerite o fez sentar à sua direita e a mim à sua esquerda. Depois disse a Nanine:

— Antes de sentar, recomende à cozinha não abrir para ninguém, caso venham bater à porta.

Essa recomendação era feita à uma hora da manhã.

Rimos, bebemos e comemos muito durante a ceia. Em pouco tempo, a alegria chegara aos mais baixos limites, e aquelas palavras que em certo meio acham divertidas, mas que sempre sujam a boca de quem as pronuncia, irrompiam de tempos em tempos, sob a aclamação de Nanine, de Prudence e de Marguerite. Gaston divertia-se verdadeiramente. Era um jovem de grande coração, mas seu espírito fora um pouco corrompido pelas primeiras experiências. Por um momento, quis me deixar levar, quis tornar meu coração e meu pensamento indiferentes ao espetáculo que eu presenciava, e tomar parte naquela alegria que parecia um dos pratos da refeição, mas, pouco a pouco, isolei-me daquela algazarra, meu copo continuava cheio, e eu ficara quase triste vendo aquela bela criatura de vinte anos beber, falar como um estivador e rir ainda mais quanto mais escandaloso fosse o que se dizia.

No entanto, aquele regozijo, aquele modo de falar e de beber que, nos outros convivas, pareciam-me os resultados da devassidão, do hábito ou da força, em Marguerite me pareciam uma necessidade de esquecer, uma febre, uma irritabilidade nervosa. A cada copo de champanhe, suas faces se cobriam de um vermelho febril, e uma tosse, leve, no princípio da ceia, tornou-se aos poucos forte o bastante para obrigá-la a apoiar a cabeça no espaldar de sua cadeira, e a comprimir o peito com as mãos a cada vez que tossia.

Eu sofria com o mal que deviam causar àquele frágil organismo tais excessos de todo dia.

Finalmente, aconteceu algo que eu previra e que eu temia. Ao final da ceia, Marguerite teve um acesso de tosse mais forte do que todos

os outros que ela tivera desde que eu me encontrava ali. Pareceu-me que seu peito se rasgava interiormente. A pobre moça ficou roxa, fechou os olhos, tamanha era a dor, e levou à boca seu guardanapo, que uma gota de sangue manchou de vermelho. Então, levantou-se e correu até o banheiro.

— O que há com Marguerite? — perguntou Gaston.

— O que há é que ela riu demais e está cuspiendo sangue — disse Prudence. — Oh! Mas não há de ser nada, isso lhe acontece todos os dias. Ela vai ficar bem. Vamos deixá-la só, ela prefere assim.

Quanto a mim, não consegui me conter, e para grande espanto de Prudence e de Nanine, que me chamavam de volta, fui atrás de Marguerite.

X

O quarto onde ela se refugiara estava iluminado apenas por uma vela colocada sobre a mesa. Jogada sobre um grande sofá, vestido desalinhado, ela mantinha uma das mãos sobre o peito enquanto a outra pendia. Sobre a mesa havia uma bacia de prata com água até a metade; nessa água viam-se filetes de sangue.

Marguerite, muito pálida, tinha a boca entreaberta, e tentava recuperar o fôlego. Por instantes, seu peito se enchia com um longo suspiro que, exalado, parecia aliviá-la um pouco, deixando-a por alguns segundos com uma sensação de bem-estar.

Aproximei-me, ela não fez nenhum movimento, sentei-me e tomei sua mão que pendia sobre o sofá.

— Ah! É o senhor? — disse-me com um sorriso. Parece que eu tinha a fisionomia perturbada, pois ela acrescentou:

— Também está doente?

— Não, mas, e a senhora, ainda se sente mal?

— Um pouco — e enxugou com o lençinho as lágrimas que a tosse fizera brotar em seus olhos —, agora estou habituada a isso.

— Está se matando, senhora — disse-lhe eu com a voz embargada. — Gostaria de ser seu amigo, seu parente, para impedi-la de fazer-se tanto mal.

— Ah! Não vale a pena se alarmar com isso — replicou em tom amargo. — Veja se os outros se preocupam comigo, eles sabem que não há nada a fazer em relação a esse mal.

Depois disso, levantou-se, pegou a vela, colocou-a sobre a lareira e olhou-se no espelho.

— Como estou pálida! — disse ajeitando o vestido e passando os dedos pelos cabelos desalinhados. — Ah! Vamos voltar para a mesa. O senhor não vem?

Mas eu estava sentado e não me mexia.

Ela percebeu que aquela cena me comovera, pois se aproximou de mim e, estendendo a mão, disse-me:

— Pronto, venha.

Tomei sua mão e levei-a aos lábios, molhando-a sem querer com duas lágrimas há muito contidas.

— Ora, como está sendo infantil! — disse ela, tornando a sentar-se ao meu lado. — Está chorando! O que acontece?

— Devo parecer-lhe bem tolo, mas o que acabo de ver fez-me um mal terrível.

— Não me diga! O que queria? Não consigo dormir, preciso me distrair um pouco. Além disso, moças como eu, uma a mais, uma a menos, que diferença faz? Os médicos me dizem que o sangue que eu cuspo vem dos brônquios. Finjo acreditar, é tudo o que posso fazer por eles.

— Escute, Marguerite — eu disse então com uma emoção que não pude conter —, não sei que poder exerce sobre a minha vida, mas o que sei é que, neste momento, não há ninguém, nem mesmo minha irmã, por quem eu me interesse como me interesse pela senhora. Tem sido assim desde que a vi. Então, em nome dos céus, cuide-se, não viva mais como o vem fazendo.

— Se eu me cuidasse, eu morreria. O que me mantém é a vida febril que levo. Depois, cuidar-se é bom para as damas da sociedade, que têm uma família e amigos. Mas nós, desde que não possamos mais servir à vaidade ou ao prazer dos nossos amantes, eles nos abandonam, e as longas noites se sucedem aos longos dias. Sei disso muito bem, ora, passei dois meses de cama, e ao final de três semanas ninguém mais vinha me visitar.

— É verdade que não represento nada — continuei —, mas, se quiser, cuidarei da senhora como um irmão, não me afastarei, haverei de curá-la. Depois, quando recuperar as forças, poderá retomar a vida que levava, se assim lhe aprouver. Mas tenho certeza de que preferiria uma existência tranquila, que a faria mais feliz e a conservaria bela.

— Pensa assim esta noite, porque a bebida o deixou triste, mas depois não teria a paciência da qual se vangloria.

— Permita-me dizer-lhe, Marguerite, que estive doente por dois meses, e que, nesses dois meses, eu vim todos os dias saber notícias suas.

— É verdade, mas por que não entrava?

— Porque não a conhecia.

— Será que alguém pode se constranger em relação a uma moça como eu?

— Sempre há constrangimento em relação a uma mulher; pelo menos é como penso.

— Então, cuidaria de mim?

— Sim.

— Ficaria todos os dias ao meu lado?

— Sim.

— E também todas as noites?

— Por todo o tempo em que eu não lhe causasse tédio.

— Como chama a isso?

— Devoção.

— E de onde vem essa devoção?

— De uma irresistível simpatia que lhe tenho.

— Está apaixonado por mim? Diga logo, é bem mais simples.

— É possível. Mas se um dia tiver que lhe dizer isso, esse dia não é hoje.

— Melhor faria se não o dissesse nunca.

— Por quê?

— Porque apenas duas coisas podem resultar dessa confissão.

— Quais?

— Ou que eu não o aceite, e então me detestaria, ou que eu o aceite, e então teria uma lamentável amante. Uma mulher nervosa, doente, triste, ou alegre, de uma alegria mais triste que a amargura, uma mulher que cospe sangue e que gasta cem mil francos por ano. Isso é bom para um velho ricoço como o duque, mas bem enfadonho para um rapaz como o senhor, e a prova é que todos os jovens amantes que eu tive rapidamente me deixaram.

Eu não respondia nada, apenas escutava. Aquela franqueza, que era quase uma confissão, aquela vida dolorosa que eu entrevia sob o

véu dourado que a cobria, e de cuja realidade a pobre moça fugia por meio da devassidão, da embriagues e da insônia, tudo aquilo me impressionava de tal forma que eu não encontrava sequer uma palavra.

— Vamos — continuou Marguerite —, estamos dizendo ingenuidades. Dê-me a mão e voltemos à sala de jantar. Não devem estar entendendo o que nossa ausência significa.

— Volte, se achar melhor, mas peço permissão para ficar aqui.

— Por quê?

— Porque sua alegria me faz muito mal.

— Muito bem, ficarei triste.

— Escute, Marguerite, deixe-me dizer-lhe uma coisa que sem dúvida já lhe disseram muitas vezes, e que o costume de ouvi-la talvez a impeça de acreditar, mas que nem por isso é menos verdadeira, e que jamais tornarei a repetir.

— Que é...? — disse ela com o sorriso típico de uma jovem mãe prestes a ouvir uma tolice de seu filho.

— É que, desde que a vi, não sei como nem por que, ocupa um importante espaço em minha vida. É que, por mais que eu afastasse sua imagem do meu pensamento, ela sempre estava de volta. É que, hoje, quando a reencontrei após dois anos sem vê-la, um fascínio maior ainda se apoderou do meu coração e da minha mente. É que, enfim, agora que me recebeu, que a conheço, que sei tudo o que há de estranho em seu ser, tornou-se indispensável para mim, e enlouquecerei, não só se não me amar, mas se não deixar que eu a ame.

— Mas, como você é infeliz! Vou lhe dizer o que dizia madame D...: então o senhor deve ser muito rico! Ou não sabe que gasto seis ou sete mil francos por mês, e que essa despesa tornou-se necessária à minha vida. Ou não sabe, meu pobre amigo, que o levarei à ruína em pouquíssimo tempo, e que sua família mandaria excomungá-lo como lição por viver com uma criatura como eu? Se quer me amar, que seja como um bom amigo, e não de outra maneira. Venha visitar-me, nós riremos, conversaremos, mas não exagere o meu valor, pois não valho grande coisa. Tem um bom coração, precisa ser amado, é jovem

demais e sensível demais para viver neste nosso meio. Arrume uma mulher casada. Entenda que estou sendo uma boa moça e que lhe falo com franqueza.

— Ora essa! Que diabos fazem aí? — gritou Prudence, que não ouvíramos chegar, e que apareceu na porta do quarto com os cabelos um tanto desarrumados e o vestido aberto.

Eu reconhecia naquela desordem a mão de Gaston.

— Tentamos entrar em acordo — disse Marguerite —, esperem um pouco, logo nos juntaremos a vocês.

— Muito bem, muito bem, conversem, crianças — disse Prudence saindo e fechando a porta, como que para enfatizar o tom com que pronunciara essas últimas palavras.

— Então, está combinado — continuou Marguerite quando ficamos a sós —, vai parar de me amar.

— Terei de partir.

— Chega a esse ponto?

Eu já tinha ido longe demais para recuar, e, além disso, aquela moça me transtornava. Aquela mistura de alegria, de tristeza, de candura, de prostituição, a própria doença, que devia despertar nela tanto a sensibilidade emotiva quanto a irritabilidade dos nervos, tudo me fazia entender que, se desde a primeira vez eu não dominasse aquela natureza negligente e leviana, ela estaria perdida para mim.

— Mas então é sério o que está dizendo! — disse ela.

— Muito sério.

— E por que não me disse isso antes?

— Quando deveria ter-lhe dito?

— No dia seguinte ao que me foi apresentado no Ópera Cômica.

— Acredito que teria me recebido muito mal se eu a tivesse procurado.

— Por quê?

— Porque eu tinha sido muito estúpido na véspera.

— Isso é verdade. No entanto, já me amava naquela época.

— Sim.

— O que não o impediu de deitar e dormir tranquilamente após o espetáculo. Nós conhecemos bem esses grandes amores.

— Aí é que se engana. Sabe o que fiz na noite do Ópera Cômica?

— Não.

— Eu a esperei à porta do Café Anglais. Segui a carruagem que tomaram, a senhora e seus três amigos, e quando vi que descia sozinha e entrava em casa sozinha, fiquei muito feliz.

Marguerite começou a rir.

— De que está rindo?

— De nada.

— Diga, eu imploro, senão vou pensar que zomba outra vez de mim.

— Não vai se aborrecer?

— Com que direito me aborreceria?

— Bem, havia uma boa razão para que eu entrasse em casa sozinha.

— Qual?

— Alguém me esperava aqui.

Nem que me tivesse apunhalado poderia ter-me causado mal maior. Levantei-me e, estendendo-lhe a mão, disse-lhe:

— Adeus.

— Sabia que isso o aborreceria — disse ela. — Os homens têm a mania de querer saber a respeito do que pode magoá-los.

— Asseguro — acrescentei num tom frio, como se quisesse provar que estava curado para sempre da minha paixão —, eu lhe asseguro que não me aborreci. Era muito natural que alguém a esperasse, como é bem natural que eu vá embora às três horas da manhã.

— Será que também tem alguém que o espera em casa?

— Não, mas preciso ir.

— Adeus, então.

— Está me mandando embora.

— De maneira nenhuma.

— Por que me magoa?

— Que mágoa lhe causei?

— Disse que alguém a esperava.

— Não pude deixar de rir com a ideia de o senhor ter ficado tão feliz por me ver entrar em casa sozinha, sendo que havia uma ótima

razão para isso.

— Em uma infantilidade muitas vezes encontramos uma alegria, e é maldade destruir essa alegria quando, permitindo que subsista, pode-se deixar mais alegre ainda aquele que a encontrou.

— Mas, com quem acredita estar lidando? Não sou nem uma virgem nem uma duquesa. Não o conhecia antes de hoje, e não tenho que prestar-lhe contas das minhas ações. Admitindo-se que um dia eu me torne sua amante, precisa ter consciência de que tive outros amantes. Se já me faz cenas de ciúme antes, como será depois, se é que existirá um depois! Nunca vi um homem assim.

— É que ninguém jamais a amou como eu a amo.

— Vejamos, francamente, então me ama muito?

— Tanto quanto é possível amar, creio.

— E isso acontece desde...?

— Desde um dia em que a vi descer de uma caleche e entrar na Susse, há três anos.

— Sabe que isso é muito bonito? Bem, o que devo fazer para reconhecer esse grande amor?

— Deve me amar um pouco — disse eu, com o coração batendo tão forte que mal podia falar.

Apesar dos sorrisos meio zombeteiros com os quais ela acompanhara toda aquela conversa, parecia-me que Marguerite começava a compartilhar minhas emoções, e que eu me aproximava do momento há tanto esperado.

— E o duque?

— Que duque?

— Meu velho ciumento.

— Não saberá de nada.

— E se ficar sabendo?

— Irá perdoá-la.

— Não! Irá me abandonar, e aí o que será de mim?

— Já se arrisca a ser abandonada por causa de um outro.

— Como sabe?

— Pela recomendação que fez, de não deixarem mais ninguém entrar esta noite.

— É verdade, mas esse é mesmo um amigo.

— Pelo qual não tem consideração, já que lhe fecha a porta a uma hora destas.

— Não lhe cabe censurar-me, uma vez que foi para recebê-los, ao senhor e ao seu amigo.

Aos poucos me havia aproximado de Marguerite, passara minhas mãos em torno de sua cintura e sentia seu corpo delgado pesar levemente sobre minhas mãos juntas.

— Se soubesse o quanto a amo! — eu lhe dizia baixinho.

— É verdade?

— Juro.

— Pois bem, se me prometer fazer todas as minhas vontades sem dizer nada, sem fazer observação alguma, sem me questionar, talvez possa amá-lo.

— Tudo o que quiser!

— Mas já o previno, quero ser livre para fazer o que bem entender, sem lhe dar a menor satisfação sobre minha vida. Há muito tempo procuro um amante jovem, sem reivindicações, apaixonado sem desconfiança, amado sem direitos. Nunca consegui encontrar nenhum. Os homens, ao invés de ficarem satisfeitos quando lhes concedemos por muito tempo o que sequer teriam esperado obter uma vez, pedem à sua amante satisfação do presente, do passado e até do futuro. À medida que se habitua a ela, querem dominá-la, e se tornam tanto mais exigentes quanto mais recebem tudo o que querem. Se me decidir a ter um novo amante agora, quero que tenha três qualidades bem raras: que seja confiante, submisso e discreto.

— Pois então, serei tudo o que quiser.

— Veremos.

— E quando veremos?

— Mais tarde.

— Por quê?

— Porque — disse Marguerite soltando-se dos meus braços, e retirando de um grande buquê de camélias vermelhas trazidas pela manhã, uma camélia que ela colocou em minha lapela —, porque nem sempre se pode cumprir os tratados no dia em que são assinados.

Era fácil de entender.

— E quando tornarei a vê-la? — perguntei pressionando-a em meus braços.

— Quando esta camélia mudar de cor.

— E quando ela mudará de cor?

— Amanhã, das onze horas à meia-noite. Está contente?

— Ainda me pergunta!

— Nem uma palavra de tudo isso nem a seu amigo, nem a Prudence, nem a quem quer que seja.

— Eu lhe prometo.

— Agora me beije, e voltemos à sala de jantar.

Ofereceu-me seus lábios, ajeitou novamente os cabelos, e saímos do quarto, ela cantando, eu um tanto alucinado.

Na sala, parou e disse-me baixinho:

— Deve parecer-lhe estranho que eu tenha demonstrado estar pronta a aceitá-lo assim imediatamente. Sabe de onde vem isso? Vem — continuou ela, pegando minha mão e pousando-a sobre seu coração, do qual pude sentir as violentas e repetidas palpitações —, isso vem de que, devendo viver menos que os outros, prometi a mim mesma viver mais rapidamente.

— Não fale assim, eu lhe suplico.

— Oh! Console-se — continuou ela rindo. — Por menor que seja o tempo que me resta viver, viverei por mais tempo do que irá me amar.

Entrou cantando na sala de jantar.

— Onde está Nanine? — disse ao ver Gaston e Prudence a sós.

— Está dormindo no seu quarto, esperando que você se deite — respondeu Prudence.

— Coitada! Vou matá-la. Vamos, senhores, retirem-se, já é tempo.

Dez minutos depois, Gaston e eu saíamos. Marguerite apertou-me a mão dizendo adeus, e ficou com Prudence.

— E então? — perguntou-me Gaston quando já estávamos fora. — O que diz de Marguerite?

— É um anjo, e sou louco por ela.

— Eu desconfiava. Disse isso a ela?

- Sim.
- E ela prometeu acreditar em você?
- Não.
- Diferente de Prudence.
- Ela prometeu?
- Fez melhor, meu caro! Ninguém diria, mas ainda está muito bem essa gorda Duvernoy!

XI

Nesse ponto de seu relato, Armand parou.

— Poderia fechar a janela? — disse-me. — Começo a sentir frio. Enquanto isso vou me deitar.

Fechei a janela. Armand, que estava muito fraco ainda, tirou o roupão e pôs-se na cama, deixando por alguns instantes a cabeça repousar sobre o travesseiro, como um homem que estivesse cansado de uma longa corrida ou agitado por penosas lembranças.

— Talvez tenha falado demais — disse-lhe eu —, quer que eu vá embora e o deixe dormir? Outro dia me contará o final dessa história.

— Ela o aborrece?

— Ao contrário.

— Então vou continuar. Se me deixasse sozinho, eu não dormiria.

Quando cheguei em casa — continuou ele —, sem precisar me concentrar, de tal forma todos os detalhes estavam ainda presentes em minha mente, comecei a pensar na aventura daquele dia. O encontro, a apresentação, a posição de Marguerite em relação a mim; tudo havia sido tão rápido, tão inesperado, que em alguns momentos eu acreditava ter sonhado. No entanto, não era a primeira vez que uma moça como Marguerite prometia-se a um homem para o dia seguinte ao que ele lhe fizera o pedido.

Por mais que eu refletisse, a primeira impressão produzida em mim por minha futura amante tinha sido tão forte que ainda subsistia. Eu teimava em não ver em Marguerite uma moça como as outras, e, com a vaidade própria de todos os homens, eu estava disposto a acreditar que ela sentia irresistivelmente por mim a mesma atração que eu sentia por ela.

No entanto, eu tinha sob os olhos exemplos bem contraditórios, e ouvira muitas vezes dizer que o amor de Marguerite se tornara um

artigo mais ou menos caro, dependendo da estação.

Além disso, como conciliar, por outro lado, essa reputação com as constantes recusas feitas ao jovem conde que havíamos encontrado em sua casa? Irá argumentar que ele não a agradava e que, considerando que ela era esplendidamente mantida pelo duque, se tivesse que arrumar outro amante, ia preferir um homem que a agradasse. Então, por que ela não queria Gaston, charmoso, espirituoso, rico, e parecia querer a mim, que julgara tão ridículo na primeira vez que nos vimos?

É verdade que há incidentes de um minuto que contam mais do que um ano de galanteio.

Dos que participavam da ceia, fui o único que se preocupou quando ela deixou a mesa. Eu a segui, ficara comovido a ponto de não conseguir esconder. Havia chorado ao beijar-lhe a mão. Essa circunstância, somada às minhas visitas quotidianas durante os dois meses de sua doença, podem tê-la feito ver em mim um homem diferente dos que ela conhecia até então, e talvez ela tenha pensado que bem poderia fazer por um amor demonstrado daquela maneira o que já havia feito tantas outras vezes, que isso já não trazia consequências para ela.

Todas essas suposições, como pode ver, eram muito plausíveis, mas qualquer que fosse a razão para o seu consentimento, uma coisa era certa, ela havia consentido.

Ora, eu estava apaixonado por Marguerite, ia possuí-la, não podia pedir-lhe mais nada. No entanto, repito, embora fosse o tipo de mulher que era, de tal forma eu imaginara, talvez para idealizá-la, aquele amor um amor sem esperança, que, quanto mais o momento, que eu nem teria mais de esperar, se aproximava, mais eu duvidava.

Não preguei mais os olhos à noite.

Não me reconhecia. Estava meio enlouquecido. Ora não me achava nem suficientemente bonito, nem suficientemente rico, nem suficientemente elegante para possuir uma mulher como aquela; ora me sentia cheio de vaidade com a ideia de tal posse. Então começava a temer que eu não fosse para Marguerite senão um capricho de alguns dias, e pressentindo o infortúnio de uma ruptura repentina,

talvez melhor fizesse, dizia a mim mesmo, em não ir à noite à casa dela, e sim em partir, escrevendo-lhe sobre meus temores. Disso, passava às esperanças sem limites, a uma confiança sem fim. Tinha sonhos incríveis para o futuro. Pensava que essa moça deveria sua cura física e moral a mim, que eu passaria toda a minha vida com ela, e que o seu amor me faria mais feliz que os mais virginais dos amores.

Enfim, eu não poderia repetir-lhe agora os mil pensamentos que iam do meu coração à minha mente e que aos poucos desapareceram no sono que me venceu ao amanhecer.

Quando acordei, eram duas horas. O tempo estava magnífico. Não me lembro de que a vida algum dia tenha me parecido tão bela e tão plena. As lembranças da véspera voltavam à minha mente, sem sombras, sem obstáculos e alegremente acompanhadas pelas esperanças da noite. Vesti-me apressadamente. Estava contente e era capaz das melhores ações. De tempos em tempos, meu coração se agitava de alegria e de amor dentro do peito. Uma doce febre me atingia. Não me preocupava mais pelas razões que me haviam preocupado antes de dormir. Eu via apenas o resultado, pensava apenas na hora em que ia reencontrar Marguerite.

Foi-me impossível ficar em casa. Meu quarto parecia pequeno demais para conter minha felicidade. Precisava da natureza inteira para me expandir.

Saí.

Passei pela Rua d'Antin. A carruagem de Marguerite a esperava à porta. Fui para os lados de Champs-Élysées. Eu gostava, mesmo não os conhecendo, de todos que eu encontrava.

Como o amor faz bem!

Ao final de uma hora de passeio, dos cavalos de Marly à rotatória, e da rotatória aos cavalos de Marly, vi ao longe a carruagem de Marguerite; mais que a reconheci, a adivinhei.

No momento de virar a esquina da Champs-Élysées, ela fez a carruagem parar, e um rapaz alto se afastou de um grupo em que conversava para falar com ela.

Conversaram por alguns instantes. O rapaz juntou-se novamente a

seus amigos, os cavalos partiram, e eu, que me aproximara do grupo, reconheci naquele que havia falado com Marguerite o conde de G..., de quem eu vira o retrato, e que Prudence me indicara como o homem a quem Marguerite devia sua situação.

Foi para ele que, na véspera, ela recomendara não abrirem sua porta. Supus que era para explicar-lhe o motivo daquela recomendação que fizera parar a carruagem, e torci para que ao mesmo tempo tivesse encontrado algum novo pretexto para não recebê-lo na noite seguinte.

Como se passou o resto do dia, eu não sei. Caminhei, fumei, conversei, mas, do que eu disse, daqueles que eu encontrei, às dez horas da noite já não tinha a mínima lembrança.

Tudo o que me lembro é de que voltei para casa, de que passei três horas me arrumando, de que olhei cem vezes para o relógio de parede e para o de bolso, e ambos, infelizmente, andavam um igual ao outro.

Quando soaram as dez horas e meia, disse a mim mesmo que era hora de ir.

Naquela época, eu morava na Rua de Provence. Segui a Rua Mont-Blanc, atravessei o bulevar, peguei a Rua Louis-le-Grand, a Rua de Port-Mahon, e a Rua d'Antin. Olhei para as janelas de Marguerite.

Havia luzes acesas.

Bati.

Perguntei ao porteiro se Mlle. Gautier estava em casa.

Ele me respondeu que ela nunca voltava antes das onze horas ou das onze e quinze.

Consultei meu relógio.

Pensei ter caminhado lentamente, mas não gastara mais que cinco minutos para vir da Rua de Provence à casa de Marguerite.

Então, andei por aquela rua sem lojas e deserta a uma hora daquelas.

Ao cabo de uma meia hora Marguerite chegou. Ela desceu da carruagem olhando ao redor, como se procurasse alguém.

A carruagem partiu devagar; nem o estábulo nem a garagem ficavam na casa. No momento em que Marguerite ia bater, eu me aproximei e lhe disse:

— Boa noite.

— Ah, está aí? — disse-me ela num tom pouco tranquilizador quanto ao prazer que sentia ao me encontrar ali.

— Não me havia permitido visitá-la hoje?

— Está certo, tinha esquecido.

Essa frase derrubava todas as minhas reflexões da manhã, todas as minhas esperanças do dia. Mas eu começava a me habituar àqueles modos e não fui embora, o que evidentemente teria feito em outros tempos.

Entramos.

Nanine já havia aberto a porta.

— Prudence já voltou? — perguntou Marguerite.

— Não, senhora.

— Vá dizer que, assim que ela estiver de volta, venha até aqui. Antes, apague a luz da sala, e se vier alguém diga que eu não voltei e que não vou voltar.

Ali estava uma mulher preocupada com alguma coisa e talvez inquieta por causa de alguém inoportuno. Eu não sabia o que fazer nem o que dizer. Marguerite foi em direção ao quarto de dormir. Eu fiquei onde estava.

— Venha — disse-me ela.

Ela tirou o chapéu, o casaco de veludo e jogou-os sobre a cama, em seguida deixou-se cair numa grande poltrona, perto do fogo que mandava acender até o início do verão, e me disse, brincando com a corrente do seu relógio:

— E então, que me conta de novo?

— Nada, a não ser que me enganei ao ter vindo esta noite.

— Por quê?

— Porque parece contrariada, e sem dúvida a aborreço.

— Não, não me aborrece. Apenas estou indisposta, passei mal o dia todo, não dormi e tenho uma enxaqueca medonha.

— Quer que eu me retire e que a deixe ir para a cama?

— Oh! Pode ficar, se eu quiser me deitar, posso deitar-me mesmo na sua presença.

Nesse momento, alguém bateu.

— Quem será agora? — disse ela com um gesto de impaciência.

Instantes depois, bateram de novo.

— Não tem ninguém para abrir. É preciso que eu mesma abra.

Com efeito, levantou-se dizendo-me:

— Espere aqui.

Atravessou o apartamento, e ouvi a porta de entrada se abrir. Prestei atenção.

Aquele a quem ela fora abrir a porta parou na sala de jantar. Nas primeiras palavras, reconheci a voz do conde de N...

— Como se sente esta noite? — ele perguntava.

— Mal — respondeu Marguerite secamente.

— Eu a incomodo?

— Talvez.

— É assim que me recebe! O que lhe fiz, minha querida Marguerite?

— Meu caro amigo, não me fez nada. Estou doente, preciso me deitar, então vai me dar o prazer de ir embora. Cansa-me não poder chegar em casa à noite sem vê-lo aparecer cinco minutos depois. O que quer? Que eu seja sua amante? Pois já lhe disse cem vezes que não, que me irrita profundamente, e que pode ir bater em outro lugar. Vou repetir agora, pela última vez, não quero nada com o senhor, está bem entendido? Adeus. Pronto, Nanine está de volta, ela o acompanhará. Boa noite.

E sem acrescentar mais uma palavra, sem ouvir o que balbuciava o rapaz, Marguerite retornou a seu quarto e fechou violentamente a porta, pela qual Nanine, por sua vez, entrou imediatamente.

— Escute — disse-lhe Marguerite —, dirá sempre a esse imbecil que não estou ou que não quero recebê-lo. Estou cansada, até aqui, de ver essas pessoas que vêm me pedir o tempo todo a mesma coisa, que me pagam e pensam estar quites comigo. Se aquelas que começam nessa vergonhosa atividade soubessem como é, iriam ser camareiras. Mas não, a ambição de possuir vestidos, carruagens, diamantes fala mais alto. Acreditamos naquilo que ouvimos, pois a prostituição tem sua fé, e aos poucos consumimos nosso coração, nosso corpo, nossa beleza. Somos temidas como um animal selvagem, desprezadas como

um pária, estamos sempre rodeadas de gente que tira de nós mais do que nos dá, e um belo dia morremos feito um cão, depois de sermos a perdição dos outros e a de nós mesmas.

— Pronto, acalme-se — disse Nanine —, a senhora não está bem dos nervos esta noite.

— Este vestido me incomoda — retrucou Marguerite, soltando os fechos de seu corpete —, dê-me um penhoar. E Prudence?

— Ainda não havia chegado, mas virá até aqui assim que chegar.

— Essa é outra — continuou Marguerite, tirando o vestido e colocando um penhoar branco —, essa é outra que sabe muito bem onde me encontrar quando precisa de mim, mas que não pode me fazer um favor de boa vontade. Ela sabe que estou esperando a resposta para esta noite, que preciso dessa resposta, que estou apreensiva, e tenho certeza de que saiu por aí sem se preocupar comigo.

— Alguma coisa deve tê-la retido.

— Diga para nos servirem ponche.

— Assim vai se prejudicar outra vez — disse Nanine.

— Tanto melhor. Traga também umas frutas, patê ou uma asa de frango, alguma coisa rápida, estou com fome.

Dizer que impressão essa cena me causava, é inútil, você pode imaginar, não é?

— Vai jantar comigo — disse-me ela. — Enquanto espera, pegue um livro, estarei por uns instantes em meu quarto de vestir.

Acendeu as velas de um candelabro, abriu uma porta próxima à sua cama e desapareceu.

Quanto a mim, comecei a pensar na vida dessa jovem, e meu amor se acresceu de compaixão.

Andava pelo quarto a passos largos, pensando, quando Prudence entrou.

— Veja só, o senhor aqui? — disse-me ela. — Onde está Marguerite?

— No quarto de vestir.

— Vou esperá-la. Pois então, ela o acha encantador, sabia?

— Não.

— Não lhe demonstrou nada?

— Nada.

— Por que está aqui?

— Vim fazer-lhe uma visita.

— À meia-noite?

— E por que não?

— Mentiroso!

— Ela até me recebeu muito mal.

— Mas vai recebê-lo melhor.

— Acha mesmo?

— Trago uma boa notícia para ela.

— Isso é bom. Quer dizer que lhe falou de mim?

— Ontem à noite, ou melhor, hoje, depois que saiu daqui com seu amigo... Aliás, como vai seu amigo? É Gaston R..., me parece, que ele se chama?

— Sim — disse eu, sem conseguir conter um sorriso ao lembrar-me da confiança que Gaston me fizera, e vendo que Prudence mal sabia seu nome.

— É um rapaz gentil. O que ele faz?

— Tem vinte e cinco mil francos de renda.

— Ah, verdade? Bem, voltando ao senhor, Marguerite quis saber a seu respeito. Perguntou-me quem era, o que fazia, quais tinham sido suas amantes, enfim, tudo o que se pode perguntar sobre um homem da sua idade. Eu lhe disse tudo o que sei, e acrescentei que é um rapaz adorável, é isso.

— Agradeço-lhe. Agora conte-me de que missão ela a encarregou ontem.

— De nenhuma. Era só para fazer o conde ir embora que me falava daquele modo, mas encarregou-me de uma para hoje, e é a resposta que estou trazendo.

Nesse momento Marguerite saiu do quarto de vestir, graciosamente arrumada com uma touca de dormir enfeitada com tufos de fita amarela, tecnicamente chamados de *choux*.^[1]

Estava maravilhosa daquele jeito.

Tinha os pés nus, calçados em pantufas de cetim, e terminava de

cuidar de suas unhas.

— E então — disse ela ao ver Prudence —, esteve com o duque?

— Claro!

— E o que ele lhe disse?

— Deu-me o dinheiro.

— Quanto?

— Seis mil.

— Estão com você?

— Sim.

— Ele pareceu contrariado?

— Não.

— Pobre homem!

Aquele *pobre homem* foi dito num tom impossível de reproduzir. Marguerite pegou os seis bilhetes de mil francos.

— Veio em boa hora — disse ela. — Minha cara Prudence, está precisando de dinheiro?

— Sabe como é, minha querida, dia 15 é só daqui a dois dias, se pudesse me emprestar trezentos ou quatrocentos francos, me faria um grande favor.

— Mande buscar amanhã cedo, é muito tarde para trocá-los.

— Não se esqueça.

— Fique tranquila. Janta conosco?

— Não. Charles está à minha espera em casa.

— Então continua apaixonada?

— Como uma louca, minha querida! Até amanhã. Adeus, Armand.

Mme. Duvernoy retirou-se.

Marguerite abriu a estante e jogou as notas lá dentro.

— Permite que eu me deite? — disse ela sorrindo enquanto ia até sua cama.

— Não só o permito como lhe peço que o faça.

Ela empurrou para o pé da cama a colcha de renda que a cobria e deitou-se.

— Agora venha sentar-se ao meu lado e vamos conversar.

Prudence estava certa, a resposta que havia trazido animara Marguerite.

— Perdoa-me pelo mau humor desta noite? — disse-me segurando minha mão.

— E estou pronto a perdoar-lhe muitos outros.

— Você me ama?

— Como um louco.

— Apesar do meu mau humor?

— Apesar de qualquer coisa.

— Jura?

— Juro — disse-lhe baixinho.

Nanine entrou trazendo pratos, frango frio, uma garrafa de vinho de Bordeaux, morangos e talheres.

— Não preparei o ponche — disse Nanine —, o vinho lhe cairá melhor. Não acha, senhor?

— Certamente — respondi, ainda emocionado com as últimas palavras de Marguerite, e os olhos ardentemente fixos nela.

— Ótimo — disse ela —, coloque tudo isso na mesa pequena e traga-a para perto da cama; nós mesmos nos serviremos. Já são três noites que não dorme, deve estar querendo descansar, vá se deitar, não preciso de mais nada.

— Devo trancar a porta com duas voltas?

— Seria bom! E o mais importante, diga para não deixarem ninguém entrar amanhã antes do meio-dia.

XII

As cinco horas da manhã, quando o dia começava a aparecer através das cortinas, Marguerite me disse:

— Perdoe-me por expulsá-lo, mas é preciso. O duque vem todas as manhãs. Quando chegar, vão lhe dizer que estou dormindo, e talvez ele espere até que eu acorde.

Segurei o rosto de Marguerite em minhas mãos, seus cabelos desalinhados caíam em volta delas, e dei-lhe um último beijo, dizendo-lhe:

— Quando tornarei a vê-la?

— Escute — respondeu ela —, pegue a pequena chave dourada que está sobre a lareira, vá abrir aquela porta, traga a chave de volta e vá embora. Durante o dia receberá uma carta e minhas ordens, e sabe que deve obedecê-las cegamente.

— Sim, mas, e se eu pedisse uma coisa?

— O quê?

— Que deixasse essa chave comigo?

— Nunca fiz por ninguém o que está me pedindo.

— Pois então faça por mim, porque juro que não a amo como os outros a amavam.

— Bem, fique com ela, mas o previno de que só depende de mim que essa chave lhe sirva para alguma coisa.

— Por quê?

— Há trincos pelo lado de dentro da porta.

— Malvada!

— Vou mandar tirá-los.

— Então me ama um pouquinho?

— Não sei como isso acontece, mas me parece que sim. Agora vá embora. Estou caindo de sono.

Ficamos por alguns segundos nos braços um do outro, e então parti.

As ruas estavam desertas, a grande cidade ainda dormia, um suave frescor percorria aqueles bairros que o ruído dos homens ia invadir horas mais tarde.

Tive a impressão de que essa cidade adormecida me pertencia. Eu procurava na memória os nomes de quem, até então, eu havia invejado a felicidade, mas não me lembrava de ninguém sem que me julgasse mais feliz.

Ser amado por uma jovem casta, ser o primeiro a lhe revelar o estranho mistério do amor é, decerto, uma grande felicidade, mas é a coisa mais simples do mundo. Apoderar-se de um coração que não está acostumado a conquistas é como entrar em uma cidadela aberta e sem defesa. A educação, o sentimento do dever e da família são fortíssimas sentinelas, mas não há sentinelas tão vigilantes que não se deixem enganar por uma juvenzinha de dezesseis anos, a quem, pela voz do homem que ama, a natureza dá os primeiros conselhos de amor, os quais, quanto mais puros parecem, mais ardentes são.

Quanto mais a jovem crê no bem, mais facilmente se abandona, se não ao amante, pelo menos ao amor, pois, não tendo desconfiança, também não tem força, e ser amado por ela é um triunfo que todo homem de vinte e cinco anos poderá conquistar quando quiser. Tanto isso é verdade que basta ver como essas jovens estão rodeadas de vigilância e proteção! Os conventos não têm muros suficientemente altos, as mães, cadeados suficientemente fortes, a religião, deveres suficientemente contínuos para manter todos esses encantadores pássaros presos em suas gaiolas, sobre as quais sequer é dado o trabalho de se lançar flores. Quanto a elas, como devem desejar esse mundo que lhes é escondido! Como devem acreditar que ele seja tentador! Como devem escutar a primeira voz que, por entre as grades, vem lhes revelar os segredos e abençoar a mão que levanta, pela primeira vez, uma ponta do véu misterioso!

Mas ser realmente amado por uma cortesã é uma vitória muito mais difícil. Nessas mulheres, o corpo desgastou a alma, os sentidos queimaram o coração, a devassidão endureceu os sentimentos. As

palavras que lhes são ditas há muito tempo já as ouviram. Os meios que são empregados, já os conhecem todos. O próprio amor que inspiram, já o venderam. Elas amam por ofício, não por encantamento. Estão mais protegidas por seus cálculos que uma virgem por sua mãe e seu convento. E inventaram a palavra capricho para designar esses amores sem comércio que se permitem ter de tempos em tempos como descanso, como desculpa ou como consolo. São comparáveis a esses usurários que exploram mil indivíduos e que acreditam se redimir emprestando algum dia vinte francos a um pobre diabo que morre de fome, sem exigir-lhe os juros e sem pedir-lhe recibo.

Depois, quando Deus permite o amor a uma cortesã, esse amor, que em princípio parece um perdão, quase sempre se torna um castigo para ela. Não há absolvição sem penitência. Quando uma criatura, de quem todo o passado é recriminável, vê-se repentinamente tomada por um amor profundo, sincero, irresistível, do qual jamais se julgou capaz, e mais ainda, quando confessou esse amor, como o homem assim amado a domina! Como se sente ele forte com o cruel direito de dizer-lhe: “Não fazes por amor nada além do que já não fizeste por dinheiro”.

Então, elas não sabem que provas dar. Uma criança, diz a fábula, após ter-se divertido por muito tempo a gritar por socorro, só para alarmar os que trabalhavam no campo, um belo dia foi devorada por um urso, pois aqueles que tantas vezes foram por ela enganados não deram crédito quando seus gritos eram verdadeiros. Assim acontece com essas infelizes moças quando amam seriamente. Mentiram tantas vezes que ninguém acredita mais nelas, e são, em meio ao remorso, devoradas por seu amor.

Daí esses grandes devotamentos, esses austeros retiros de que algumas foram exemplo.

Mas quando o homem que inspira esse amor redentor possui uma alma generosa o bastante para aceitá-la sem recordar o passado, quando se abandona a ela, quando, enfim, ama como é amado, esse homem encerra de uma só vez todas as emoções terrestres, e depois desse amor seu coração estará fechado para qualquer outro.

Essas reflexões eu não as fazia na manhã em que eu retornava à minha casa. Ou não poderiam ter sido senão o pressentimento do que ia me acontecer, e, apesar do meu amor por Marguerite, não entrevia semelhantes consequências. Essas reflexões faço-as hoje. Estando tudo irremediavelmente acabado, elas resultam naturalmente daquilo que ocorreu.

Mas, retornemos ao primeiro dia daquela ligação. Quando voltava para casa, sentia uma louca alegria. Sonhando que as barreiras colocadas por minha imaginação entre Marguerite e eu haviam desaparecido, que eu a possuía, que ocupava um pouco de seus pensamentos, que tinha em meu bolso a chave de seu apartamento e ainda o direito de me servir dessa chave, estava feliz da vida, orgulhoso de mim, e amava a Deus por permitir tudo isso.

Um dia, um rapaz caminha por uma rua, passa por uma mulher, olha para ela, vira-se, segue em frente. Essa mulher, que ele não conhece, tem prazeres, mágoas, amores em que ele não toma parte. Ele não existe para ela e se ele lhe falasse, talvez ela risse dele, como Marguerite fizera comigo. Semanas, meses, anos se passam, e de repente, depois de seguirem cada um seu destino de modos diferentes, a lógica do acaso os coloca frente a frente. Essa mulher torna-se amante desse homem e o ama. Como? Por quê? Suas duas existências agora formam apenas uma. A intimidade mal começa a existir, mas lhes parece sempre ter existido, e tudo o que aconteceu antes se apaga da memória dos dois amantes. É curioso, temos que admitir.

Quanto a mim, já não me lembrava de como tinha sido minha vida até a véspera. Todo o meu ser exultava de alegria ao lembrar-me das palavras trocadas durante aquela primeira noite. Ou Marguerite era hábil em enganar, ou tinha por mim uma dessas súbitas paixões que se revelam desde o primeiro beijo, e que às vezes morrem assim como nasceram.

Quanto mais pensava nisso, mais me dizia que Marguerite não tinha razão alguma para fingir um amor que não estivesse sentindo, e me dizia também que as mulheres têm duas maneiras de amar, que podem resultar uma da outra: elas amam com o coração ou com os sentidos. Muitas vezes, uma mulher tem um amante para obedecer

apenas à vontade de seus sentidos, e, sem que espere por isso, aprende o mistério do amor imaterial, passando a viver apenas pelo coração. Outras vezes, uma jovem que não procura no casamento mais que a união de duas afeições puras, recebe a imprevista revelação do amor físico, esse vigoroso ápice das mais castas sensações da alma.

Adormeci em meio a esses pensamentos. Fui acordado por uma carta de Marguerite, carta contendo estas palavras:

Eis minhas ordens: Esta noite no Vaudeville. Venha durante o terceiro intervalo.

M. G.

Guardei o bilhete em uma gaveta, a fim de ter sempre a realidade à mão caso começasse a duvidar, como me acontecia em alguns momentos.

Não me dizia para visitá-la durante o dia, eu não ousava apresentar-me em sua casa. Mas era tamanho meu desejo de encontrá-la antes da noite que fui a Champs-Élysées onde, como na véspera, a vi passar e passear.

Às sete horas, eu estava no Vaudeville.

Nunca havia entrado tão cedo em um teatro.

Todos os camarotes iam sendo ocupados, um após o outro. Apenas um continuava vazio, aquele ao rés do chão.

No início do terceiro ato, ouvi quando a porta do camarote se abriu, mantinha o olhar constantemente fixo nele. Marguerite apareceu.

Colocou-se imediatamente na poltrona da frente, procurou na plateia, viu-me, e agradeceu-me com o olhar.

Estava maravilhosamente bela naquela noite.

Seria eu a causa daquela elegância? Será que me amaria tanto para acreditar que, quanto mais a achasse bela, mais feliz eu estaria? Eu ainda não sabia. Mas se tivesse sido essa a sua intenção, obtivera êxito, pois quando se mostrou, as cabeças ondularam na mesma

direção, e até o ator em cena olhou para aquela que impressionava tanto os espectadores apenas com sua aparição.

E eu tinha a chave do apartamento daquela mulher, e em três ou quatro horas ela seria minha de novo.

Censuramos os que se arruínam por causa de atrizes e de cortesãs. O que me espanta é que não façam por elas vinte vezes mais loucuras. É preciso ter vivido, como eu, esse tipo de vida para saber o quanto as pequenas vaidades de cada dia, que elas concedem a seu amante, se fixam fortemente no coração, pois não há outra palavra que o amor que ele nutre por ela.

Prudence instalou-se em seguida, e um homem, em quem reconheci o conde de G..., sentou-se ao fundo.

Ao vê-lo, um arrepio passou-me pelo coração.

Sem dúvida, Marguerite percebeu a impressão que causava em mim a presença daquele homem em seu camarote, pois sorriu-me outra vez e, dando as costas ao conde, pareceu muito atenta à peça. No terceiro intervalo, virou-se e disse duas palavras; o conde saiu, e Marguerite fez-me sinal para que fosse até ela.

— Boa noite — disse eu dirigindo-me a Marguerite e a Prudence.

— Sente-se.

— Mas vou tomar o lugar de alguém. O senhor conde de G... não vai retornar?

— Sim. Pedi-lhe que comprasse doces, para que pudéssemos conversar um instante. Mme. Duvernoy é de confiança.

— Sim, meus filhos — disse esta —, fiquem tranquilos, não direi nada.

— O que tem esta noite? — disse Marguerite levantando-se e indo para a sombra do camarote beijar-me a testa.

— Estou um pouco indisposto.

— Precisa deitar-se — retrucou ela com aquele ar irônico tão adequado a seu caráter sagaz e espirituoso.

— Onde?

— Em sua casa.

— Sabe que não dormirei lá.

— Então não venha fazer cara feia aqui só porque viu um homem

dentro do meu camarote.

— Não é por isso.

— É sim, conheço isso de longe, e não está certo. Portanto não se fala mais nisso. Depois do espetáculo vá à casa de Prudence e espere até que alguém o chame. Entendeu?

— Sim.

E eu poderia desobedecer?

— Ainda me ama? — continuou ela.

— Que pergunta!

— Pensou em mim?

— O dia inteiro.

— Sabe que realmente tenho medo de me apaixonar por você? Pergunte a Prudence.

— Ah! — exclamou a gorda mulher. — Chega a cansar.

— Agora volte para sua poltrona. O conde vai chegar e é inútil que o veja aqui.

— Por quê?

— Porque é desagradável para você ter que encontrá-lo.

— Não. Mas se me tivesse dito que desejava vir ao Vaudeville esta noite, eu poderia, tanto quanto ele, ter-lhe reservado o camarote.

— Infelizmente, ele o fez sem que eu lhe pedisse, oferecendo-se para me acompanhar. Como bem sabe, eu não podia recusar. Tudo o que podia fazer era escrever-lhe dizendo onde eu estaria, para que me visse e porque eu mesma teria prazer em vê-lo mais cedo. Mas já que é assim que me agradece, aproveitarei a lição.

— Estou errado, me perdoe.

— Ainda bem. Volte tranquilamente ao seu lugar e, acima de tudo, não banque o ciumento.

Beijou-me novamente, e eu saí.

No corredor encontrei o conde, que retornava.

Voltei à minha poltrona.

Por fim, a presença do conde de G... no camarote de Marguerite era uma coisa bem simples. Ele havia sido seu amante, reservava-lhe um camarote, acompanhava-a ao espetáculo, tudo isso era bastante natural. E tendo por amante uma jovem como Marguerite, eu devia

aceitar seus costumes.

Nem por isso deixei de me sentir muito infeliz pelo resto da noite, e ia embora muito triste após ter visto Prudence, o conde e Marguerite subirem na caleche que os esperava à porta.

Porém, quinze minutos depois eu já estava em casa de Prudence. Ela acabara de chegar.

XIII

- **V**eu quase tão rápido quanto nós — disse-me Prudence.
- Sim — respondi maquinalmente. — Onde está Marguerite?
- Na casa dela.
- Sozinha?
- Com M. de G...
- Caminhei na sala, de um lado para o outro.
- O que você tem?
- Pensa que acho engraçado esperar que M. de G... saia da casa de Marguerite?
- Não está sendo razoável. Entenda que Marguerite não pode mandar o conde embora. M. de G... esteve muito tempo com ela, sempre lhe deu muito dinheiro; ainda dá. Marguerite gasta mais de cem mil francos por ano. Está com muitas dívidas. O duque manda o que ela lhe pede, mas nem sempre ela se atreve a pedir tudo que precisa. Não pode se indispor com o conde, que lhe proporciona ao menos uns dez mil francos por ano. Marguerite gosta muito de você, meu caro amigo, mas sua ligação com ela, tanto para o bem dela quanto para o seu, não deve ser séria. Não é com os sete ou oito mil francos de sua pensão que vai sustentar o luxo dessa moça. Eles não dariam nem para a manutenção da carruagem. Considere Marguerite pelo que ela é, uma boa moça, bonita e espirituosa. Seja seu amante por um mês, dois meses. Mande-lhe flores, doces, reserve-lhe camarotes, mas não ponha mais nada na cabeça, nem lhe faça cenas ridículas de ciúme. Sabe muito bem com quem está se metendo: Marguerite não é exatamente uma virtude. O senhor gosta muito dela e a agrada, não se preocupe com o resto. Acho-o encantador quando se mostra suscetível! Tem a amante mais atraente de Paris! Ela o recebe num apartamento magnífico, sempre coberta de diamantes, e

não lhe custará um centavo, se assim o quiser, e o senhor não está contente! Que diabo! Está lhe pedindo muito.

— Tem razão, mas é mais forte que eu. A ideia de que esse homem é seu amante me causa um mal terrível.

— Antes de mais nada — retomou Prudence —, será que ele ainda é seu amante? É um homem de quem ela precisa, isso é tudo. Há dois dias ela manda que lhe fechem a porta. Ele veio esta manhã e ela não pôde fazer outra coisa se não aceitar as entradas para o camarote e permitir que ele a acompanhasse. Ele a traz de volta para casa, sobe um instante com ela, mas não vai ficar, uma vez que o senhor espera aqui. Tudo isso é bem natural, me parece. Por sinal, não aceita bem o duque?

— Sim, mas é um velho, e tenho certeza de que Marguerite não é sua amante. Além disso, podemos às vezes aceitar uma ligação, mas não duas. Essa facilidade se assemelha muito a um cálculo e aproxima o homem que a aceita, mesmo por amor, daqueles que, em um nível mais baixo, fazem desse consentimento uma atividade e lucram com essa atividade.

— Ah, meu querido, como o senhor é antiquado! Quantos eu já vi, mais nobres, mais elegantes, mais ricos, fazendo o que lhe aconselho, e sem esforço, sem vergonha, sem remorso! Vemos isso todo dia. Como ia querer que as cortesãs de Paris fizessem para manter o nível de vida que levam se não tivessem três ou quatro amantes ao mesmo tempo? Não há fortuna, por mais considerável que seja, que possa, sozinha, dar conta das despesas de uma mulher como Marguerite. Uma fortuna de quinhentos mil francos de renda é uma fortuna enorme na França. Pois bem, meu caro amigo, quinhentos mil francos de renda não bastariam, veja por que: um homem que tem um rendimento desses tem uma casa montada, cavalos, criados, veículos, amigos, terras. Muitas vezes é casado, tem filhos, desperdiça, joga, viaja, que sei eu! Todos esses hábitos estão de tal forma arraigados que não pode abandoná-los sem passar por arruinado ou sem causar escândalo. No final das contas, com quinhentos mil francos anuais, não consegue dar a uma mulher mais que quarenta ou cinquenta mil francos durante o ano, se tanto. Por isso, outros amores completam o

gasto anual dessa mulher. Com Marguerite é mais cômodo ainda. Por milagre, ela caiu do céu no colo de um velhote com uma riqueza de dez milhões, de quem a mulher e a filha estão mortas, que não tem mais ninguém além de sobrinhos, eles próprios ricos, e que dá a ela tudo o que quer sem nada pedir em troca. Entretanto, ela não pode lhe pedir mais do que setenta mil francos por ano, e estou certa de que se ela pedisse mais, apesar da fortuna e da afeição que tem por Marguerite, ele não daria. Todos esses rapazes que vivem em Paris com vinte ou trinta mil francos de renda, ou seja, mal tendo como viver no meio em que frequentam, sabem muito bem, quando são amantes de uma mulher como Marguerite, que ela mal conseguiria pagar o apartamento e os criados com aquilo que lhe dão. Eles não dizem que sabem, fingem não perceber nada, e quando se cansam, desaparecem. Se têm a pretensão de cobrir todos os gastos, arruinam-se como tolos e vão se matar na África, depois de deixar cem mil francos de dívidas em Paris. Acredita que a mulher possa ser-lhes reconhecida por isso? De jeito nenhum. Ao contrário, vai dizer que sacrificou sua posição por eles e que, enquanto esteve com eles, perdia dinheiro. Ah, o senhor acha todos esses detalhes vergonhosos, não é? Mas são reais. O senhor é um rapaz adorável, de quem eu gosto de coração. Há vinte anos vivo entre as cortesãs, sei o que elas são e o que elas valem, e não gostaria de vê-lo levar a sério o capricho que uma jovem bonita tem pelo senhor. Além disso — continuou Prudence — vamos admitir que Marguerite o ame o bastante para renunciar ao conde e ao duque, caso este percebesse a ligação de vocês e dissesse a ela para escolher entre o senhor e ele. O sacrifício que faria pelo senhor seria enorme, isso é incontestável. Que sacrifício semelhante o senhor poderia fazer por ela? Quando o fastio chegasse, quando, enfim, não a quisesse mais, o que faria para compensá-la por aquilo que a teria feito perder? Nada. O senhor a teria isolado do mundo no qual estavam sua fortuna e seu futuro, ela lhe teria dado seus mais belos anos, e depois seria esquecida. Ou, então, o senhor seria um homem como todos os outros, jogando-lhe na cara o passado, dizendo-lhe que, ao deixá-la, não estaria agindo senão como seus outros amantes, e a abandonaria a uma miséria certa. Ou, seria

um homem honrado, e julgando-se obrigado a ficar com ela, estaria entregando-se a uma inevitável infelicidade, pois essa ligação, desculpável quando se é jovem, deixa de sê-lo quando se é homem maduro. Ela se torna um obstáculo para tudo, não permite nem a família, nem a ambição, esses segundos e últimos amores do homem. Então, acredite em mim, meu amigo, tome as coisas por aquilo que valem, as mulheres pelo que são, e não dê a uma cortesã o direito de proclamar-se sua credora em relação ao que quer que seja.

Era de um sábio raciocínio e de uma lógica dos quais julgava Prudence incapaz. Não encontrei nada para lhe dizer, a não ser que tinha razão. Dei-lhe a mão e lhe agradei por seus conselhos.

— Vamos, vamos — disse-me ela —, deixe para lá essas horríveis teorias e sorria. A vida é encantadora, meu caro, depende do prisma pelo qual a olhamos. Escute, consulte seu amigo Gaston, ali está alguém que parece entender o amor da mesma forma que eu entendo. Algo de que precisa estar convencido, antes que vire um rapaz desagradável, é que, aqui ao lado, há uma bela jovem que espera impacientemente ir embora o homem que está em sua casa. Uma jovem que pensa no senhor, que lhe reserva sua noite, que gosta do senhor, tenho certeza disso. Agora, venha para a janela comigo, e logo veremos o conde partir, deixando-nos livre seu lugar.

Prudence abriu uma janela, e nos acomodamos um ao lado do outro no balcão.

Ela observava os raros passantes, e eu, pensava.

Tudo o que me dissera fervilhava em minha cabeça, mas eu não podia deixar de convir que ela estava com a razão. Só que o verdadeiro amor que eu sentia por Marguerite tinha dificuldade em aceitar aquela razão. De tempos em tempos eu dava uns suspiros que faziam Prudence virar-se para mim, levantando os ombros como um médico que se desespera com um doente.

Damo-nos conta de que a vida é curta, eu pensava com meus botões, pela rapidez das sensações! Conheço Marguerite apenas há dois dias, apenas desde ontem ela é minha amante, mas já invadiu de tal forma meu pensamento, meu coração e minha vida que a visita desse conde de G... é uma desgraça para mim.

Finalmente o conde saiu, subiu em sua carruagem e desapareceu. Prudence fechou a janela.

Ao mesmo tempo Marguerite nos chamava.

— Venham depressa, estão arrumando a mesa — disse ela —, vamos cear.

Quando entrei, Marguerite correu para mim, saltou-me ao pescoço e abraçou-me com toda força.

— Continuamos emburrados? — perguntou-me.

— Não, acabou-se — respondeu Prudence —, passei-lhe um sermão e ele prometeu se comportar.

— Ainda bem!

Involuntariamente lancei um olhar sobre a cama, não estava desfeita, e Marguerite já vestia o penhoar branco.

Fomos para a mesa.

Encanto, ternura, efusão, Marguerite tinha tudo, e algumas vezes eu era obrigado a reconhecer que não tinha o direito de pedir-lhe outra coisa, que muitos outros estariam felizes em meu lugar, e que, como o pastor de Virgílio, eu só tinha que usufruir dos prazeres que um deus, ou melhor, que uma deusa me proporcionava.

Tentei colocar em prática as teorias de Prudence e me mostrar tão alegre quanto minhas duas companheiras, mas o que para elas era natureza, para mim era esforço, e meu riso nervoso, com o qual elas se enganaram, passava perto das lágrimas.

Enfim a ceia terminou, e fiquei só com Marguerite. Ela, como de hábito, foi sentar-se em seu tapete, diante do fogo, olhando para a chama com um ar tristonho.

Ela estava pensando! Em quê? Não sei. Mas eu olhava para ela com amor, quase com terror, vendo que estava pronto a sofrer por ela.

— Sabe em que eu pensava?

— Não.

— Em um arranjo que encontrei.

— E que arranjo é esse?

— Ainda não posso lhe contar, mas posso dizer o que resultará dele. O resultado dele é que daqui a dois meses eu ficarei livre, não deverei mais nada, e iremos passar o verão juntos no campo.

— Não pode me dizer de que maneira?

— Não, só é preciso que me ame como eu o amo, e tudo vai dar certo.

— E você encontrou esse arranjo sozinha?

— Sim.

— E vai executá-lo sozinha?

— Vou arcar sozinha com os aborrecimentos — disse-me Marguerite, com um sorriso que nunca esquecerei —, mas dividiremos os benefícios.

Não pude deixar de corar ao ouvir a palavra *benefícios*, lembrei-me de Manon Lescaut comendo com Des Grieux o dinheiro de M. de B...

Respondi num tom um tanto duro, levantando-me:

— Vai me permitir, minha querida Marguerite, dividir apenas os benefícios de negócios que eu mesmo concebo e executo.

— O que significa isso?

— Significa que suspeito muito de que o senhor conde de G... seja seu sócio nesse feliz arranjo, do qual não aceito nem os encargos nem os benefícios.

— Você não passa de uma criança. Eu pensava que me amasse, mas estou enganada, pois muito bem.

E, ao mesmo tempo, levantou-se, abriu o piano e pôs-se a tocar novamente *Convite à valsa*, até a famosa passagem em sustenido que a obrigava a parar.

Seria pela força do hábito ou para lembrar-me do dia em que nos conhecemos? O que sei é que, com essa melodia, as lembranças me voltaram à mente, e, aproximando-me dela, tomei seu rosto entre as mãos e a beijei.

— Você me perdoa? — perguntei-lhe.

— Como bem pode ver — respondeu-me. — Mas repare que estamos apenas no segundo dia e já tenho algo a lhe perdoar. Não mantém muito bem suas promessas de obediência cega.

— O que quer, Marguerite? Eu a amo demais, tenho ciúme até do menor de seus pensamentos. O que acabou de me propor me deixaria louco de alegria, mas o mistério que precede a execução desse plano oprime o meu coração.

— Vejamos, vamos raciocinar um pouco — continuou ela segurando minhas duas mãos e olhando-me com um sorriso encantador, ao qual me era impossível resistir. — Você me ama, não é? E ficaria feliz em passar três ou quatro meses sozinho comigo no campo. Eu também ficaria feliz com esse isolamento a dois. Não só ficaria feliz, como preciso disso por causa da minha saúde. Não posso sair de Paris por tanto tempo sem colocar ordem em meus negócios, e os negócios de uma mulher como eu são sempre muito complicados. Pois bem, encontrei um jeito de conciliar tudo, meus negócios e meu amor por você, isso mesmo, por você, não ria, cometi a loucura de amá-lo! E vem você com esse ar importante, me dizendo grandes palavras. Criança! Três vezes criança! Lembre-se apenas de que o amo, e não se preocupe com nada. E então, estamos combinados?

— Tudo o que quiser está combinado, sabe disso.

— Então, antes de um mês, estaremos em algum vilarejo, passeando à beira da água e bebendo leite. Deve lhe parecer estranho que eu fale assim, eu, Marguerite Gautier. Acontece, meu amigo, que quando essa vida de Paris, que dá a impressão de me fazer tão feliz, não me incendeia, ela me entedia, e aí aspiro repentinamente a uma existência mais calma, que me faça lembrar minha infância. Todo mundo teve uma infância, independentemente do que se tenha tornado. Oh! Fique tranquilo, não vou lhe dizer que sou a filha de um coronel aposentado e que fui educada em Saint-Denis. Sou uma pobre camponesa, e há seis anos sequer sabia escrever meu nome. Agora está tranquilo, não está? Por que será você o primeiro a quem me dirijo para compartilhar a alegria desse desejo que tive? Sem dúvida porque percebi que me ama por mim e não por você, enquanto que os outros nunca me amaram senão por eles mesmos. Estive muitas vezes no campo, mas nunca da forma que gostaria de ter estado. É com você que conto para obter essa satisfação simples, portanto, não seja ingrato e faça isso por mim. Repita o seguinte: “Ela não deve viver muito tempo, e um dia ficarei arrependido de não ter feito por ela a primeira coisa que me pediu, e que era tão fácil de fazer”.

Que responder a tais palavras, ainda mais com a lembrança de uma primeira noite de amor, e à espera de uma segunda?

Uma hora depois, estreitava Marguerite em meus braços, e se me tivesse pedido para cometer um crime, eu teria obedecido.

Às seis horas da manhã eu saí, mas antes de sair eu lhe disse:

— Até esta noite?

Deu-me um abraço forte, mas não me respondeu. Durante o dia recebi uma carta que continha estas palavras:

Meu querido menino, estou um pouco indisposta, e o médico me recomenda repouso. Esta noite irei deitar-me cedo e não o verei. Mas, para recompensá-lo, estarei à sua espera amanhã ao meio-dia. Eu o amo.

Meu primeiro pensamento foi: “Ela está me enganando!”

Um suor gelado correu por minha testa, pois eu já amava demais aquela mulher para que uma suspeita dessas não me atormentasse.

No entanto, com Marguerite eu devia esperar por essas coisas todos os dias. E isso tinha acontecido muitas vezes com minhas outras amantes sem que eu me preocupasse tanto. De onde vinha o poder que essa mulher exercia sobre a minha vida?

Então, já que tinha a chave da casa dela, pensei ir vê-la como de costume. Assim, rapidamente saberia a verdade, e se encontrasse um homem iria esbofeteá-lo.

Enquanto esperava, fui a Champs-Élysées. Lá fiquei por quatro horas. Ela não apareceu. À noite, entrei em todos os teatros em que ela costumava ir. Não estava em nenhum.

Às onze horas, fui até a Rua d’Antin.

Não se viam luzes acesas nas janelas de Marguerite. Mesmo assim, bati.

O porteiro perguntou-me aonde eu ia.

— À casa de Mlle. Gautier.

— Ela não chegou.

— Vou subir e esperá-la.

— Não há ninguém na casa.

Evidentemente, esse era um argumento que eu podia rebater já que tinha a chave, mas temi uma cena ridícula, e retirei-me.

Só que não voltei para minha casa, não conseguia sair daquela rua,

e não tirava os olhos da casa de Marguerite. Tinha a impressão de haver ainda algo que eu deveria saber, ou pelo menos que minhas suspeitas se confirmariam.

Por volta da meia-noite, uma carruagem que eu conhecia bem parou perto do número 9.

O conde de G... desceu dela e entrou na casa, após dispensar o veículo.

Por um momento, esperei que lhe dissessem, como a mim, que Marguerite não estava em casa, e que fosse embora, mas, às quatro horas da manhã eu ainda esperava.

Havia sofrido bastante nas últimas três semanas, mas aquilo não era nada, creio, em comparação com o que sofri naquela noite.

XIV

Chegando em casa, comecei a chorar como uma criança. Não há homem que não tenha sido enganado pelo menos uma vez, e que não saiba o quanto dói.

Disse a mim mesmo, sob o peso dessas resoluções febris, as quais sempre acreditamos ter força para manter, que era preciso romper imediatamente com esse amor, e esperei com impaciência o amanhecer, para retomar meu lugar, voltar para perto de meu pai e de minha irmã, duplo amor do qual não tinha dúvidas, e que não me enganaria.

No entanto, não queria partir sem que Marguerite soubesse exatamente por que eu partia. Só um homem que realmente não ama mais sua amante a deixa sem lhe escrever.

Fiz e refiz vinte cartas em minha cabeça.

Havia me relacionado com uma mulher igual a todas as outras mulheres de vida fácil, idealizara-a demais. Ela me tratara como a um moleque, empregando, para me enganar, um artifício de uma simplicidade insultante, estava claro. Meu amor-próprio falou mais alto. Era preciso abandonar aquela mulher sem lhe dar o prazer de saber o quanto essa ruptura me fazia sofrer, e eis o que lhe escrevi com minha caligrafia mais caprichada, e lágrimas de raiva e de sofrimento nos olhos:

Minha querida Marguerite,

Espero que sua indisposição de ontem não tenha sido nada. Passei às onze horas da noite para pedir notícias suas, e disseram-me que ainda não havia retornado. M. de G... foi mais feliz que eu, porque chegou alguns instantes depois e às quatro horas da manhã ainda estava em sua casa.

Perdoe-me pelas horas entediantes que a fiz passar, e esteja certa de que

jamais esquecerei os felizes momentos que lhe devo.

Teria ido saber notícias suas hoje, mas conto regressar para junto de meu pai.

Adeus, minha cara Marguerite. Não sou rico o bastante para que me ame como eu desejaria, nem pobre o bastante para amá-la como você gostaria. Portanto, esqueçamos. Você, um nome que lhe deve ser quase indiferente, eu, uma felicidade que tornou-se impossível para mim.

Mando-lhe de volta sua chave, que a mim nunca serviu e que poderá ser-lhe útil, caso adoeça outras vezes, como adoeceu ontem.

Como vê, não tive a capacidade de terminar a carta sem uma ironia impertinente, o que provava o quanto eu ainda estava apaixonado.

Li e reli a carta dez vezes, e a ideia de que ela faria Marguerite sofrer me acalmou um pouco. Tentei me convencer dos sentimentos ali expressados, e quando, às oito horas, meu criado entrou em minha casa, dei-lhe a carta para que a levasse imediatamente.

— Devo esperar por uma resposta? — perguntou-me Joseph (meu criado se chamava Joseph, como todos os criados).

— Se lhe perguntarem se é o caso de resposta, diga que não sabe, e espere.

Agarrava-me à esperança de que ela me responderia.

Como somos miseráveis e fracos!

Durante todo o tempo em que meu criado esteve fora, fiquei extremamente agitado. Às vezes, lembrando-me de como Marguerite se entregara a mim, me perguntava com que direito lhe escrevia uma carta insolente, quando ela podia responder-me que não era M. de G... quem me enganava, e sim eu quem enganava M. de G... Raciocínio que permite a muitas mulheres manterem vários amantes. Outras vezes, lembrando-me das palavras de Marguerite e querendo convencer-me de que minha carta era ainda afável demais, isenta de expressões suficientemente fortes para punir uma mulher que ria de um amor tão sincero quanto o meu. Em seguida, pensava que melhor teria sido, ao invés de lhe escrever, ir à sua casa durante o dia, pois assim poderia saborear as lágrimas que a faria derramar.

Enfim, perguntava-me o que ela iria me responder, já pronto em

acreditar na desculpa que me daria.

Joseph retornou.

— E então? — perguntei-lhe.

— Senhor — respondeu-me —, madame estava deitada, ainda dormia, mas assim que acordar irão entregar-lhe a carta, e se tiver uma resposta, será trazida até aqui.

Ela dormia!

Estive vinte vezes a ponto de mandar buscar aquela carta, mas sempre pensava: “Talvez já lhe tenha sido entregue, e eu daria a impressão de me arrepender”.

Quanto mais parecia aproximar-se a hora em que me responderia, mais eu lamentava haver escrito.

Soaram dez horas, onze horas, meio-dia.

Ao meio-dia quase fui ao encontro combinado, como se nada tivesse acontecido. Por fim, já não sabia o que imaginar para livrar-me do círculo de ferro que me oprimia.

Então, com aquela superstição dos que esperam, pensei que, se saísse um pouco, ao voltar encontraria uma resposta. As respostas esperadas com impaciência sempre chegam quando não estamos em casa.

Saí com o pretexto de almoçar.

Em vez de almoçar no Café Foy, na esquina do boulevard, como tinha o hábito de fazer, preferi almoçar no Palais-Royal e passar pela Rua d’Antin. Cada vez que via de longe uma mulher, acreditava que fosse Nanine trazendo-me uma resposta. Caminhei pela Rua d’Antin sem encontrar sequer um mensageiro. Cheguei ao Palais-Royal e entrei no restaurante Véry.

O garçom me fez comer, ou melhor, serviu-me o que quis, porque nem comi.

Contra minha vontade, meus olhos se fixavam constantemente no relógio.

Voltei para casa, convencido de que iria encontrar uma carta de Marguerite.

O porteiro nada havia recebido. Esperava ainda algo de meu criado, mas este não vira ninguém desde o momento em que eu saíra.

Se Marguerite tivesse que me responder, teria respondido há mais tempo.

Então, comecei a me arrepender dos termos que empreguei na carta. Devia ter-me calado completamente, o que provavelmente lhe provocaria alguma inquietude, pois, vendo que eu não tinha ido ao encontro marcado na véspera, teria me perguntado as razões de minha ausência, e só então é que eu deveria apontá-las. Assim, ela não poderia fazer outra coisa senão se desculpar, e o que eu queria era que ela se desculpasse. Já sentia que, quaisquer que fossem os motivos que alegasse, eu acreditaria, e que qualquer coisa era preferível a não tornar a vê-la.

Cheguei a pensar que viria em pessoa à minha casa, mas as horas se passaram e ela não veio.

Decididamente, Marguerite não era como todas as mulheres, pois são poucas as que, recebendo uma carta semelhante à que eu acabara de escrever, não responderiam alguma coisa.

Às cinco horas, corri até Champs-Élysées.

Se a encontrar, pensei, fingirei um ar de indiferença, e ela ficará convencida de que já não penso mais nela.

Na esquina da Rua Royale a vi passar em sua carruagem. O encontro foi tão brusco que empalideci. Não sei se ela notou minha emoção, mas eu, fiquei tão perturbado que vi apenas a carruagem.

Não continuei a caminhada até Champs-Élysées. Consultei os cartazes dos teatros, pois ainda teria uma oportunidade de vê-la.

Havia uma estreia no Palais-Royal. Marguerite devia certamente ir assisti-la.

Às sete horas eu estava no teatro.

Todos os camarotes foram ocupados, mas Marguerite não apareceu.

Então saí do Palais-Royal e entrei em todos os teatros em que ela costumava ir, o Vaudeville, o Variedades, o Ópera Cômica.

Ela não estava em lugar algum.

Ou minha carta a entristecera demais para que pensasse em espetáculos, ou temia encontrar-se comigo, e queria evitar uma explicação.

Era isso o que minha vaidade me dizia quando encontrei Gaston no

bulevar. Perguntou-me de onde eu vinha.

— Do Palais-Royal.

— E eu do Opéra — disse-me. — Pensei tê-lo visto lá.

— Por quê?

— Porque Marguerite estava lá.

— Ah! Ela estava lá?

— Estava.

— Sozinha?

— Não, com uma de suas amigas.

— Só isso?

— O conde de G... esteve um instante em seu camarote, porém ela foi embora com o duque. Várias vezes pensei que você fosse aparecer. Ao meu lado, uma poltrona ficou vazia a noite inteira, e eu tinha certeza de que estava reservada para você.

— Mas por que eu iria aonde vai Marguerite?

— Porque é seu amante, ora essa!

— E quem lhe disse isso?

— Prudence, com quem me encontrei ontem. Felicito-o por isso, meu caro, é uma bela amante, que nem todos que querem, conseguem. Preserve-a, é um privilégio.

Esta simples reflexão de Gaston mostrou-me o quanto minhas suscetibilidades eram ridículas.

Se o houvesse encontrado na véspera e me tivesse dito essas coisas, eu certamente não teria escrito a tola carta da manhã.

Estive a ponto de ir à casa de Prudence e de pedir-lhe para dizer a Marguerite que eu precisava falar com ela, mas temi que, para se vingar, dissesse que não podia me receber. Então voltei para minha casa, depois de passar pela Rua d'Antin.

Perguntei novamente ao porteiro se havia alguma carta para mim.

Nada!

“Ela deve ter desejado ver se eu tomaria alguma nova atitude e se retiraria o que havia dito em minha carta de hoje” pensei ao me deitar. “Mas vendo que não lhe escrevi, me responderá amanhã.”

Naquela noite, especialmente, me arrependi do que havia feito. Estava sozinho em casa, sem conseguir dormir, devorado pela

inquietação e pelo ciúme, quando, se tivesse deixado que as coisas seguissem seu rumo natural, poderia estar ao lado de Marguerite, ouvindo palavras amáveis que só tinha ouvido duas vezes e que ardiam-me nos ouvidos em meio àquela solidão.

O que era terrível em minha situação é que o raciocínio me tirava a razão. De fato, tudo me dizia que Marguerite me amava. Primeiro, o plano de passar um verão no campo apenas comigo, depois, a certeza de que nada a forçava a ser minha amante, já que minha fortuna era insuficiente para suas necessidades e mesmo para seus caprichos. Para ela, só houvera a esperança de encontrar em mim uma afeição sincera, capaz de refazê-la dos amores mercenários em meio aos quais vivia, e desde o segundo dia eu destruía essa esperança, e pagava com uma ironia impertinente o amor aceito durante duas noites. O que eu fazia era, portanto, mais que ridículo, era indelicado. Por acaso pagara àquela mulher, para achar-me no direito de censurar sua vida? Retirando-me assim no segundo dia, não dava a impressão de ser um parasita do amor, que receia não receber o cardápio de seu jantar? Como! Há trinta e seis horas conhecia Marguerite. Há vinte e quatro me tornava seu amante, e já me fazia de suscetível. E, em vez de me sentir feliz por ela também estar comigo, queria ter tudo só para mim, e obrigá-la a cortar de uma vez as relações de seu passado, que significavam os ganhos do seu futuro. Que tinha eu a censurar-lhe? Nada. Escreveu-me que estava adoentada, quando poderia ter-me dito cruamente, com a horrível franqueza de certas mulheres, que receberia um amante. Em lugar de dar crédito a sua carta, em lugar de caminhar por todas as ruas de Paris, exceto a Rua d'Antin, em lugar de passar a noite com meus amigos e me apresentar no dia seguinte à hora que ela determinara, eu bancava o Otelo, espionava, e julgava puni-la não indo mais vê-la. Ela, ao contrário, devia estar encantada com essa separação, devia achar-me incrivelmente tolo, e seu silêncio não era nem rancor, era desdém.

Antes eu tivesse enviado a Marguerite um presente que não lhe deixasse dúvida alguma sobre minha generosidade, e que me permitiria acreditar, por tratá-la como a uma cortesã, que não lhe devia nada. Mas, ainda que eu julgasse ofender, com essa mínima

aparência de comércio, senão o amor que ela possuía por mim, ao menos o amor que eu tinha por ela, e como esse amor era tão puro que não admitia ser partilhado, ele não podia pagar com um presente, por mais bonito que fosse, a felicidade que lhe fora proporcionada, por mais breve que esta tivesse sido.

Foi o que me repeti durante a noite, e o que, a cada instante, estive prestes a ir dizer a Marguerite.

Quando amanheceu, continuava sem dormir, tinha febre. Era-me impossível pensar em outra coisa além de Marguerite.

Como pode compreender, era preciso tomar uma decisão definitiva, que poria fim ou à mulher ou aos meus escrúpulos, se, todavia, ela ainda quisesse me receber.

Mas, como sabe, sempre adiamos uma decisão. Assim, não conseguindo ficar em casa, e não ousando ir à casa de Marguerite, busquei um meio de me aproximar dela, um meio que meu amor-próprio pudesse colocar na conta do acaso, se viesse a dar certo.

Eram nove horas. Corri à casa de Prudence, que perguntou-me a que devia aquela visita matinal.

Não me atrevi a dizer-lhe com franqueza o que me levava até lá. Respondi-lhe que havia saído bem cedo para reservar um lugar na diligência para C..., onde vivia meu pai.

— Tem muita sorte — disse-me — por poder sair de Paris com este tempo bom.

Olhei para Prudence perguntando-me se estaria zombando de mim. Mas seu semblante estava sério.

— Vai dizer adeus a Marguerite?

— Não.

— Faz bem.

— Acha mesmo?

— Naturalmente. Já que rompeu com ela, de que serviria encontrá-la?

— Então soube do nosso rompimento.

— Ela me mostrou sua carta.

— E o que lhe disse?

— Disse o seguinte: “Minha cara Prudence, seu protegido não é

gentil. Essas cartas, pensam-se, mas não se escrevem”.

— E em que tom lhe disse isso?

— Rindo, e acrescentou: “Ceou duas vezes em minha casa, e não me fez sequer uma visita de digestão”.

Este foi o efeito que minha carta e meus ciúmes produziram. Fui cruelmente humilhado na vaidade do meu amor.

— E o que fez ela ontem à noite?

— Foi ao Ópera.

— Eu sei. E depois?

— Veio cear em casa.

— Sozinha?

— Com o conde de G..., se não me engano.

Dessa forma, meu rompimento não havia mudado em nada os hábitos de Marguerite.

É por circunstâncias como essas que algumas pessoas nos dizem: “Devia parar de pensar nessa mulher que não o amava”.

— Ora, fico muito contente de ver que Marguerite não se aflige por mim — continuei, com um sorriso forçado.

— E ela tem toda razão. O senhor fez o que devia fazer, foi mais racional que ela, porque essa moça o amava, não fazia outra coisa senão falar no senhor, e teria sido capaz de qualquer loucura.

— Por que ela não me respondeu, já que me ama?

— Porque entendeu que estava errada em amá-lo. Além disso, às vezes as mulheres permitem que enganem seu amor, mas nunca que firam seu amor-próprio, e sempre se fere o amor-próprio de uma mulher quando, dois dias depois de se tornar seu amante, se abandona essa mulher, sejam quais forem os motivos para o rompimento. Conheço Marguerite, antes morrer que lhe responder.

— Que devo fazer agora?

— Nada. Ela o esquecerá, o senhor a esquecerá, e não terão nada a se recriminar.

— E se eu lhe escrevesse pedindo perdão?

— Prive-se disso, ela o perdoaria.

Quase saltei ao pescoço de Prudence.

Quinze minutos depois, estava em minha casa e escrevia a

Marguerite:

Alguém que se arrependeu de uma carta que escreveu ontem, e que partirá amanhã se não for perdoado, gostaria de saber a que horas poderá depositar esse arrependimento a seus pés.

Quando estará sozinha? Pois, como sabe, as confissões devem ser feitas sem testemunhas.

Dobrei essa espécie de madrigal em prosa e o enviei por Joseph, que entregou a carta à própria Marguerite. Ela lhe disse que responderia mais tarde.

Não saí por mais que uns instantes para ir jantar, e às onze horas da noite continuava sem resposta.

Resolvi então não sofrer por muito mais tempo e partir no dia seguinte.

Em consequência dessa resolução, convencido de que não dormiria se fosse me deitar, comecei a fazer minhas malas.

XV

Havia uma hora que Joseph e eu preparávamos tudo para minha viagem quando bateram insistentemente à porta.

— Devo abrir? — perguntou-me Joseph.

— Abra — disse-lhe, perguntando-me quem poderia vir a uma hora daquela em minha casa, mas não ousando acreditar que fosse Marguerite.

— Senhor — disse-me Joseph voltando —, são duas senhoras.

— Somos nós, Armand — gritou-me uma voz que reconheci ser de Prudence.

Saí do meu quarto.

Prudence, de pé, olhava as poucas curiosidades de minha sala. Marguerite, sentada no sofá, pensava.

Ao entrar, fui até ela, ajoelhei-me, segurei suas mãos e, muito comovido, disse-lhe:

— Perdão.

Beijou-me a testa e disse-me:

— Já são três vezes que o perdoo.

— Ia partir amanhã.

— Em que minha visita pode mudar sua decisão? Não venho para impedir que vá embora de Paris. Venho porque durante o dia não tive tempo de lhe responder e porque não quis deixar que pensasse que estou aborrecida com você. Prudence não queria que eu viesse, dizia que talvez eu fosse incomodá-lo.

— Você, me incomodar, você, Marguerite? Como?!

— Ora! O senhor poderia ter uma mulher em casa — respondeu Prudence —, e não teria sido divertido para ela que chegassem mais duas.

Enquanto Prudence fazia essa observação, Marguerite olhava-me

atentamente.

— Minha cara Prudence — respondi —, a senhora não sabe o que diz.

— É que seu apartamento é muito agradável — replicou Prudence.
— Pode-se ver seu quarto?

— Sim.

Prudence entrou em meu quarto, menos para visitá-lo do que para consertar a bobagem que acabava de dizer, e nos deixar a sós, Marguerite e eu.

— Por que trouxe Prudence? — perguntei-lhe então.

— Porque estava comigo no espetáculo, e porque saindo daqui queria ter alguém que me acompanhasse.

— Mas eu não estava aqui?

— Sim, mas, além de não querer incomodá-lo, tinha certeza de que se fosse até minha porta iria pedir-me para subir, e como eu não poderia consentir-lhe isso, não queria que fosse embora sentindo-se no direito de censurar-me pela recusa.

— E por que não poderia me receber?

— Porque estou sendo muito vigiada, e a menor suspeita poderia me causar o maior problema.

— É mesmo a única razão?

— Se houvesse outra, eu diria. Não devemos mais ter segredos um para o outro.

— Escute, Marguerite, não quero pegar vários atalhos para chegar ao que desejo lhe dizer. Com franqueza, me ama um pouco?

— Muito.

— Então, por que me enganou?

— Meu amigo, se eu fosse a madame duquesa Esta ou Aquela, se eu tivesse duzentos mil francos de renda, se eu fosse sua amante e tivesse outro amante além de você, aí teria o direito de me perguntar por que o engano. Mas sou Mlle. Marguerite Gautier, tenho quarenta mil francos em dívidas, sequer um centavo de fortuna, e gasto cem mil francos por ano. Sua pergunta se torna sem sentido e minha resposta inútil.

— Está certo — eu disse, deixando minha cabeça cair sobre os

joelhos de Marguerite —, mas eu a amo como um louco.

— Bem, meu amigo, precisa me amar um pouco menos ou me compreender um pouco melhor. Sua carta me fez sofrer bastante. Se eu fosse livre, não teria recebido o conde anteontem, ou, depois de tê-lo recebido, teria vindo pedir-lhe o perdão que ainda há pouco você me pedia, e no futuro não teria outro amante a não ser você. Por um momento julguei que eu poderia me dar essa felicidade por seis meses, mas você não quis. Teimava em conhecer os meios e, meu Deus, era bem fácil adivinhar os meios. Era um sacrifício, maior do que pode imaginar, o que eu fazia para empregá-los. Gostaria de ter podido lhe dizer: “Preciso de vinte mil francos”. Estava apaixonado por mim, teria dado um jeito de obtê-los, mas ao risco de me cobrar essa dívida mais tarde. Preferi não lhe dever nada. Mas não entendeu essa delicadeza, pois era disso que se tratava. Nós, quando ainda temos um pouco de coração, damos às palavras e às coisas uma amplitude e um desenrolar que as outras mulheres desconhecem. Então vou lhe repetir que, por parte de Marguerite Gautier, o meio que ela havia encontrado para pagar as dívidas, sem lhe pedir o dinheiro necessário para isso, era uma delicadeza da qual você poderia usufruir sem nada dizer. Se me tivesse conhecido apenas hoje, ficaria muito feliz com o que eu teria a lhe prometer, e não me perguntaria o que eu tinha feito anteontem. Às vezes somos forçadas a comprar uma satisfação para nossa alma às custas do nosso corpo, e sofremos muito mais se, depois, essa satisfação nos escapa.

Eu escutava e olhava para Marguerite com admiração. Quando pensava que aquela maravilhosa criatura, de quem já havia desejado beijar os pés, consentia que eu entrasse de alguma forma em seu pensamento, em oferecer-me um papel na sua vida, e que eu não me contentava com o que ela me dava, perguntava a mim mesmo se o desejo humano tem limites, pois, mesmo satisfeito tão prontamente quanto havia sido o meu, ele ainda pede outras coisas.

— É verdade — recomeçou ela —, nós, essas criaturas do acaso, temos desejos fantasiosos e amores inconcebíveis. Entregamo-nos ora por uma coisa, ora pela outra. Há pessoas que se arruinariam sem obter nada de nós; outras, nos têm apenas com um buquê de flores.

Nosso coração possui alguns caprichos: é sua única distração e sua única desculpa. Entreguei-me a você mais rápido do que a qualquer outro homem, eu lhe juro, e por quê? Porque, vendo-me cuspir sangue, segurou minha mão, porque chorou, porque é a única criatura humana que lamentou por mim. Vou lhe contar uma coisa louca, antigamente eu tinha um cachorro que me olhava com tristeza quando eu tossia; pois foi o único ser que amei. Quando ele morreu, chorei mais do que na morte de minha mãe. É verdade que ela me havia surrado durante doze anos da sua vida. Pois então, gostei imediatamente de você tanto quanto gostei do meu cachorro. Se os homens soubessem o que se pode obter com uma lágrima, seriam mais amados e nós lhes custaríamos menos.

Sua carta o desmentiu, e revelou-me que não tinha toda a compreensão dentro do coração. Ela causou-lhe também mais danos em relação ao meu amor por você do que qualquer dano que pudesse ter causado a mim. Era por ciúme, é verdade, mas um ciúme irônico e insolente. Eu já estava triste quando recebi sua carta, contava vê-lo ao meio-dia, almoçar com você, e apagar, com a sua presença, um pensamento constante que eu tinha e que antes de conhecê-lo aceitava sem esforço.

Além disso, você era a única pessoa com quem eu podia pensar e falar livremente. Todos os que se acercam de moças como eu querem sondar as mínimas palavras que dizemos, tirar uma conclusão das nossas ações mais insignificantes. Naturalmente, não temos amigos. Temos amantes egoístas, que gastam sua fortuna não por nossa causa, como dizem, mas para satisfazer a própria vaidade. Para eles, temos de estar alegres quando estão contentes, bem dispostas quando querem cear, e cétricas como o são. O direito de ter coração nos é impedido, sob pena de sermos criticadas e de arruinarmos nosso crédito. Não pertencemos mais a nós mesmas. Não somos mais gente e sim coisas. Somos as primeiras em seu amor-próprio e as últimas em sua consideração. Temos amigas, mas amigas como Prudence, antigas cortesãs que ainda têm inclinação para gastos que sua idade não lhes permite mais. Então se tornam nossas amigas, ou melhor, nossas comensais. Sua amizade chega ao servilismo, mas nunca ao

desinteresse. Nunca nos darão um conselho lucrativo. Pouco se importam que tenhamos dez amantes ou mais, se com isso ganharem vestidos ou um bracelete, e puderem, de tempos em tempos, passear em nossas carruagens e assistir aos espetáculos em nosso camarote. Ficam com as flores que ganhamos na véspera e emprestam nossas caxemiras. Nunca nos fazem um favor, por menor que seja, sem que recebam por ele o dobro do que vale. Você mesmo viu, na noite em que Prudence trouxe-me os seis mil francos que eu lhe pedira para buscar com o duque, ela pediu-me emprestados quinhentos francos que nunca vai devolver, ou que me pagará em chapéus que sequer sairão de suas caixas.

Então não podemos ter, ou melhor, eu não podia ter, triste como me sinto algumas vezes e doente como sempre tenho estado, maior felicidade que encontrar um homem de espírito superior o bastante para não pedir satisfações sobre minha vida, e para ser amante mais dos meus sentimentos que do meu corpo. Esse homem eu encontrara no duque, mas o duque está velho, e a velhice não protege nem consola. Pensei que conseguiria aceitar a vida que ele me proporcionava. Mas o que quer? Eu morria de tédio, e já que é para ser consumida, tanto faz se atirar num incêndio ou se asfixiar com carvão. Aí encontrei você, jovem, ardente, feliz, e tentei transformá-lo no homem que eu havia desejado em meio a minha inquieta solidão. O que eu amava em você não era o homem que de fato era, e sim aquele que devia ser. Você não aceita esse papel, rejeita-o como sendo indigno de você, é um amante comum. Faça como os outros, pague-me e não se fala mais nisso.

Marguerite, que se cansara com a longa confissão, recostou-se no sofá e, para acalmar um leve acesso de tosse, levou seu lençinho à boca e também aos olhos.

— Perdão, perdão — murmurei —, eu compreendi tudo isso, mas queria ouvir de você, minha adorada Marguerite. Vamos esquecer o resto e nos lembrar só de uma coisa: que somos um do outro, que somos jovens e que nos amamos. Faça de mim o que quiser, sou seu escravo, seu cão, mas em nome dos céus, rasgue a carta que lhe escrevi e não me deixe partir amanhã, pois eu morreria.

Marguerite tirou minha carta do corpete de seu vestido, estendeu-a a mim e, com um sorriso de uma doçura inefável, disse-me:

— Pegue-a, eu a trouxe de volta.

Rasguei-a e, às lágrimas, beijei aquela mão que me devolvera a carta.

Nesse momento, Prudence reapareceu.

— Pois então, Prudence, sabe o que ele está me pedindo? — disse Marguerite.

— Está lhe pedindo perdão.

— Exatamente.

— E você perdoará?

— Tenho que perdoar, mas ele também quer outra coisa.

— O quê?

— Quer cear conosco.

— E vai permitir?

— O que você acha?

— Acho que são duas crianças, que nem um nem outro têm nada na cabeça. Mas também acho que estou com muita fome e que quanto mais cedo permitir, mais cedo cearemos.

— Vamos — disse Marguerite —, caberemos os três na carruagem. Escute — acrescentou voltando-se para mim —, Nanine estará deitada, é você que vai abrir a porta. Pegue minha chave, e trate de não perdê-la.

Abracei e beijei Marguerite até quase sufocá-la.

Joseph entrou naquele instante.

— Senhor — disse-me com ares de um homem contente consigo mesmo —, as malas estão prontas.

— Completamente?

— Sim senhor.

— Bem, desfaça-as, não vou mais partir.

XVI

“Eu poderia” disse-me Armand, “contar-lhe em poucas palavras o início desse envolvimento, mas queria que visse com clareza por quais acontecimentos e com que progressão chegamos, eu, a concordar com tudo o que Marguerite queria, e Marguerite, a não poder mais viver sem mim.”

Foi no dia seguinte àquela noite em que ela esteve em minha casa que lhe enviei *Manon Lescaut*.

A partir daquele momento, como eu não podia mudar a vida de minha amante, mudei a minha. Antes de tudo, não queria deixar à minha mente tempo para pensar no papel que eu acabava de aceitar, porque, mesmo contra minha vontade, o faria com grande tristeza. E minha vida, normalmente tão calma, tomou de repente um aspecto de agitação e desordem. (Não vá pensar que, por mais desinteressado que seja, o amor que uma moça de vida fácil tem por você não custe nada. Nada é tão caro quanto os mil caprichos como flores, camarotes, ceias e passeios no campo que jamais se pode recusar a uma amante).

Como já lhe disse, eu não tinha nenhuma fortuna. Meu pai era, e é ainda, funcionário do serviço de impostos em C... Dono de grande reputação de lealdade, foi graças a ela que conseguiu a caução que precisava apresentar para tomar posse de suas funções. Essa fonte lhe rende quarenta mil francos por ano, e após dez anos nessa função, reembolsou a caução e se preocupa em economizar para o dote de minha irmã. Meu pai é o homem mais honrado que se pode imaginar. Minha mãe, ao morrer, deixou seis mil francos de renda, que ele dividiu entre mim e minha irmã no dia em que obteve o emprego que solicitava. Mais tarde, quando completei vinte e um anos, juntou a essa pequena renda uma pensão anual de cinco mil francos,

garantindo-me que com oito mil francos eu poderia ser muito feliz em Paris, caso quisesse, junto com isso, construir-me uma posição ou no tribunal, ou na medicina. Então vim para Paris, estudei Direito, tornei-me advogado, e como muitos rapazes, coloquei meu diploma no bolso e me abandonei um pouco à vida indolente da cidade. Minhas despesas eram muito modestas, só que eu gastava em oito meses meus rendimentos do ano, e passava os meses de verão na casa do meu pai, o que me garantia, além de doze mil francos, a reputação de bom filho. De resto, nem um centavo em dívidas.

Era essa minha situação quando conheci Marguerite.

Entenda que, a contragosto, minhas despesas aumentaram. Marguerite era de uma natureza bastante caprichosa e fazia parte das mulheres que nunca consideraram como uma despesa séria as mil distrações que compõem sua existência. O resultado disso era que, querendo passar comigo o máximo de tempo possível, me escrevia pela manhã avisando que jantaria comigo, não em sua casa, mas em algum restaurante de Paris ou nos arredores. Eu ia buscá-la, nós jantávamos, íamos ao espetáculo, ceávamos com frequência, e à noite havia gasto quatro ou cinco luíses, o que dava dois mil e quinhentos ou três mil francos por mês, e reduzia meu ano a três meses e meio, e me colocava a necessidade ou de fazer dívidas ou de deixar Marguerite.

Ora, eu podia aceitar tudo, menos essa última eventualidade.

Perdoe-me se lhe dou todos esses detalhes, mas verá que eles foram a causa dos acontecimentos que se seguiram. O que lhe conto é uma história verdadeira, simples, à qual deixo toda a ingenuidade dos detalhes e toda a simplicidade de seu desenrolar.

Então compreendi que, como nada nesse mundo teria a capacidade de me fazer esquecer minha amante, eu precisava encontrar um meio de sustentar as despesas que ela me obrigava a fazer. Além disso, esse amor me transtornava a ponto de parecerem anos todos os momentos que eu passava longe de Marguerite, e de impor-me a necessidade de queimar esses momentos no fogo de uma paixão qualquer, de vivê-los tão depressa que nem notasse que os vivia.

Comecei a tomar emprestados cinco ou seis mil francos do meu

pequeno capital e me pus a jogar, porque, desde que acabaram com as casas de jogo, joga-se por toda parte. Antigamente, quando se entrava no Frascati^[1] tinha-se oportunidade de fazer fortuna, jogava-se a dinheiro, e quando se perdia, havia o consolo de pensar que se poderia ter ganho. Enquanto que agora, exceto nos círculos onde ainda há certa seriedade no pagamento, é quase certo que, quando se ganha uma soma considerável, ela não será recebida. Logo vamos entender por quê.

O jogo não é praticado senão por jovens com grandes necessidades e sem a fortuna que precisariam ter para sustentar a vida que levam. Então, eles jogam e o que acontece é o seguinte: podem ganhar, e disso resulta que os perdedores servem para pagar os cavalos e as amantes desses senhores, o que é muito desagradável. Dívidas são contraídas. Relações iniciadas em volta de uma mesa de jogo terminam em querelas onde a honra e a vida sempre se dilaceram um pouco, e quando se é um homem honesto, pode-se ficar arruinado por conta de jovens muito honestos que não tinham outro defeito além de não possuir duzentos mil francos de renda.

Nem preciso lhe falar daqueles que roubam no jogo, e de quem um dia ficamos sabendo que tiveram que partir e que sofreram uma condenação tardia.

Lancei-me então nessa vida rápida, ruidosa, vulcânica, que antes me assustava só de pensar, mas que se tornara para mim o complemento inevitável do meu amor por Marguerite. Que queria que eu fizesse?

As noites que eu não passava na Rua d'Antin, se as tivesse passado sozinho em casa, não teria dormido. O ciúme me teria mantido desperto e teria feito arder minha mente e meu sangue. Enquanto que o jogo desviava por um momento a febre que teria invadido meu coração, direcionando-o a uma paixão cujo interesse me prendia, ainda que eu não quisesse, até soar a hora em que eu devia ir para junto de minha amante. Então, e é nisso que reconheço a violência do meu amor, ganhando ou perdendo, abandonava a mesa sem dó nem piedade, lamentando por aqueles que ali ficavam e que não iam, como eu, encontrar a felicidade ao abandoná-la.

Para a maioria, o jogo era uma necessidade. Para mim, era um remédio.

Curado de Marguerite, curado estaria do jogo.

E, em meio a tudo aquilo, eu conservava um grande sangue-frio, não perdia o que não poderia pagar e ganhava apenas o que podia perder.

De resto, a sorte me favoreceu. Não fazia dívidas e gastava três vezes mais dinheiro que quando não jogava. Não era fácil resistir a uma vida que me permitia satisfazer os mil caprichos de Marguerite sem me prejudicar. Quanto a ela, continuava me amando como antes, ou até mais.

Como já lhe disse, no começo eu não era recebido senão da meia-noite às seis horas da manhã, depois, de tempos em tempos era admitido nos camarotes, mais tarde, vinha algumas vezes jantar comigo. Certa manhã só fui embora às oito horas, e chegou um dia em que saí de lá apenas ao meio-dia.

Esperando a metamorfose moral, uma metamorfose física ocorrera em Marguerite. Eu dera início à sua cura, e a pobre moça, percebendo meu objetivo, me obedecia para provar seu reconhecimento. Eu conseguira, sem abalos e sem esforço, isolá-la quase por completo de seus antigos hábitos. Meu médico, a quem a fiz consultar, me dissera que só o repouso e a calma já poderiam conservar-lhe a saúde, de maneira que as ceias e a falta de sono eu consegui que substituísse por um regime saudável e pelo sono regular. Sem perceber, Marguerite se habituava a essa nova existência, da qual já sentia os efeitos benéficos. Começava a passar algumas noites em casa, ou então, se fizesse tempo bom, enrolava-se numa caxemira, cobria-se com um véu, e íamos a pé, feito duas crianças, correr à noite pelas escuras alamedas de Champs-Élysées. Ela voltava cansada, fazia uma ceia leve, deitava-se após tocar um pouco suas músicas ou após ter lido, coisa que nunca fizera antes. Sua tosse, que a cada vez que eu ouvia me cortava o coração, havia desaparecido quase totalmente.

Ao final de seis semanas, não se falava mais no conde, definitivamente sacrificado. Apenas pelo duque ainda me via forçado a esconder minha ligação com Marguerite. Ainda assim, ele fora

muitas vezes dispensado enquanto eu estava lá, sob o pretexto de que madame ainda dormia e havia proibido que a acordassem.

Do hábito, e mesmo da necessidade que Marguerite tinha de me ver, resultou que eu abandonei o jogo justamente no momento em que um hábil jogador o teria abandonado. No fim das contas, eu me encontrava, em função dos meus ganhos, com cerca de dez mil francos em mãos, e me pareciam um capital inesgotável.

A época em que eu me acostumara a estar com meu pai e minha irmã havia chegado, mas eu não partia, e também recebia com frequência cartas de um e de outro, cartas pedindo-me que fosse para junto deles.

A todos esses pedidos eu respondia da melhor maneira possível, repetindo sempre que eu estava bem de saúde e que não precisava de dinheiro, duas coisas que, acreditava eu, consolariam um pouco meu pai quanto ao atraso em minha visita anual.

Em meio a isso, ocorreu que certa manhã, ao ser acordada por um sol magnífico, Marguerite saltou da cama e perguntou-me se eu não queria levá-la para passar o dia no campo.

Pedi para chamarem Prudence e fomos os três, após Marguerite ter recomendado a Nanine que dissesse ao duque que tivera vontade de aproveitar o dia, e por isso tinha ido ao campo com Mme. Duvernoy.

Além de sua presença ser necessária para tranquilizar o velho duque, Prudence era uma dessas mulheres que parecem feitas expressamente para os passeios no campo. Com sua alegria inalterável e seu eterno apetite, não permitia um momento de tédio àqueles que acompanhava, e devia se sair muito bem para encomendar os ovos, as cerejas, o leite, o guisado de coelho, e tudo aquilo que compõe, enfim, o almoço tradicional dos arredores de Paris.

Só restava saber para onde iríamos.

Também foi Prudence quem nos tirou da dificuldade.

— É ao campo, de verdade, que querem ir? — perguntou ela.

— Sim.

— Então, vamos a Bougival, ao Point du Jour, à casa da viúva Arnould. Armand, vá alugar uma caleche.

Uma hora e meia depois estávamos no estabelecimento da viúva Arnould.

Talvez conheça esse lugar, pousada durante a semana, taverna aos domingos. Do jardim, que fica na altura de um primeiro andar comum, descobre-se uma vista magnífica. À esquerda, o aqueduto de Marly encobre o horizonte, à direita, a vista se estende sobre um infinito de colinas. O rio, quase sem correnteza nessa região, serpenteia como uma larga fita branca reluzente, entre a planície dos Gabillons e a ilha de Croissy, eternamente embalado pela agitação de seus altos álamos e pelo murmúrio de seus salgueiros.

Ao fundo, num largo raio de sol, elevam-se pequenas casas brancas com seus telhados vermelhos, e pequenas fábricas que, perdendo com a distância seu caráter duro e comercial, completam admiravelmente a paisagem.

Mais ao fundo, Paris, imersa em brumas!

Como nos dissera Prudence, era um campo de verdade, e, devo dizer, foi um almoço de verdade.

Não é por reconhecimento à felicidade que devo a Prudence que digo tudo isto, mas Bougival, apesar do nome medonho, é uma das mais lindas paisagens que se pode imaginar. Já viajei muito, já vi coisas mais grandiosas, mas não mais encantadoras do que este vilarejo alegremente recostado ao pé da colina que o protege.

Mme. Arnould se ofereceu para nos conseguir um passeio de barco, o que Marguerite e Prudence aceitaram com alegria.

Sempre se associou o campo ao amor, e com razão. Nada emoldura melhor a mulher amada do que o céu azul, os perfumes, as flores, a brisa, a solidão resplandecente dos campos ou dos bosques. Por mais que se ame uma mulher, por mais confiança que ela inspire, por mais certezas que seu passado lance sobre o futuro, somos sempre mais, ou menos, ciumentos. Se já esteve apaixonado, seriamente apaixonado, deve ter experimentado a necessidade de isolar do mundo o ser no qual você gostaria de viver por inteiro. Parece que, por mais indiferente que ela seja ao que a cerca, a mulher amada perde um pouco de seu perfume e de sua harmonia no contato com homens e coisas. De minha parte, sentia isso mais que qualquer outro. Meu

amor não era um amor comum. Eu estava enamorado tanto quanto uma criatura comum o pode estar, mas de Marguerite Gautier, o que significava que em Paris, a cada passo, eu podia encontrar um homem que tinha sido amante dessa mulher, ou que o seria amanhã. Enquanto que no campo, em meio a gente que nunca tínhamos visto e que não se ocupava de nós, no seio de uma natureza completamente enfeitada pela primavera, esse perdão anual, e apartada do ruído da cidade, eu podia ocultar a minha amada e amar sem vergonha e sem temor.

Ali, pouco a pouco a cortesã desaparecia. Tinha ao meu lado uma mulher jovem, bela, que eu amava, por quem era amado, e que se chamava Marguerite: o passado perdera suas formas, o futuro suas nuvens. O sol iluminava minha amante como teria iluminado a mais casta das noivas. Passeávamos os dois por encantadores lugares que pareciam feitos especialmente para lembrar os versos de Lamartine ou cantar as melodias de Scudo. Marguerite usava um vestido branco, apoiava-se em meu braço, repetia-me à noite, sob o céu estrelado, as palavras que me dissera na véspera, e o mundo continuava sua vida ao longe, sem macular com sua sombra o gracioso quadro de nossa juventude e de nosso amor.

Eis o sonho que o sol ardente daquele dia me trazia por entre as folhas enquanto que, estirado sobre a relva da ilha onde havíamos aportado, livre de todos os laços humanos que antes o retinham, eu deixava meu pensamento correr e colher todas as esperanças que ele vislumbra.

Acrescente-se a isso que, do lugar onde me encontrava, eu via sobre a margem uma graciosa casinha de dois andares, com uma grade em semicírculo. Através da grade, diante da casa, via um gramado verde como veludo, e na parte de trás, um pequeno bosque repleto de misteriosos refúgios, e cujo musgo devia recobrir, a cada manhã, a trilha aberta na véspera.

Trepadeiras floridas escondiam a escadaria dessa casa inabitada, abraçando-a até o andar superior.

De tanto olhar para aquela casa, acabei me convencendo de que era minha, tão bem traduzia o sonho que eu alentava. Já via ali

Marguerite e eu, de dia, pelo bosque que cobria a colina, de noite, sentados no gramado, e me perguntava se criaturas terrestres alguma vez teriam sido tão felizes como nós.

— Que linda casa! — disse-me Marguerite, que seguira a direção do meu olhar e talvez a dos meus pensamentos.

— Onde? — disse Prudence.

— Ali — e Marguerite apontava a casa em questão.

— Ah, adorável! — replicou Prudence. — Gosta dela?

— Muito.

— Pois bem, diga ao duque que a alugue para você. Ele o fará, tenho certeza. Posso me encarregar disso se quiser.

Marguerite olhou-me como se me perguntasse o que eu pensava daquele conselho.

Meu sonho batera as asas com as últimas palavras de Prudence, e me jogara tão brutalmente na realidade que eu ainda estava atordoado com a queda.

— De fato, é uma excelente ideia — balbuciei, sem saber o que estava dizendo.

— Bem, cuidarei disso — disse-me Marguerite apertando minha mão e interpretando minhas palavras de acordo com seu desejo. — Vamos ver agora mesmo se ela está para alugar.

A casa estava disponível e o aluguel, dois mil francos.

— Ficaré feliz aqui? — perguntou-me.

— É certo que venho para cá?

— E por quem eu me enterraria aqui, se não por você?

— Mas então, Marguerite, deixe que eu mesmo alugue essa casa.

— Está louco? Não só é inútil, como seria perigoso. Você sabe que não tenho o direito de aceitar nada a não ser de um homem, portanto, deixe para lá, meu menino, e não diga nada.

— Isso quer dizer que quando eu tiver dois dias livres virei passá-los em sua casa — disse Prudence.

Sáímos da casa e retomamos o caminho de volta para Paris, conversando sobre a nova resolução. Eu tinha já Marguerite em meus braços, de maneira que, descendo da carruagem, eu começava a encarar o plano de minha amante com um espírito menos

escrupuloso.

XVII

No dia seguinte, Marguerite dispensou-me bem cedo, dizendo que o duque devia chegar logo pela manhã, e prometendo escrever-me, assim que ele fosse embora, para marcar o encontro de todas as noites.

De fato, durante o dia recebi esta mensagem:

“Vou a Bougival com o duque. Esteja na casa de Prudence esta noite às oito horas”.

À hora indicada, Marguerite estava de volta e foi encontrar-me na casa de Mme. Duvernoy.

— Pronto, está tudo arranjado — disse ela ao entrar.

— A casa está alugada? — perguntou Prudence.

— Sim. Ele concordou imediatamente.

Eu não conhecia o duque, mas tinha vergonha de enganá-lo como o fazia.

— E isso não é tudo! — continuou Marguerite.

— O que mais?

— Pensei em um lugar para Armand.

— Na mesma casa? — perguntou Prudence rindo.

— Não, no Point du Jour, onde eu e o duque almoçamos. Enquanto ele olhava a paisagem, perguntei a Mme. Arnould, porque é madame Arnould que ela se chama, não é? Perguntei-lhe se possuía um apartamento apropriado. Justamente ela tem um, com sala, antecâmara e quarto de dormir. Acho que é tudo de que precisamos. Sessenta francos por mês. Todo mobiliado de modo a distrair um hipocondríaco. Reservei o apartamento. Fiz bem?

Saltei ao pescoço de Marguerite.

— Vai ser um encanto — continuou ela —, você tem uma chave da porta de trás, e prometi ao duque uma chave do portão, que ele não vai pegar, já que só irá até lá de dia, quando for. Cá entre nós, creio que ele está encantado com esse capricho que me afasta por um tempo de Paris, e que fará sua família se calar um pouco. Mas me perguntou como é que eu, que gosto tanto de Paris, podia querer me enterrar no campo. Respondi-lhe que andava um pouco adoentada e seria para descansar. Não pareceu acreditar em mim. O pobre velho está sempre em situação difícil. Temos que tomar muitas precauções, meu querido Armand, pois ele vai querer que eu seja vigiada. Não basta que ele alugue uma casa para mim, ele ainda tem que pagar minhas dívidas, e infelizmente eu tenho algumas. Isso tudo lhe convém?

— Sim — respondi, tentando fazer calar todos os escrúpulos que esse modo de viver despertava algumas vezes em mim.

— Percorremos a casa detalhadamente; ali ficaremos muito bem. O duque se preocupava com tudo. Ah, meu querido! — acrescentou a louca me abraçando. — Você tem sorte, é um milionário que prepara sua cama.

— E quando se muda? — perguntou Prudence.

— O mais rápido possível.

— Vai levar sua carruagem e seus cavalos?

— Vou levar a casa inteira. E você cuidará do meu apartamento durante minha ausência.

Oito dias depois Marguerite havia tomado posse da casa de campo, e eu estava instalado no Point du Jour.

Então, teve início uma vida bem difícil de lhe descrever.

Logo no começo de sua estada em Bougival, Marguerite não conseguiu romper inteiramente com seus hábitos, e como a casa estava sempre em festa, todas as suas amigas iam visitá-la. Durante um mês, não houve um só dia em que Marguerite não tivesse oito ou dez pessoas à mesa. Prudence levava, por sua vez, todas as pessoas que conhecia, e lhes fazia todas as honras da casa, como se a casa lhe pertencesse.

O dinheiro do duque pagava tudo aquilo, como deve imaginar, no

entanto, algumas vezes acontecia de Prudence pedir-me uma nota de mil francos pretensamente em nome de Marguerite. Como sabe, eu ganhara alguma coisa no jogo. Então me apressava em enviar o que Marguerite me pedia por meio de Prudence, e, com receio de que ela precisasse de mais do que aquilo que eu tinha, fui a Paris emprestar a mesma quantia que já havia emprestado antes e que havia devolvido integralmente.

Assim, vi-me novamente rico de uns dez mil francos, sem contar minha pensão.

Mas o prazer que Marguerite tinha em receber suas amigas acalmou-se um pouco diante das despesas a que esse prazer a induzia, e sobretudo diante da sua necessidade de algumas vezes pedir-me dinheiro. O duque, que alugara aquela casa para que Marguerite nela repousasse, não a visitava mais, temendo sempre encontrar ali uma alegre e numerosa comitiva pela qual não queria ser visto. Isso se devia principalmente ao fato de que certo dia em que fora jantar sozinho com Marguerite, acabara chegando no meio de um almoço de quinze pessoas, que ainda não havia terminado à hora em que ele contava sentar-se para o jantar. Quando, sem desconfiar de nada, abriu a porta da sala de jantar, um riso geral acolheu sua entrada, e ele sentiu-se forçado a se retirar bruscamente diante da algazarra das moças que ali se encontravam.

Marguerite levantou-se da mesa, foi encontrar o duque no quarto vizinho e tentou, tanto quanto possível, fazê-lo esquecer o ocorrido. Mas o velho, ferido em seu amor-próprio, guardara rancor: disse com alguma crueldade à pobre moça que estava farto de custear as loucuras de uma mulher que sequer sabia fazer com que o respeitassem em sua casa, e partiu furioso.

Desde esse dia, não se ouviu mais falar dele. Por mais que Marguerite dispensasse seus convivas, mudasse seus hábitos, o duque não dava mais notícias. Com isso, minha amante passou a me pertencer mais completamente, e meu sonho enfim se realizava. Marguerite não podia mais viver sem mim. Sem se preocupar com as consequências, expunha publicamente nossa ligação, e eu chegara ao ponto de não sair mais de sua casa. Os criados tratavam-me por

senhor, e viam-me oficialmente como seu patrão.

Prudence bem que havia feito, a respeito dessa nova vida, um sermão a Marguerite. Mas esta respondera que me amava, que não podia viver sem mim, e que, acontecesse o que acontecesse, não renunciaria à felicidade de ter-me constantemente a seu lado, acrescentando que todos aqueles que não estivessem satisfeitos com isso eram livres para não retornar.

Foi isso o que ouvi um dia em que Prudence dissera a Marguerite ter algo muito importante a lhe comunicar, e em que escutei através da porta do quarto onde se haviam fechado.

Algum tempo depois, Prudence retornou.

Eu estava no fundo do jardim quando ela entrou. Ela não me viu. Desconfiei, pela maneira com que Marguerite dirigira-se a ela, que uma conversa semelhante àquela que eu já havia surpreendido aconteceria de novo, e também quis ouvi-la.

As duas mulheres fecharam-se numa saleta e pus-me a escutar.

— E então? — perguntou Marguerite.

— Então? Estive com o duque.

— O que ele lhe disse?

— Que a perdoaria de bom grado por aquela primeira cena, mas que soubera que você vive publicamente com Armand Duval, e isso ele não perdoaria. “Que Marguerite deixe esse rapaz” — disse-me ele — “e, como antes, darei a ela tudo o que quiser. Caso contrário ela deverá renunciar a me pedir o que quer que seja”

— E você respondeu?

— Que eu comunicaria essa decisão a você, e prometi-lhe fazê-la ouvir a voz da razão. Pense, minha criança querida, na posição que você está perdendo e que Armand jamais poderá lhe restituir. Ele a ama de todo coração, mas não tem fortuna suficiente para sustentar todas as suas necessidades, e um dia terá que deixá-la, quando já for tarde demais e o duque não quiser fazer mais nada por você. Quer que eu fale com Armand?

Marguerite parecia refletir, pois não respondeu. Meu coração batia violentamente à espera de sua resposta.

— Não — continuou ela. — Não deixarei Armand e não me

esconderei para viver com ele. Talvez seja loucura, mas eu o amo! O que quer que eu faça? Além disso, agora ele já se habituou a me amar sem obstáculos, sofreria muito sendo forçado a me deixar, ainda que apenas uma hora por dia. Além disso, não tenho tanto tempo de vida para me tornar infeliz fazendo as vontades de um velhote que só com sua presença me faz envelhecer. Que fique com seu dinheiro, não fará falta.

— Mas como vai fazer?

— Não faço ideia.

Provavelmente Prudence ia responder alguma coisa, mas entrei bruscamente e corri para jogar-me aos pés de Marguerite, cobrindo suas mãos com as lágrimas que me fazia derramar a alegria de ser amado assim.

— Minha vida lhe pertence, Marguerite, você não precisa mais daquele homem. Não estou aqui? Algum dia a abandonaria? Como poderia retribuir à altura a felicidade que você me dá? Chega de imposições, minha Marguerite, nós nos amamos! Que nos importa o resto?

— Oh, sim, amo você, meu Armand! — murmurou ela enlaçando os dois braços em volta de meu pescoço. — Amo você como jamais acreditei que poderia amar. Seremos felizes, viveremos tranquilos, e darei um adeus definitivo a essa vida que agora me envergonha. Nunca me censurará o passado, não é mesmo?

As lágrimas abafavam minha voz. Não pude responder senão estreitando Marguerite contra meu coração.

— Vamos — disse ela com a voz embargada e voltando-se para Prudence —, você contará esta cena ao duque, e acrescentará que não precisamos mais dele.

A partir daquele dia, não se falou mais no duque. Marguerite não era mais a mesma moça que eu havia conhecido. Ela evitava tudo o que poderia fazer-me lembrar a vida em meio à qual eu a conhecera. Nunca uma mulher, nunca uma irmã teve por seu esposo ou por seu irmão o amor e a dedicação que ela possuía por mim. Aquela natureza febril estava preparada para todas as emoções, acessível a todos os sentimentos. Rompera com suas amigas bem como com seus

hábitos, com sua linguagem, bem como com os gastos de antes. Quando nos viam sair de casa, para dar um passeio num lindo barquinho que eu havia comprado, jamais poderiam acreditar que aquela mulher portando um vestido branco, usando um grande chapéu de palha, e levando no braço uma simples capa de seda para protegê-la do frescor da água, fosse a tal Marguerite Gautier que, quatro meses antes, causava rumor com seu luxo e seus escândalos.

Ai! Nós nos apressamos em ser felizes, como se tivéssemos adivinhado que não poderíamos sê-lo por muito tempo.

Em dois meses sequer fomos a Paris. Ninguém viera nos visitar, exceto Prudence, e Julie Duprat, de quem lhe falei e a quem Marguerite deveria mais tarde entregar o comovente relato que guardo comigo.

Passei dias inteiros aos pés de minha amante. Abríamos as janelas que davam para o jardim e, sob as sombras das árvores, olhando o verão instalar-se alegremente nas flores que ele fazia desabrochar, respirávamos, um ao lado do outro, essa vida verdadeira que nem Marguerite nem eu havíamos compreendido até então.

Aquela mulher se maravilhava com as mínimas coisas, como uma criança. Havia dias em que corria pelo jardim, feito uma menina de dez anos, atrás de uma borboleta ou de uma libélula. Aquela cortesã, que despendera em buquês mais dinheiro do que seria necessário para que uma família inteira vivesse com satisfação, sentava-se às vezes na grama, durante uma hora, para examinar a simples flor da qual trazia o nome.

Foi durante aquele tempo que leu repetidamente *Manon Lescaut*. Eu a surpreendi muitas vezes anotando esse livro, e ela sempre me dizia que, quando uma mulher ama, não pode fazer o que fazia Manon.

Duas ou três vezes o duque lhe escreveu. Ela reconheceu a caligrafia e entregou-me as cartas sem as ler.

Algumas vezes, os termos dessas cartas me faziam vir lágrimas aos olhos.

Ele acreditara, ao fechar sua carteira a Marguerite, que a teria de volta. Mas quando percebeu a inutilidade de tal meio, não resistiu, escreveu pedindo outra vez, como já tinha feito antes, permissão para

retornar, quaisquer que fossem as condições impostas para esse retorno.

Portanto, eu havia lido essas cartas aflitas e insistentes, e as havia rasgado, sem dizer a Marguerite o que continham e sem a aconselhar a rever o velho, embora um sentimento de piedade pelo sofrimento do pobre homem me tornasse propenso a isso. Mas eu temia que ela visse, no conselho de fazer o duque retomar suas visitas, o desejo de fazê-lo retomar os encargos da casa. Acima de tudo, eu temia que ela me julgasse capaz de negar minha responsabilidade por sua vida com todas as consequências que o seu amor por mim pudessem acarretar.

Assim, o duque, não recebendo respostas, deixou de escrever, e Marguerite e eu continuamos a viver juntos sem nos preocupar com o futuro.

XVIII

Contar-lhe pormenores de nossa nova vida seria uma coisa difícil. Ela se compunha de uma série de criancices encantadoras para nós, mas insignificantes para aqueles a quem fossem relatadas. Você sabe o que é amar uma mulher, sabe como os dias se abreviam, e com que amorosa preguiça nos deixamos levar ao amanhã. Não ignora aquela despreocupação com todas as coisas que nasce de um amor violento, confiante e recíproco. Toda criatura que não é a mulher amada parece um ser inútil dentro da criação. Lamentamos já haver distribuído parcelas do nosso coração a outras mulheres, e não vislumbramos a possibilidade de vir a segurar uma outra mão senão a que temos entre as nossas. O cérebro não admite nem trabalho nem lembranças, nada enfim do que poderia distraí-lo do único pensamento que lhe é oferecido sem cessar. Cada dia descobrimos em nossa amante um novo encanto, uma volúpia desconhecida.

A existência não é mais que o cumprimento reiterado de um desejo contínuo, a alma não passa de uma vestal encarregada de manter o fogo sagrado do amor.

Com frequência, ao cair da noite, íamos sentar no pequeno bosque que dominava a casa. Ali escutávamos as alegres harmonias noturnas, ambos sonhando com o momento que se aproximava e que nos deixaria até o dia seguinte nos braços um do outro. Outras vezes, permanecíamos deitados a manhã inteira, sem permitir nem mesmo ao sol penetrar em nosso quarto. As cortinas permaneciam hermeticamente fechadas, e o mundo exterior parava um momento para nós. Nanine era a única que podia abrir nossa porta, mas apenas para levar nossas refeições. Nós as tomávamos ainda antes de nos levantar, interrompendo-as constantemente com risadas e brincadeiras. A isso, sucedia-se um sono breve, pois desaparecendo

em nosso amor, éramos como dois mergulhadores obstinados que não voltam à tona senão para retomar o fôlego.

No entanto, eu surpreendia momentos de tristeza e algumas vezes até lágrimas no rosto de Marguerite. Perguntava-lhe de onde vinha aquele súbito pesar, e ela me respondia:

— Nosso amor não é um amor comum, meu querido Armand. Você me ama como se jamais eu tivesse pertencido a alguém, e inquieto-me que mais tarde, arrependido do seu amor e recriminando meu passado, me force a retomar a existência da qual me retirou. Pense que, agora que tomei gosto por uma nova vida, morreria se tivesse que retornar à outra. Então me diga que jamais me abandonará.

— Eu juro!

A essas palavras, olhou-me como que para ler em meus olhos se minha jura era sincera, em seguida jogou-se em meus braços e, escondendo a cabeça em meu peito, disse-me:

— É que você não sabe o quanto o amo!

Uma noite, estávamos debruçados no balcão da janela, olhávamos a lua, que parecia sair com muita dificuldade do seu leito de nuvens, e escutávamos o vento agitar ruidosamente as árvores. Estávamos de mãos dadas, e após um longo quarto de hora que não nos falávamos, Marguerite me disse:

— Aí está o inverno, gostaria que partíssemos?

— Para onde?

— Para a Itália.

— Então está entediada?

— Tenho medo do inverno, tenho medo principalmente da nossa volta a Paris.

— Por quê?

— Por vários motivos.

E continuou bruscamente, sem me dizer as razões de seus temores.

— Quer partir? Venderei tudo o que tenho, viveremos longe, não restará nada daquilo que eu era, ninguém saberá quem eu sou. Você quer?

— Vamos partir se isso lhe dá prazer, Marguerite. Vamos fazer uma viagem — dizia-lhe eu —, mas qual é a necessidade de vender coisas

que gostaria de encontrar ao regressar? Não tenho fortuna suficientemente grande para proporcionar algo assim, mas tenho o suficiente para que possamos viajar tranquilamente por cinco ou seis meses, se isso a divertir um pouco que seja.

— Na verdade, não — continuou ela, deixando a janela e indo sentar-se no sofá, na sombra do quarto. — De que adianta ir gastar dinheiro longe? Já lhe custou bastante aqui.

— Você está me censurando, Marguerite, isso não é generoso.

— Perdão, amigo — disse ela estendendo-me a mão —, esse tempo ruim me faz mal aos nervos. Não estou dizendo o que quero dizer.

E após ter-me abraçado, caiu num longo devaneio.

Várias vezes ocorreram cenas semelhantes, e se eu ignorava o que as fazia nascer, nem por isso deixava de surpreender em Marguerite um sentimento de inquietação pelo futuro. Ela não podia duvidar do meu amor, pois a cada dia ele aumentava, no entanto, muitas vezes eu a via triste, sem que jamais me explicasse a razão de suas tristezas que não por uma causa física.

Receando que se cansasse de uma vida monótona demais, eu lhe propunha retornar a Paris, contudo, ela sempre rejeitava essa proposta, e me garantia que não podia ser feliz em nenhum outro lugar como o era no campo.

Prudence não vinha senão raramente, mas, em compensação, escrevia cartas que eu nunca pedira para ver, ainda que toda vez lançassem Marguerite em uma preocupação profunda. Eu não sabia o que pensar.

Certo dia Marguerite permaneceu em seu quarto. Entrei. Ela escrevia.

— A quem está escrevendo? — perguntei-lhe.

— A Prudence. Quer que eu leia o que estou escrevendo?

Eu tinha horror a tudo que pudesse parecer desconfiança, então respondi a Marguerite que não precisava saber o que ela escrevia, embora tivesse certeza de que essa carta me esclareceria a verdadeira causa de suas tristezas.

No dia seguinte fazia um tempo magnífico. Marguerite me propôs fazermos um passeio de barco e visitar a ilha de Croissy. Ela parecia

muito alegre. Eram cinco horas quando retornamos.

— Mme. Duvernoy esteve aqui — disse Nanine ao nos ver entrar.

— Então já foi embora?

— Sim, na carruagem da senhora. Ela me disse que estava combinado.

— Muito bem — disse Marguerite com vivacidade. — Agora, que nos sirvam.

Dois dias depois chegou uma carta de Prudence, e durante quinze dias Marguerite pareceu ter rompido com suas misteriosas melancolias, pelas quais não parava de me pedir perdão desde que haviam deixado de existir.

Entretanto, a carruagem não retornava.

— Por que Prudence não devolve seu cupê? — perguntei-lhe um dia.

— Um dos cavalos está doente, e a carruagem precisa de reparos. É melhor que tudo isso seja feito enquanto estamos aqui, onde não necessitamos de uma carruagem, do que esperar até nosso retorno a Paris.

Prudence foi nos visitar alguns dias depois e confirmou o que Marguerite me dissera.

As duas mulheres passearam sozinhas pelo jardim, e quando fui juntar-me a elas, mudaram de assunto.

À noite, quando partia, Prudence queixou-se do frio e pediu que Marguerite lhe emprestasse uma caxemira.

Um mês se passou assim, em que Marguerite esteve mais alegre e mais amorosa do que jamais estivera.

No entanto, a carruagem não havia retornado, a caxemira não fora devolvida, a contragosto, tudo isso me intrigava. E como eu sabia em qual gaveta Marguerite guardava as cartas de Prudence, aproveitei um momento em que ela estava no fundo do jardim, corri para tentar abrir essa gaveta, mas foi em vão, estava trancada com duas voltas.

Então remexi nas gavetas onde normalmente ficavam as joias e os diamantes. Elas se abriram sem dificuldade, mas os estojos haviam desaparecido juntamente com o que continham, bem entendido.

Um receio atroz apertou-me o coração.

Pensei reclamar de Marguerite a verdade sobre esses sumiços, mas certamente ela não me confessaria.

— Minha doce Marguerite — disse-lhe então —, venho pedir sua permissão para ir a Paris. Em minha casa não sabem onde estou, e devo ter recebido cartas de meu pai. Sem dúvida ele está preocupado, preciso responder-lhe.

— Vá, meu amigo — disse-me ela —, mas esteja de volta cedo.

Parti.

Fui correndo à casa de Prudence.

— Pois bem — disse-lhe sem rodeios —, responda-me francamente onde estão os cavalos de Marguerite?

— Vendidos.

— A caxemira?

— Vendida.

— Os diamantes?

— Empenhados.

— E quem vendeu e empenhou?

— Eu.

— Por que não me falou sobre isso?

— Porque Marguerite me proibiu.

— E por que não me pediu dinheiro?

— Porque ela não queria.

— E para que foi usado esse dinheiro?

— Para pagar.

— Então ela deve muito?

— Por volta de trinta mil francos ainda. Ah, meu caro! Bem que eu lhe avisei, você não quis acreditar; pois agora está convencido. O tapeceiro, com quem o duque se havia entendido, foi dispensado ao apresentar-se na casa do duque, que escreveu-lhe no dia seguinte informando que não faria nada por Mlle. Gautier. O homem quis o dinheiro, nós lhe demos algumas parcelas, que são os poucos mil francos que lhe pedi. Depois, almas caridosas o avisaram de que sua devedora, abandonada pelo duque, estava vivendo com um rapaz sem posses. Os outros credores também foram avisados, exigiram dinheiro e fizeram apreensões. Marguerite quis vender tudo, mas já era tarde,

além do que, eu me teria oposto a isso. Era preciso pagar, e para não lhe pedir dinheiro, ela vendeu os cavalos, as caxemiras e empenhou as joias. Quer os recibos dos compradores e as garantias da casa de penhor?

E Prudence, abrindo uma gaveta, mostrava-me esses papéis.

E continuou, com a persistência da mulher que se sente no direito de dizer: “Eu tinha razão!”

— Ah! Acredita que basta amar e ir viver no campo uma vida simples e vaporosa? Não, meu amigo, não. Ao lado da vida ideal, existe a vida material, e as resoluções mais castas ligam-se à terra por fios ridículos, mas de ferro, que não se rompem com facilidade. Se Marguerite não o enganou vinte vezes, é porque tem um caráter excepcional. E não porque eu não a tenha aconselhado a isso, pois me dava pena ver a pobre moça se desfazer de tudo. Ela não quis! Respondeu-me que o amava e que não o enganaria por nada neste mundo. Tudo isso é muito bonito, muito poético, mas não é essa moeda que paga os credores. E agora ela não consegue mais sair dessa situação com menos de trinta mil francos, repito.

— Está bem, darei essa quantia.

— Vai pedir um empréstimo?

— Meu Deus, é claro.

— Pois vai fazer uma bela coisa: arranjar problemas com seu pai, empatar seus recursos, e não se encontram trinta mil francos assim, da noite para o dia. Acredite em mim, caro Armand, conheço as mulheres melhor do que você, não faça essa loucura, da qual se arrependeria um dia. Seja razoável. Não lhe digo para deixar Marguerite, mas viva com ela como vivia no começo do verão. Deixe-a encontrar os meios de sair desse embaraço. O duque pouco a pouco voltará para ela. O conde de N..., caso ela o queira, me dizia ainda ontem, pagará todas as suas dívidas, e lhe dará quatro ou cinco mil francos por mês. Ele tem duzentos mil francos de renda. Já será uma posição para ela, enquanto que você, um dia terá que deixá-la. Não espere até que esteja arruinado, ainda mais que esse conde de N... é um imbecil, e nada impedirá você de ser o amante de Marguerite. Ela vai chorar um pouco no início, mas acabará se acostumando, e o

agradecerá um dia pelo que terá feito. Suponha que Marguerite seja casada e engane o marido, isso é tudo. Já lhe disse tudo isso uma vez. Só que naquela época, não passava de um conselho, e agora, é quase uma necessidade.

É cruel, mas Prudence tinha razão.

— É sempre assim — continuou ela, fechando os papéis que acabara de mostrar —, as cortesãs sempre acreditam que serão amadas, mas que nunca irão amar, não fosse isso, deixariam algum dinheiro de lado e, aos trinta anos, poderiam dar-se o luxo de ter um amante a troco de nada. Se eu soubesse antes o que sei agora! Enfim, não diga nada a Marguerite e traga-a de volta a Paris. Já viveu quatro ou cinco meses sozinho com ela, seria bem razoável. Feche os olhos, é tudo o que lhe peço. Ao final de quinze dias ela aceitará o conde de N..., fará economia durante o inverno, e no próximo verão, vocês podem recomeçar. É assim que se faz, meu caro!

E Prudence parecia encantada com seu conselho, que eu rejeitava com indignação.

Não só meu amor e minha dignidade não me permitiriam agir assim, como eu estava muito convencido de que, ao ponto em que havia chegado, Marguerite preferiria morrer a aceitar essa partilha.

— Chega de brincar — eu disse a Prudence —, definitivamente, de quanto Marguerite necessita?

— Já lhe disse, de uns trinta mil francos.

— E para quando precisa dessa quantia?

— Antes de dois meses.

— Ela a terá.

Prudence deu de ombros.

— Vou providenciá-la — continuei —, mas jure que não dirá a Marguerite que fui eu que a enviei.

— Fique tranquilo.

— E se ela lhe mandar outra coisa para vender ou penhorar, avise-me.

— Não há perigo, ela não tem mais nada.

Antes de tudo, passei em minha casa para ver se havia alguma carta de meu pai. Havia quatro.

XIX

Nas três primeiras cartas, meu pai se preocupava com meu silêncio e me perguntava a causa. Na última, deixava-me perceber que fora informado sobre a mudança em minha vida, e me anunciava sua chegada para breve.

Sempre tive um grande respeito e uma sincera afeição por meu pai. Então lhe respondi que uma pequena viagem fora a causa do meu silêncio, e pedia-lhe que me prevenisse sobre o dia de sua chegada, para que eu pudesse ir ao seu encontro.

Dei meu endereço do campo a meu criado, recomendando-lhe levar-me a primeira carta que chegasse da cidade de C..., e voltei imediatamente a Bougival.

Marguerite me esperava na porta do jardim.

Seu olhar mostrava preocupação. Saltou-me ao pescoço, e não pôde deixar de perguntar-me:

— Esteve com Prudence?

— Não.

— Ficou bastante tempo em Paris, não é?

— Encontrei várias cartas de meu pai, precisei respondê-las.

Alguns instantes depois Nanine entrou toda apressada. Marguerite levantou-se e falou-lhe em voz baixa.

Quando Nanine saiu, Marguerite me disse, voltando a sentar-se ao meu lado e segurando minha mão:

— Por que me enganou? Você esteve na casa de Prudence.

— Quem lhe disse isso?

— Nanine.

— De que maneira ela soube?

— Ela o seguiu.

— Então havia pedido para ela me seguir?

— Sim. Pensei que devia haver um motivo muito forte para fazê-lo ir assim a Paris, você que não sai do meu lado há quatro meses. Receava que algum mal houvesse ocorrido, ou que talvez tivesse ido se encontrar com outra mulher.

— Sua criança!

— Estou tranquila agora, sei o que você fez, mas ainda não sei o que lhe disseram.

Mostrei a Marguerite as cartas de meu pai.

— Não é sobre isso que pergunto. O que quero saber é por que você foi à casa de Prudence.

— Para vê-la.

— Está mentindo, meu amigo.

— Pois bem, fui lhe perguntar se o cavalo estava melhor, e se ela não precisava mais de sua caxemira ou de suas joias.

Marguerite corou, mas não respondeu.

— E — continuei —, fiquei a par do uso que você havia feito dos cavalos, das caxemiras e dos diamantes.

— E ficou bravo comigo?

— Fiquei bravo por não ter tido a ideia de pedir a mim aquilo de que necessitava.

— Numa relação como a nossa, se a mulher ainda tem um pouco de dignidade, ela deve se impor todos os sacrifícios possíveis antes de pedir dinheiro ao seu amante e dar um ar venal ao seu amor. Você me ama, estou certa disso, mas não sabe o quanto é frágil o fio que prende ao coração o amor que se sente por moças como eu. Quem é que sabe? Talvez num dia de dificuldade ou de tédio você visse em nossa ligação um cálculo habilmente estabelecido! Prudence fala demais. Que necessidade eu tinha daqueles cavalos? Fiz economia ao vendê-los. Passo muito bem sem eles, e não gasto mais nada com eles. Contanto que você me ame, não peço mais nada, e há de me amar da mesma forma sem cavalos, sem caxemira e sem diamantes.

Tudo isso era dito de um modo tão natural que, escutando-a, vieram lágrimas aos meus olhos.

— Mas, minha boa Marguerite — respondi, pressionando com amor as mãos de minha amante —, você sabia que um dia eu teria

conhecimento desse sacrifício, e que, nesse dia, eu não o suportaria.

— Por que isso?

— Porque, minha querida, não entendo que a afeição que você tanto diz ter por mim possa privá-la ainda que de uma joia. Eu também não quero que, num momento de dificuldade ou de tédio, você possa pensar que se vivesse com outro homem esses momentos não existiriam, nem que se arrependa, mesmo que por um minuto, de viver comigo. Dentro de alguns dias seus cavalos, seus diamantes e suas caxemiras estarão de volta. São tão necessários a você quanto o ar à vida, e talvez seja ridículo, mas gosto mais de você suntuosa do que simples.

— Então é porque não me ama mais.

— Louca!

— Se me amasse, permitiria que eu o amasse do meu jeito. Mas, ao contrário, continua vendo em mim apenas uma moça a quem esse luxo é indispensável, e se julga sempre na obrigação de pagar. Tem vergonha de aceitar provas do meu amor. Sem querer, pensa um dia me abandonar, e faz questão de colocar sua delicadeza ao abrigo de qualquer suspeita. Tem razão, meu amigo, mas eu esperava coisa melhor.

E Marguerite fez menção de levantar-se. Eu a retive dizendo-lhe:

— Quero que seja feliz, e que não tenha nada a me censurar, eis tudo.

— E nós vamos nos separar!

— Por que, Marguerite? Quem pode nos separar? — exclamei.

— Você, que não quer permitir que eu compreenda sua posição, e que tem a vaidade de me conservar na minha. Você, que, ao conservar o luxo em meio ao qual eu vivia, quer conservar a distância moral que nos separa. Você, enfim, que não acredita o bastante em minha afeição desinteressada para partilhar comigo as posses que tem, e com as quais poderíamos viver felizes juntos, e que prefere se arruinar, escravo que é de um preconceito ridículo. Acredita então que eu comparo uma carruagem e joias ao seu amor? Acredita que a felicidade para mim consiste em vaidades com que nos contentamos quando não amamos nada, mas que se tornam bastantes mesquinhas

quando se ama? Irá pagar minhas dívidas, consumir sua fortuna e me sustentar, enfim! E quanto tempo tudo isso vai durar? Dois ou três meses, e aí será tarde demais para aceitar a vida que lhe proponho, pois então aceitaria tudo de mim, e isso um homem de honra não pode fazer. Ao passo que agora você tem oito ou dez mil francos de renda com os quais podemos viver. Venderei o que me é supérfluo, e só com essa venda conseguirei dois mil francos por ano. Alugaremos um pequeno apartamento onde ficaremos juntos. No verão, viremos ao campo, não para uma casa como esta, mas para uma casinha suficiente para duas pessoas. Você é independente, eu sou livre, somos jovens, em nome dos céus, Armand, não me lance outra vez na vida que eu era obrigada a levar anteriormente.

Eu não conseguia responder, lágrimas de reconhecimento e de amor inundavam meus olhos, e me atirei nos braços de Marguerite.

— Eu queria — continuou ela — acertar tudo sem lhe dizer nada, pagar todas as minhas dívidas e mandar arrumar meu novo apartamento. Em outubro estaríamos de volta a Paris, e tudo seria dito. Mas já que Prudence contou-lhe tudo, é preciso que consinta antes em vez de consentir depois. Você me ama o bastante para isso?

Era impossível resistir a tanta dedicação. Beije efusivamente as mãos de Marguerite e disse-lhe:

— Farei tudo o que você quiser.

O que ela havia decidido ficou então acordado.

Então, ela foi tomada por uma alegria louca: dançava, cantava, fazia festa com a simplicidade do seu novo apartamento, e já me consultava sobre sua localização e sua disposição.

Eu a via feliz e orgulhosa por essa decisão, que aparentemente devia nos aproximar de uma vez por todas.

Eu também não quis ficar em dívida com ela.

Em um instante, decidi sobre minha vida. Calculei minha fortuna e deixei para Marguerite a renda que me vinha de minha mãe, e que me pareceu bem insuficiente para recompensar o sacrifício que eu aceitara.

Restavam-me cinco mil francos da pensão que meu pai me dava, e, acontecesse o que acontecesse, eu sempre teria bastante dessa pensão

anual para viver.

Não contei a Marguerite o que eu havia decidido, pois estava convencido de que ela recusaria essa doação.

Essa renda provinha de uma hipoteca de sessenta mil francos sobre uma casa que eu nunca vira. Tudo o que eu sabia era que, a cada trimestre, o tabelião do meu pai, velho amigo da nossa família, enviava-me setecentos e cinquenta francos em troca de um simples recibo.

No dia em que Marguerite e eu fomos a Paris a fim de procurar apartamento, encontrei-me com esse tabelião e lhe perguntei de que maneira eu devia proceder para transferir a outra pessoa aquela renda.

O bom homem julgou-me arruinado e questionou-me sobre a causa de tal decisão. Ora, como mais cedo ou mais tarde seria preciso dizer-lhe em favor de quem eu fazia a doação, preferi contar-lhe logo a verdade.

Não me fez nenhuma das objeções que sua posição de notário e de amigo o autorizava a fazer, e assegurou-me que se encarregaria de ajeitar tudo da melhor maneira possível.

Recomendei-lhe, naturalmente, a maior descrição em relação a meu pai. E fui encontrar Marguerite, que me esperava na casa de Julie Duprat, onde preferira ir, em lugar de escutar o sermão de Prudence.

Sáímos em busca de apartamentos. Todos os que víamos, Marguerite os achava demasiado caros, e eu os achava demasiado simples. Mas acabamos entrando em acordo e decidimos por uma pequena habitação, isolada da casa principal, em um dos bairros mais tranquilos de Paris.

Atrás dessa pequena habitação estendia-se um agradável jardim, que pertencia a ela e era rodeado de muros elevados o bastante para nos separar dos vizinhos, e baixos o bastante para não limitar nossa vista.

Era melhor do que havíamos esperado.

Enquanto me dirigia à minha casa para acertar a situação do meu apartamento, Marguerite ia encontrar-se com um negociante que, segundo ela, já havia feito por uma de suas amigas o que ela ia lhe

pedir que fizesse por ela.

Depois foi encontrar-me na Rua de Provence, encantada. O homem prometera pagar todas as suas dívidas, dar-lhe o devido recibo e entregar-lhe cerca de vinte mil francos mediante a entrega de todos os seus móveis.

Como viu pelo valor que o leilão atingiu, aquele homem honesto teria lucrado mais de trinta mil francos com essa sua cliente.

Voltamos muito contentes para Bougival, e continuamos a falar de nossos planos para o futuro que, graças à nossa descontração e principalmente ao nosso amor, víamos sob as cores mais douradas.

Oito dias depois, almoçávamos quando Nanine veio dizer-me que meu criado me solicitava.

Eu o fiz entrar.

— Senhor — disse-me —, seu pai chegou a Paris e lhe pede que vá imediatamente para casa, onde o aguarda.

Essa notícia era a coisa mais simples do mundo, no entanto, ao ouvi-la, Marguerite e eu nos entreolhamos.

Adivinhávamos alguma desgraça nesse incidente.

E, antes que ela me comunicasse essa sensação, que eu também partilhava, disse-lhe, estendendo-lhe a mão:

— Não receie nada.

— Volte o mais rápido que puder — murmurou Marguerite abraçando-me —, ficarei à janela, à sua espera.

Mandei Joseph dizer a meu pai que eu chegaria rapidamente.

De fato, duas horas depois eu estava na Rua de Provence.

XX

Meu pai, vestido com um roupão, estava sentado na sala e escrevia.

Compreendi imediatamente, pelo modo como olhou para mim quando entrei que trataríamos de coisas graves.

No entanto, abordei-o como se não tivesse percebido nada em seu semblante, e o abracei.

— Quando o senhor chegou, meu pai?

— Ontem à noite.

— Veio para minha casa, como de costume?

— Sim.

— Lamento muito não ter estado aqui para recebê-lo.

Esperava ver surgir após minhas palavras o sermão que prometia a fria fisionomia de meu pai, mas ele não me respondeu nada. Selou a carta que acabara de escrever e entregou-a a Joseph, para que a levasse ao correio.

Quando ficamos a sós, meu pai se levantou e, apoiando-se na lareira, disse-me:

— Precisamos, meu querido Armand, conversar sobre coisas sérias.

— Estou ouvindo, meu pai.

— Promete ser franco?

— Como é meu costume.

— É verdade que está vivendo com uma mulher chamada Marguerite Gautier?

— Sim.

— Sabe o que era essa mulher?

— Uma cortesã.

— Foi por causa dela que esqueceu de nos visitar este ano, a sua irmã e a mim?

— Confesso que sim, meu pai.

— Então ama muito essa mulher?

— Como o senhor pode ver, meu pai, uma vez que me fez faltar com um dever sagrado, pelo qual hoje lhe peço perdão humildemente.

Meu pai certamente não esperava respostas assim tão categóricas, pois pareceu refletir um instante, após o que me disse:

— Você já compreendeu, evidentemente, que não poderá viver sempre assim?

— Tive receio disso, meu pai, mas creio que não compreendi.

— Mas deve ter compreendido — continuou meu pai com um tom um pouco mais seco — que eu não aceitaria isso.

— Disse a mim mesmo que, enquanto eu não fizesse nada que fosse contrário ao respeito que devo a seu nome e à tradicional probidade da família, poderia viver como estou vivendo, o que tranquilizou-me um pouco quanto aos temores que eu tinha.

As paixões nos fortalecem frente aos sentimentos. Eu estava pronto para enfrentar qualquer luta, mesmo contra meu pai, para conservar Marguerite.

— Pois bem, o momento de viver de outra maneira chegou.

— Eh! Por que, meu pai?

— Porque você está prestes a fazer coisas que ferem o respeito que acredita ter por sua família.

— Não estou entendendo essas palavras.

— Vou explicá-las. Que tenha uma amante, está muito bem. Que pague para tê-la, como um sedutor deve pagar pelo amor de uma cortesã, não poderia ser melhor. Mas que se esqueça das coisas mais sagradas por causa dela, que permita que os rumores de sua vida escandalosa cheguem aos quatro cantos da minha província e lancem a sombra de uma mancha sobre o honrado nome que lhe dei, eis o que não pode acontecer, eis o que não acontecerá.

— Permita-me dizer-lhe, meu pai, que aqueles que assim o esclareceram a meu respeito estavam mal informados. Sou o amante de Mlle. Gautier, vivo com ela, é a coisa mais simples do mundo. Não dou a Mlle. Gautier o nome que recebi do senhor, gasto com ela o que

meus meios me permitem gastar, não fiz uma dívida, enfim, não me encontro em nenhuma dessas situações que autorizam um pai dizer a seu filho o que o senhor acaba de me dizer.

— Um pai está sempre autorizado a afastar seu filho de um mau caminho no qual o vê entrar. Você ainda não fez nada de mau, mas acabará fazendo.

— Pai!

— Rapaz, conheço a vida melhor que você. Não há sentimentos inteiramente puros senão em mulheres inteiramente castas. Toda Manon pode gerar um Des Grieux, e os tempos e os costumes mudaram. Seria inútil que o mundo envelhecesse se não se corrigisse. Você abandonará sua amante.

— Meu pai, me aborrece desobedecê-lo, mas é impossível.

— Terei que obrigá-lo.

— Infelizmente, meu pai, não existem mais ilhas Sainte-Marguerite, para onde mandam as cortesãs, e, caso ainda existissem, eu seguiria Mlle. Gautier até lá, se o senhor conseguisse que para lá fosse enviada. O que quer? Talvez eu esteja errado, mas não posso ser feliz senão continuando como amante dessa mulher.

— Vejamos, Armand, abra os olhos, acredite em seu pai, que sempre o amou e que só quer sua felicidade. É honroso para você ir viver maritalmente com uma moça que já foi de todo mundo?

— Que importa, meu pai, pois ninguém mais a terá! Que importa, uma vez que essa moça me ama, e se regenera pelo amor que tem por mim e pelo amor que tenho por ela! Que importa, enfim, se existe conversão!

— Eh! Então acredita, rapaz, que a missão de um homem de honra seja converter cortesãs? Acredita que Deus tenha dado esse objetivo grotesco à vida, e que o coração não deva ter uma motivação diferente dessa? Qual será o desfecho dessa cura maravilhosa, e o que você pensará do que diz hoje quando tiver quarenta anos? Vai rir do seu amor, se ainda lhe for permitido rir, se ele não tiver deixado marcas demasiado profundas em seu passado. Que seria hoje de você se seu pai tivesse tido ideias como as suas, e houvesse abandonado sua vida a todos esses suspiros de amor, em vez de estabelecê-la

inabalavelmente sobre um ideal de honra e de lealdade? Pense bem, Armand, e não diga mais essas bobagens. Vamos, abandone essa mulher, seu pai lhe implora.

Não respondi nada.

— Armand — continuou meu pai —, em nome de sua santa mãe, creia-me, renuncie a essa vida que esquecerá mais depressa do que imagina, e a qual uma teoria impossível o acorrenta. Você tem vinte e quatro anos, pense no futuro. Não pode amar para sempre essa mulher que também não o amará para sempre. Vocês dois estão exagerando o amor que sentem. Você fecha para si todos os caminhos. Um passo a mais e não conseguirá sair da rota em que se encontra, e pelo resto da vida terá remorso pela sua juventude. Parta, vá passar um ou dois meses junto a sua irmã. O repouso e o zeloso amor da família hão de curar rapidamente essa febre, pois não se trata de outra coisa. Durante esse tempo, sua amante irá se consolar e arranjar outro amante, e quando você vir por quem esteve a ponto de se desentender com seu pai e de perder sua afeição, irá me dizer que fez bem em ter vindo procurá-lo, e irá me agradecer. Vamos, você partirá, não é Armand?

Eu sentia que meu pai estava certo em relação a todas as mulheres, mas estava convencido que ele não tinha razão quanto a Marguerite. No entanto, o tom com que me dissera suas últimas palavras era tão terno, tão suplicante que eu não me atrevia a lhe responder.

— E então? — disse ele com voz emocionada.

— E então, meu pai, não posso lhe prometer nada — eu disse enfim —, o que o senhor me pede está acima de minhas forças. Acredite — continuei, vendo-o fazer um gesto de impaciência —, o senhor exagera os resultados dessa ligação. Marguerite não é a pessoa que o senhor imagina. Esse amor, longe de levar-me para um mau caminho, é capaz, ao contrário, de desenvolver em mim os mais dignos sentimentos. O amor verdadeiro nos torna sempre melhores, seja qual for a mulher que o inspire. Se o senhor conhecesse Marguerite, compreenderia que não me exponho a nada. Ela é nobre como as mais nobres mulheres. Tanto quanto há de cobiça nas outras, nela há de desinteresse.

— O que não a impede de aceitar toda a sua fortuna, pois os sessenta mil francos que você recebe de sua mãe, e que dá a ela, são, lembre-se bem do que lhe digo, sua única fortuna.

Meu pai provavelmente havia guardado esse discurso e essa ameaça como que para me dar um último golpe.

Eu era mais forte diante de suas ameaças que diante de suas súplicas.

— Quem disse ao senhor que eu abriria mão dessa soma? — retorqui.

— Meu tabelião. Um homem honesto teria feito semelhante gesto sem me prevenir? Pois bem, foi para impedir sua ruína em favor dessa moça que vim a Paris. Ao morrer, sua mãe lhe deixou com o que viver honradamente e não algo para empregar em generosidades a suas amantes.

— Juro ao senhor, meu pai, Marguerite não sabia dessa doação.

— E por que então a fez?

— Porque Marguerite, essa mulher que o senhor calunia e que quer que eu abandone, está sacrificando tudo o que possui para viver comigo.

— E aceita esse sacrifício? Que homem é então, rapaz, para permitir a uma Mlle. Marguerite sacrificar por você o que quer que seja? Já chega! Você deixará essa mulher. Há pouco, era um pedido, agora, é uma ordem. Não quero sujeiras como essa em minha família. Faça suas malas, e se apresse em seguir-me.

— Perdoe-me, meu pai, mas não partirei.

— Uma vez que?

— Uma vez que já tenho idade para não mais obedecer a uma ordem.

Meu pai empalideceu ao ouvir essa resposta.

— Está bem, rapaz — continuou ele. — Eu sei o que me resta fazer. Tocou a sineta.

Joseph apareceu.

— Mande levar minhas malas ao hotel de Paris — disse ele a meu criado. E, ao mesmo tempo, foi para seu quarto, onde acabou de se vestir.

Quando reapareceu, fui até ele e disse-lhe:

— O senhor me promete, meu pai, não fazer nada que possa causar sofrimento a Marguerite?

Meu pai parou, olhou-me com desprezo e contentou-se em responder-me:

— Você está louco, creio.

Depois disso saiu, fechando violentamente a porta atrás de si.

Por minha vez, desci, tomei uma carruagem e parti para Bougival.

Marguerite me esperava à janela.

XXI

— **F**inalmente! — exclamou ela saltando-me ao pescoço. — Você chegou! Como está pálido!

Contei-lhe a cena com meu pai.

— Ah, meu Deus! Eu desconfiava — disse ela. — Quando Joseph veio nos anunciar a chegada de seu pai, estremeci como à notícia de uma desgraça. Meu pobre amigo! E sou eu quem lhe causa todas essas mágoas. Talvez fosse melhor me deixar a indispor-se com seu pai. Embora eu não tenha feito nada a ele. Nós vivemos bem tranquilos, e vamos viver mais tranquilos ainda. Ele sabe perfeitamente que você precisa ter uma amante, e deveria ficar satisfeito que seja eu, porque o amo e não ambiciono mais do que a sua situação permite. Você lhe disse de que forma arranjamos nosso futuro?

— Sim, e foi o que mais o irritou, pois viu nessa determinação a prova de nosso amor mútuo.

— O que fazer agora?

— Permanecer juntos, minha boa Marguerite, e deixar passar essa tempestade.

— Será que vai passar?

— Tem que passar.

— Mas seu pai não insistirá?

— Que quer que ele faça?

— Como posso saber tudo o que um pai pode fazer para que seu filho o obedeça? Fará você lembrar de minha vida passada e talvez me dê a honra de inventar alguma nova história para que você me abandone.

— Você sabe bem que a amo.

— Sim, mas o que você também sabe é que, cedo ou tarde, será preciso obedecer a seu pai, e talvez você acabe por deixar-se

convencer.

— Não, Marguerite, eu é que irei convencê-lo. São os mexericos de alguns de seus amigos que causam essa grande cólera. Mas ele é bom, ele é justo, ele reexaminará sua primeira impressão. Mas também, no fim das contas, que me importa!

— Não diga isso, Armand. Prefiro qualquer coisa a que acreditem que o indisponho com sua família. Deixe passar o dia de hoje, e amanhã retorne a Paris. Seu pai terá refletido de um lado, assim como você de outro, e talvez vocês se entendam melhor. Não contrarie os princípios dele, demonstre fazer alguma concessão aos seus desejos. Aparente não importar-se tanto comigo, e ele deixará as coisas como estão. Tenha esperança, meu amigo, e fique bem certo de uma coisa, que, aconteça o que acontecer, sua Marguerite continuará sendo sua.

— Você jura?

— Preciso jurar?

Como é doce deixar-se persuadir por uma voz que amamos! Marguerite e eu passamos o dia todo repetindo sobre nossos planos, como se houvéssemos compreendido a necessidade de realizá-los mais depressa. A cada minuto esperávamos por algum acontecimento, mas felizmente o dia passou sem trazer nenhuma novidade.

No dia seguinte, saí às dez horas, e cheguei ao hotel por volta de meio-dia.

Meu pai já havia saído.

Fui até minha casa, onde esperava que ele talvez tivesse ido. Ninguém aparecera. Fui ao tabelião. Ninguém!

Retornei ao hotel, e o aguardei até às seis horas. M. Duval não apareceu.

Retomei o caminho de Bougival.

Encontrei Marguerite, não mais me esperando como na véspera, mas sentada junto ao fogo, como já o exigia a estação.

Estava tão mergulhada em suas reflexões que me aproximei de sua poltrona sem que me ouvisse e sem que se voltasse para mim. Quando pousei meus lábios em sua testa, estremeceu como se esse beijo a tivesse despertado em sobressalto.

— Você me assustou — disse-me. — E seu pai?

— Não o vi. Não sei o que isso quer dizer. Não o encontrei nem no hotel, nem em qualquer dos locais onde havia a possibilidade de que ele estivesse.

— Vamos, amanhã terá de recomeçar.

— Prefiro esperar que ele me solicite. Já fiz, creio, tudo o que devia fazer.

— Não, meu amigo, não é o bastante, precisa procurar novamente por seu pai, principalmente amanhã.

— Por que amanhã mais do que em outro dia?

— Porque — disse Marguerite, que me pareceu corar um pouco a essa pergunta —, porque uma insistência de sua parte vai parecer mais viva e poderá nos resultar em um perdão mais pronto.

Todo o restante do dia, Marguerite esteve preocupada, distraída, triste. Eu era obrigado a repetir duas vezes o que lhe dizia para obter uma resposta. Ela justificava essa preocupação com os temores que lhe inspiravam em relação ao futuro dos acontecimentos dos dois últimos dias.

Passei a noite tranquilizando-a, e no dia seguinte ela me fez partir com uma persistente inquietação que eu não conseguia entender.

Como na véspera, meu pai estava ausente. Mas, antes de sair, me havia deixado esta mensagem:

“Se vier hoje novamente para me encontrar, espere-me até as quatro horas. Se às quatro horas eu não estiver de volta, retorne amanhã para jantar comigo. Preciso lhe falar”.

Esperei até a hora mencionada. Meu pai não apareceu. Parti.

Na véspera, eu encontrara Marguerite triste, naquele dia a encontrei febril e agitada. Vendo-me entrar, saltou-me ao pescoço, mas chorou longamente em meus braços.

Questionei-a sobre essa dor súbita, cuja progressão me alarmava. Ela não me deu nenhuma razão concreta, alegando tudo o que uma mulher pode alegar quando não quer dizer a verdade.

Quando ficou mais calma, contei-lhe os resultados de minha viagem. Mostrei-lhe a carta de meu pai, fazendo-a enxergar que

podíamos esperar disso algum bem.

Em vista dessa carta e da reflexão que fiz, suas lágrimas aumentaram a tal ponto que chamei Nanine e, temendo uma crise nervosa, deitamos a pobre moça, que chorava sem dizer uma sílaba, mas que segurava minhas mãos e as beijava a todo instante.

Perguntei a Nanine se, durante minha ausência, sua patroa havia recebido uma carta ou uma visita que pudesse ter motivado o estado em que se encontrava, mas Nanine respondeu-me que ninguém viera e que nada lhe fora deixado.

No entanto, desde a véspera acontecia algo muito inquietante, que Marguerite escondia de mim.

Pareceu um pouco mais calma à noite, e fazendo-me sentar ao pé de sua cama, renovou-me longamente a certeza de seu amor. Depois sorriu-me, mas com esforço, pois, mesmo contra sua vontade, seus olhos se cobriam de lágrimas.

Empreguei todos os meios para fazê-la confessar a verdadeira causa daquela tristeza, mas obstinou-se em dar-me sempre as vagas razões das quais já lhe falei.

Acabou por dormir em meus braços, mas um desses sonos que mais fatigam do que repousam o corpo. De tempos em tempos, soltava um gemido, despertava em sobressalto, e depois de certificar-se de que eu estava de fato a seu lado, fazia-me jurar que sempre iria amá-la.

Eu não entendia essas intermitências de sofrimento que se prolongaram até a manhã. Então Marguerite entrou numa espécie de letargia. Havia duas noites que não dormia.

Esse repouso não teve uma longa duração.

Por volta de onze horas, Marguerite acordou, e vendo-me de pé, olhou à sua volta e exclamou:

— Já está de saída?

— Não — respondi tomando suas mãos —, mas quis deixá-la dormir; ainda é cedo.

— A que horas vai a Paris?

— Às quatro horas.

— Tão cedo? Mas até lá vai ficar comigo, não vai?

— Claro, não é meu costume?

— Que felicidade! Nós vamos almoçar? — continuou ela parecendo distraída.

— Se você quiser.

— E depois vai me abraçar até o momento de partir?

— Sim, e voltarei o mais cedo possível.

— Voltará? — disse ela, fitando-me com olhos assustados.

— Naturalmente.

— Certo, voltará esta noite, e eu esperarei por você como sempre, e continuará me amando, e seremos felizes como temos sido desde que nos conhecemos.

Todas essas palavras foram ditas em tom tão convulsivo, pareciam esconder um pensamento doloroso tão contínuo, que eu temia a cada instante ver Marguerite entrar em delírio.

— Escute — eu lhe disse —, você está doente, não posso deixá-la assim. Vou escrever a meu pai que não me espere.

— Não! Não! Exclamou ela bruscamente. — Não faça isso. Seu pai ainda me acusaria de impedir que você vá ao seu encontro quando ele quer vê-lo. Não, não, é preciso que você vá, é preciso! Além disso, não estou doente, estou muito bem disposta. É que tive um sonho ruim, e não despertei muito bem.

A partir desse momento, Marguerite tentou parecer mais alegre. Não chorou mais.

Quando chegou a hora em que eu devia partir, beijei-a e perguntei-lhe se queria acompanhar-me até a estação de trem. Esperava que a caminhada a distraísse e que um pouco de ar lhe fizesse bem.

Desejava, acima de tudo, ficar o máximo possível de tempo com ela.

Ela aceitou, colocou um casaco e me acompanhou, junto com Nanine, para não retornar sozinha.

Por vinte vezes estive a ponto de não partir. Mas a esperança de logo regressar e o receio de indispor novamente meu pai contra mim deram-me forças. O trem me levou.

— Até à noite — eu disse a Marguerite ao deixá-la. Ela não respondeu.

Uma vez ela já não me respondera a essas mesmas palavras, e o

conde de G..., como se lembra, passou a noite em casa dela. Mas esse tempo ia tão longe que parecia apagado de minha memória, e se eu tinha medo de alguma coisa, certamente não era de que Marguerite me enganasse.

Chegando em Paris, corri à casa de Prudence para pedir-lhe que fosse ver Marguerite, esperando que seu bom humor e sua alegria a distraíssem.

Entrei sem me fazer anunciar, e encontrei Prudence se arrumando.

— Ah! — exclamou ela parecendo apreensiva. — Marguerite veio com você?

— Não.

— Como está ela?

— Não está bem.

— Então ela não virá?

— Ela deveria vir?

Mme. Duvernoy enrubesceu, e me respondeu com certo embaraço:

— Eu quis dizer: já que você veio a Paris, será que ela não virá para encontrá-lo?

— Não.

Olhei para Prudence. Ela baixou os olhos, e em sua fisionomia pensei reconhecer um receio de ver minha visita se prolongar.

— Na verdade vinha lhe pedir, minha cara Prudence, se não tiver nada para fazer, que vá visitar Marguerite esta noite. Você lhe faria companhia, e poderia dormir por lá. Nunca a vi do jeito que estava hoje, e tenho medo de que fique doente.

— Vou jantar fora — respondeu-me Prudence — e não poderei visitar Marguerite esta noite. Mas irei vê-la amanhã.

Despedi-me de Mme. Duvernoy, que me parecia quase tão preocupada quanto Marguerite, e fui encontrar meu pai, cujo primeiro olhar examinou-me com atenção.

Estendeu-me a mão.

— Suas duas visitas me alegraram, Armand — disse-me —, deram-me a esperança de que você teria refletido por seu lado como refleti pelo meu.

— Posso lhe perguntar, meu pai, qual foi o resultado de suas

reflexões?

— O resultado foi, meu amigo, que eu dera exagerada importância aos relatos que me haviam feito, e que me prometi ser menos severo com você.

— O que está dizendo, meu pai! — exclamei com alegria.

— Estou dizendo, meu querido filho, que todo rapaz precisa ter uma amante, e que, segundo novas informações, prefiro saber que é amante de Mlle. Gautier que de qualquer outra.

— Meu excelente pai! Como o senhor me deixa feliz!

Conversamos assim por alguns instantes, depois nos sentamos à mesa. Meu pai foi agradável todo o tempo que durou o jantar.

Eu tinha pressa de retornar a Bougival para contar a Marguerite essa maravilhosa mudança. Olhava a todo instante para o relógio.

— Está olhando as horas — dizia-me meu pai —, está ávido para me deixar. Oh, jovens! Vocês sempre sacrificam as afeições sinceras pelas duvidosas?

— Não diga isso, meu pai! Marguerite me ama, tenho certeza.

Meu pai não respondeu nada. Não parecia duvidar nem acreditar.

Insistiu muito para que eu passasse a noite toda com ele, e para que eu partisse apenas no dia seguinte. Mas eu deixara Marguerite indisposta, disse-lhe, e pedia-lhe permissão para ir encontrá-la cedo, prometendo-lhe voltar no dia seguinte.

Fazia tempo bom. Ele quis me acompanhar até a plataforma. Nunca me sentira tão feliz. O futuro me aparecia tal como buscava vê-lo há muito tempo.

Amava meu pai mais do que nunca.

No momento em que eu ia partir, ele insistiu uma última vez para que eu ficasse. Recusei.

— Então você a ama muito? — perguntou-me.

— Como um louco.

— Então vá! — E passou a mão pela minha testa como se quisesse afugentar dali algum pensamento, em seguida abriu a boca como se fosse dizer-me alguma coisa. Mas limitou-se a apertar minha mão, e deixou-me bruscamente gritando:

— Então, até amanhã!

XXII

Eu tinha a impressão de que o trem não andava.

Cheguei em Bougival às onze horas.

Nenhuma janela da casa estava iluminada, e bati sem que ninguém me respondesse.

Era a primeira vez que algo assim me acontecia. Finalmente o jardineiro apareceu. Entrei.

Nanine foi ao meu encontro com uma luz. Dirigi-me ao quarto de Marguerite.

— Onde ela está?

— Madame foi a Paris — respondeu-me Nanine.

— Paris?

— Sim, senhor.

— Quando?

— Uma hora após o senhor.

— Não deixou nada para mim?

— Nada.

Nanine retirou-se.

“É capaz que ela tenha receado alguma coisa” pensei, “e que tenha ido a Paris certificar-se de que a visita, que eu lhe disse que faria a meu pai, não era apenas um pretexto para que eu tivesse um dia de liberdade.”

“Talvez Prudence lhe tenha escrito a respeito de algo importante” também pensei quando me vi sozinho. Mas eu estivera com Prudence logo em minha chegada, e ela não me disse nada que pudesse fazer-me supor que escreveria a Marguerite.

De repente lembrei-me da pergunta que Mme. Duvernoy me fizera: “Então ela não virá?”, quando lhe disse que Marguerite não estava bem. Lembrei-me também do ar embaraçado de Prudence, assim que

olhei para ela após ouvir essa frase, que parecia denunciar um encontro. A essas lembranças, juntava-se a das lágrimas de Marguerite durante todo o dia, lágrimas que a boa acolhida de meu pai me fizera esquecer um pouco.

A partir daquele momento, todos os incidentes do dia vieram agrupar-se em torno de minha primeira suspeita, e a fixaram tão solidamente em meu espírito que tudo a confirmava, até mesmo a clemência paternal.

Marguerite havia praticamente exigido que eu fosse a Paris. Fingira calma quando lhe propus permanecer a seu lado. Será que eu teria caído em uma armadilha? Marguerite estaria me enganando? Teria contado estar de volta a tempo, de modo que eu não percebesse sua ausência, e algum acaso a teria retido? Por que não dissera nada a Nanine, ou por que não me escrevera? Que queriam dizer aquelas lágrimas, essa ausência, esse mistério?

Era o que me perguntava assombrado, no meio daquele quarto vazio, os olhos fixos no relógio que, marcando meia-noite, parecia me dizer que era tarde demais para que eu ainda esperasse ver minha amante retornar.

Entretanto, após as resoluções que acabáramos de tomar, após os sacrifícios oferecidos e aceitos, seria possível que ela me enganasse? Não. Tentei desprezar minhas primeiras suposições.

A pobre moça deve ter encontrado um comprador para seu mobiliário, e deve ter ido a Paris tratar disso. Deve ter preferido não me avisar, pois sabe que, mesmo que eu a aceite, essa venda, necessária à nossa futura felicidade, me desagrada, e deve ter receado ferir meu amor-próprio e minha suscetibilidade se me contasse. Vai preferir voltar somente quando tudo estiver terminado. Prudence evidentemente a esperava para isso e traiu-se em minha presença. Marguerite não deve ter conseguido concluir sua negociação hoje, e vai dormir em sua casa, ou talvez chegue logo, pois deve imaginar minha preocupação e certamente não há de querer deixar-me preocupado.

Mas então, por que aquelas lágrimas? Provavelmente, apesar de seu amor por mim, a pobre moça não conseguiu decidir-se, sem

chorar, por abandonar o luxo em que esteve vivendo até agora e que a fazia feliz e invejada.

Eu perdoava Marguerite facilmente por essa melancolia. Esperava-a com impaciência para dizer-lhe, cobrindo-a de beijos, que eu havia adivinhado a causa de sua misteriosa ausência.

No entanto, a noite avançava e Marguerite não chegava.

A preocupação pouco a pouco apertava o cerco, e me pressionava a cabeça e o coração. Talvez houvesse acontecido alguma coisa a ela! Talvez estivesse ferida, doente, morta! Talvez eu fosse ver um mensageiro chegar anunciando algum terrível acidente! Talvez o amanhecer me encontrasse envolto na mesma incerteza e nos mesmos temores!

A ideia de que Marguerite estivesse me enganando naquele momento em que eu a esperava, em meio à angústia que me causava sua ausência, não me vinha mais à mente. Era preciso existir uma causa independente de sua vontade para retê-la longe de mim, e quanto mais eu pensava nisso, mais me convencia de que essa causa não podia ser outra coisa que não alguma desgraça. Ó vaidade do homem! Apareces sob todas as formas.

Acabava de soar uma hora. Disse a mim mesmo que esperaria ainda uma hora, mas que, se até as duas horas Marguerite não tivesse retornado, eu iria a Paris.

Enquanto esperava, procurei um livro, pois não ousava mais pensar.

Manon Lescaut estava aberto sobre a mesa. Pareceu-me que, com alguns intervalos, as páginas estivessem molhadas como que por lágrimas. Depois de tê-lo folheado, fechei o livro, cujas palavras mostravam-se vazias de sentido através do véu de minhas dúvidas.

O tempo passava lentamente. O céu estava encoberto. Uma chuva de outono fustigava os vidros. A meus olhos, a cama vazia tomava por momentos o aspecto de uma tumba. Eu tinha medo.

Abri a porta. Prestava atenção, mas não ouvia nada além do ruído do vento nas árvores. Carruagem alguma passava pela estrada. A meia hora soou tristemente no campanário da igreja.

Cheguei ao ponto de temer que alguém entrasse, pois me parecia

que apenas uma desgraça poderia vir ao meu encontro àquela hora e com aquele tempo sombrio.

Duas horas soaram. Ainda esperei um pouco. Só o ruído monótono e cadenciado do relógio perturbavam o silêncio.

Finalmente saí daquele quarto, em que os menores objetos haviam tomado o triste aspecto que a inquieta solidão do coração imprime em tudo à sua volta.

No quarto contíguo vi Nanine adormecida sobre seu bordado. Ao ruído da porta, acordou e perguntou-me se sua patroa havia retornado.

— Não, mas se ela voltar, diga-lhe que não consegui suportar minha preocupação, e que fui até Paris.

— A essa hora?

— Sim.

— Mas como? Não encontrará nenhuma carruagem.

— Irei a pé.

— Mas está chovendo.

— Que me importa?

— Madame vai voltar, mas, se ela não voltar, de dia ainda será tempo de ir ver o que a reteve. O senhor poderá ser assassinado na estrada.

— Não há perigo, minha cara Nanine. Até amanhã.

A boa moça foi pegar meu sobretudo, colocou-o sobre meus ombros, ofereceu-se para ir acordar a senhora Arnould e lhe perguntar se seria possível arrumar uma carruagem, mas recusei, convencido de que eu perderia, com essa tentativa talvez infrutífera, mais tempo do que levaria para percorrer metade do caminho.

Além disso, precisava de ar e de um cansaço físico que acabasse com a grande agitação que me dominava.

Peguei a chave do apartamento da Rua d'Antin, e após despedir-me de Nanine, que me havia acompanhado até o portão, parti.

Primeiro me pus a correr, mas, como a terra fora recentemente molhada, cansava-me em dobro. Ao cabo de uma meia hora de corrida fui obrigado a parar, estava inundado de suor. Retomei o fôlego e continuei meu caminho. A noite estava tão densa que a todo

instante temia chocar-me contra uma das árvores que existiam pelo caminho, pois, aparecendo de repente aos meus olhos, aparentavam ser grandes fantasmas correndo sobre mim.

Encontrei uma ou duas carroças de transporte de mercadorias que rapidamente deixei para trás.

Uma caleche trotava apressadamente para os lados de Bougival. No momento em que passava por mim, tive a esperança de que Marguerite estivesse dentro dela.

Parei e gritei: “Marguerite! Marguerite!”

Mas ninguém respondeu, e a caleche continuou seu caminho. Vi que se afastava, e parti outra vez.

Levei duas horas para chegar à entrada de l’Étoile.

A vista de Paris devolveu-me as forças, e desci correndo a longa alameda que eu já havia percorrido tantas outras vezes.

Naquela noite, ninguém passava por ali.

Parecia o passeio a uma cidade morta.

O dia começava a nascer.

Quando cheguei à Rua d’Antin, a grande cidade já se movia um pouco, antes de despertar completamente.

Cinco horas soavam na igreja Saint-Roch no momento em que entrei na casa de Marguerite.

Disse meu nome ao porteiro, que já recebera de mim muitas moedas de vinte francos para saber que eu tinha o direito de entrar às cinco horas na casa de Mlle. Gautier.

Portanto, passei sem obstáculos.

Poderia ter perguntado se Marguerite estava em casa, mas ele poderia ter-me respondido que não. Eu preferia duvidar por mais dois minutos, pois duvidando ainda tinha esperanças.

Encostei o ouvido à porta, tentando surpreender algum ruído, algum movimento.

Nada. O silêncio do campo parecia estender-se até ali.

Abri a porta e entrei.

Todas as cortinas estavam hermeticamente fechadas.

Abri as da sala de jantar, em seguida fui até o quarto de dormir e empurrei a porta.

Saltei o cordão das cortinas e o puxei com violência.

Elas se afastaram, e uma tênue luminosidade penetrou. Corri até a cama.

Estava vazia!

Abri todas as portas, uma após a outra, entrei em todos os quartos.

Ninguém!

Era enlouquecedor.

Passei pelo quarto de vestir, abri a janela, e chamei várias vezes por Prudence.

A janela de Mme. Duvernoy continuava fechada.

Então desci, e perguntei ao porteiro se Mlle. Gautier estivera em sua casa durante o dia.

— Sim — respondeu-me o homem —, acompanhada de Mme. Duvernoy.

— Ela não mandou dizer nada para mim?

— Nada.

— Sabe o que elas fizeram depois?

— Partiram numa carruagem.

— Que tipo de carruagem?

— Um cupê particular.

Que queria dizer tudo aquilo?

Bati na porta ao lado.

— Onde vai, senhor? — perguntou-me o zelador após ter-me aberto a porta.

— À casa de Mme. Duvernoy.

— Ela não retornou.

— Tem certeza?

— Sim, senhor. Aqui está uma carta que lhe trouxeram ontem à noite e que ainda não lhe entreguei.

E o porteiro mostrou-me uma carta sobre a qual automaticamente lancei os olhos.

Reconheci a caligrafia de Marguerite.

Peguei a carta.

O endereço continha estas palavras:

“A Mme. Duvernoy, para ser entregue a M. Duval.”

— Esta carta é para mim — eu disse ao porteiro, e mostrei-lhe o endereço.

— M. Duval é o senhor? — perguntou-me o homem.

— Sim.

— Ah! Reconheço o senhor, vem sempre à casa de Mme. Duvernoy. Uma vez na rua, rompi o lacre da carta.

Nem que um raio tivesse caído em meus pés não me sentiria mais assustado do que me senti com aquela leitura.

Quando estiver lendo esta carta, Armand, já serei amante de um outro homem. Portanto, está tudo acabado entre nós.

Volte para junto de seu pai, meu amigo, vá rever sua irmã, jovem casta que ignora todas as nossas misérias, e ao lado de quem você esquecerá muito rapidamente tudo o que o fará sofrer esta mulher perdida que se chama Marguerite Gautier, que você até quis amar por algum tempo, e que lhe deve os únicos momentos felizes de uma vida que, assim ela espera, agora não será muito longa.

Quando terminei de ler a última palavra, pensei que fosse enlouquecer.

Por um momento realmente tive medo de cair sobre a calçada. Uma nuvem passava sobre meus olhos e o sangue batia em minhas têmporas.

Por fim, me refiz um pouco, olhei à minha volta, surpreso de ver que a vida alheia ia em frente e não parava por causa da minha dor.

Eu não era forte o bastante para suportar sozinho o golpe que Marguerite me desferia.

Então lembrei que meu pai estava na mesma cidade que eu, que em dez minutos poderia estar ao lado dele, e que, qualquer que fosse a causa do meu sofrimento, iria compartilhá-lo comigo.

Corri como um louco, como um ladrão, até o hotel de Paris. Encontrei a chave pendurada na porta do apartamento de meu pai. Entrei.

Ele lia.

Pela escassa surpresa que demonstrou vendo-me aparecer, dava a impressão de que me aguardava.

Precipitei-me em seus braços sem lhe dizer uma palavra, dei-lhe a carta de Marguerite, e deixando-me cair diante de sua cama, chorei copiosamente.

XXIII

Quando todas as coisas da vida haviam retomado seu curso, eu não podia acreditar que o dia que começava não seria para mim semelhante aos que o precederam. Havia momentos em que eu imaginava que alguma circunstância, da qual não me lembrava, me fizera passar a noite fora da casa de Marguerite, mas que, se eu retornasse a Bougival, iria encontrá-la preocupada, como eu estivera, e que ela me perguntaria quem me havia mantido longe dela daquela forma.

(Quando a existência adquire um hábito como o daquele amor, parece impossível que tal hábito se perca sem que se percam, ao mesmo tempo, todas as outras forças da vida).

Assim, de tempos em tempos eu era obrigado a reler a carta de Marguerite para realmente convencer-me de que eu não havia sonhado.

Meu corpo, sucumbindo ao abalo moral, era incapaz de qualquer movimento. A inquietação, o ritmo da noite, a notícia da manhã deixaram-me esgotado. Meu pai aproveitou essa total prostração de minhas forças para pedir-me a promessa formal de partir com ele.

Prometi tudo o que ele queria. Sentia-me incapaz de manter uma discussão, e precisava de uma afeição verdadeira que me ajudasse a viver, depois do que acabava de acontecer.

Deixava-me muito satisfeito o fato de que meu pai desejasse consolar-me daquela mágoa.

Tudo o que me lembro é que, aquele dia, por volta das cinco horas, ele me fez subir numa carruagem. Sem me dizer nada, mandara preparar minhas malas e prendê-las às dele na parte traseira do veículo; e me levava embora.

Eu não sabia o que estava fazendo até que a cidade desapareceu, e

que a solidão da estrada lembrou-me do vazio em meu coração.

Então as lágrimas voltaram a cair.

Meu pai compreendeu que palavras, mesmo se viessem dele, não me consolariam, e me deixava chorar sem dizer nada, contentando-se às vezes em apertar minha mão, como para me lembrar que eu tinha um amigo ao meu lado.

À noite, dormi pouco. Sonhei com Marguerite.

Despertei sobressaltado, sem entender por que eu estava numa carruagem.

Depois, a realidade voltou à minha mente e deixei minha cabeça pender sobre o peito.

Não ousava conversar com meu pai, receando sempre que ele me dissesse: “Você vê que eu tinha razão quando reprovava o amor daquela mulher”.

Mas ele não se prevaleceu de sua vantagem, e chegamos a C... sem que me tivesse dito qualquer outra coisa que não palavras completamente alheias ao acontecimento que me fizera partir.

Quando abracei minha irmã, lembrei-me das palavras contidas na carta de Marguerite, e que lhe diziam respeito, e compreendi imediatamente que, por melhor pessoa que fosse, minha irmã não conseguiria fazer-me esquecer minha amante.

A temporada de caça estava aberta, meu pai pensou que seria uma distração para mim. Organizou então caçadas com vizinhos e amigos. Eu participava delas sem aversão mas também sem entusiasmo, com uma espécie de apatia que era a característica de todas as minhas ações desde minha partida.

Praticávamos a caça de encontro.^[1] Colocavam-me em meu posto. Eu pousava minha arma descarregada ao meu lado, e devaneava.

Olhava as nuvens passando. Deixava meu pensamento errar pelas planícies solitárias e, de tempos em tempos, ouvia algum batedor me chamar, apontando-me uma lebre a dez passos de mim.

Nenhum desses detalhes escapava a meu pai, e ele não se deixava enganar por minha calma exterior. Ele compreendia perfeitamente que, por mais abatido que estivesse, meu coração teria em algum momento uma reação terrível, perigosa talvez, e, evitando dar a

impressão de me consolar, fazia o possível para me distrair.

Minha irmã, naturalmente, não estava inteirada de todos os acontecimentos, e não compreendia por que razão eu, tão alegre em outros tempos, me tornara de repente tão pensativo e tão triste.

Às vezes, surpreendido em meio a minha tristeza pelo olhar preocupado de meu pai, eu lhe estendia minha mão e apertava a dele, como que para lhe pedir tacitamente perdão pelo mal que, sem querer, eu lhe causava.

Um mês transcorreu assim, mas foi tudo o que pude suportar.

A lembrança de Marguerite me perseguia sem cessar. Eu havia amado demais e amava ainda demais aquela mulher para que ela pudesse ser-me indiferente assim de súbito. Eu precisava, acima de tudo, tornar a vê-la, o que quer que eu viesse a sentir por ela, e isso imediatamente.

Esse desejo entrou em meu espírito e fixou-se nele com toda a força da vontade, que ressurgiu enfim num corpo que esteve inerte por muito tempo.

Não era no futuro, em um mês ou em oito dias que eu precisava de Marguerite, era no exato dia seguinte àquele em que eu tivera tal ideia. Então fui dizer a meu pai que ia deixá-lo para tratar de negócios que me chamavam de volta a Paris, mas que regressaria prontamente.

Ele sem dúvida adivinhou o motivo que me fazia partir, pois insistiu para que eu ficasse. Mas vendo que a não realização desse desejo poderia trazer-me consequências fatais, abraçou-me e pediu-me, quase chorando, que eu voltasse brevemente para junto dele.

Não dormi até chegar a Paris.

E depois de chegar, o que fazer? Eu não sabia. Mas era preciso, antes de tudo, que me ocupasse de Marguerite.

Ia até minha casa para trocar-me, mas como o dia estava bonito e ainda era tempo, fui a Champs-Élysées.

Após cerca de meia hora, vi ao longe, vindo da rotatória à Praça da Concórdia, a carruagem de Marguerite.

Ela recuperara os cavalos, pois a carruagem estava como antes, contudo, ela não estava em seu interior.

Mal acabara de notar essa ausência e, olhando ao meu redor, vi Marguerite descendo a pé, acompanhada de uma mulher que eu nunca tinha visto anteriormente.

Ao passar a meu lado, ela empalideceu, e um sorriso nervoso crispou seus lábios. Quanto a mim, violentos batimentos de coração sacudiram meu peito. Mas consegui manter em meu rosto uma expressão fria, e cumprimentei friamente minha antiga amante, que quase imediatamente dirigiu-se a sua carruagem, na qual entrou com sua amiga.

Eu conhecia Marguerite. Esse encontro inesperado deve tê-la abalado. Sem dúvida soubera de minha partida, o que a havia tranquilizado quanto à continuidade do nosso rompimento. Mas, vendo-me de volta, e encontrando-se face a face comigo, pálido como eu estava, percebera que meu retorno tinha um objetivo, e devia estar se perguntando o que iria ocorrer.

Se eu tivesse encontrado Marguerite infeliz, se, para vingar-me dela, pudesse ter vindo em seu socorro, talvez a perdoasse, e certamente não teria pensado em fazer-lhe mal. Porém, a via feliz, ao menos aparentemente. Outro devolvera-lhe o luxo que eu não pudera continuar a lhe oferecer. Nosso rompimento, vindo dela, ganhava em consequência o caráter do mais baixo interesse. Sentia-me humilhado em meu amor-próprio assim como em meu amor, era preciso, necessariamente, que ela pagasse por aquilo que eu havia sofrido.

Eu não conseguia ficar indiferente ao que fazia aquela mulher, portanto, minha indiferença devia ser o que mais lhe faria mal. Era então esse sentimento que eu precisava simular, não apenas a seus olhos, mas aos olhos dos outros.

Tentei aparentar um rosto sorridente e fui à casa de Prudence.

A camareira foi anunciar-me e fez-me esperar alguns instantes na sala.

Madame Duvernoy finalmente apareceu, e levou-me até sua sala íntima. No momento em que me sentava, ouvi a porta da sala se abrir, e passos leves fizeram o piso ranger. Em seguida a porta do vestíbulo foi fechada violentamente.

— Eu a incomodo? — perguntei a Prudence.

— De maneira nenhuma. Marguerite estava aqui. Quando o ouviu anunciar-se, saiu às pressas. Foi ela quem acabou de sair.

— Então agora lhe causo medo?

— Não, porém ela receia que lhe seja desagradável revê-la.

— Por quê? — perguntei, esforçando-me para respirar normalmente, já que a emoção me sufocava. — A pobre moça me deixou para recuperar sua carruagem, seus móveis e seus diamantes, e fez bem, não é por isso que devo me aborrecer com ela. Eu a encontrei hoje — falei negligentemente.

— Onde? — fez Prudence, que me olhava e parecia perguntar-se se este era o mesmo homem que ela conhecera tão apaixonado.

— Na Champs-Élysées, ela estava com outra mulher muito bonita. Quem era aquela mulher?

— Como era ela?

— Loura, magra, longos cachos, olhos azuis. Muito elegante.

— Ah, é Olympe! Uma jovem muito bonita, de fato.

— Com quem ela vive?

— Com ninguém, com todo mundo.

— E onde mora?

— Rua Tronchet, nº ... Ah! Então quer lhe fazer a corte?

— Nunca se sabe o que pode acontecer.

— E Marguerite?

— Dizer-lhe que não penso mais nela seria mentir, mas sou desses homens a quem a forma de romper importa muito. Ora, Marguerite dispensou-me de uma forma tão leviana que me achei bem tolo por ter sido apaixonado como fui, pois realmente fui muito apaixonado por ela.

Você pode imaginar com que tom eu tentava dizer essas coisas. O suor escorria pela minha testa.

— Ela também o amava, na verdade continua amando-o. A prova é que, após tê-lo encontrado hoje, veio imediatamente contar-me sobre esse encontro. Quando chegou, estava completamente trêmula, prestes a passar mal.

— E então, o que ela lhe disse?

— Disse-me: “Não tenho dúvida de que ele virá visitá-la”, e pediu-

me que lhe implorasse seu perdão.

— Eu a perdoei, pode dizer-lhe isso. É uma boa moça, mas é uma cortesã, e eu devia ter esperado que fizesse o que me fez. Sou-lhe reconhecido por sua decisão, porque hoje eu me pergunto a que nos teria levado minha ideia de viver com ela. Era loucura.

— Ela ficará contente de saber que você compreendeu a situação em que se encontrava. Já era tempo de que a deixasse, meu caro. O canalha do negociante a quem ela havia proposto vender seu mobiliário tinha ido procurar seus credores para lhes perguntar quanto ela lhes devia. Estes tiveram medo e iam vender tudo em dois dias.

— E agora, foi tudo pago?

— Quase.

— E quem forneceu os fundos?

— O conde de N... Ah, meu caro! Há homens que foram feitos especialmente para isso. Em resumo, ele deu vinte mil francos, mas conseguiu seus objetivos. Ele sabe perfeitamente que Marguerite não está apaixonada por ele, o que não o impede de ser muito gentil com ela. Como viu, readquiriu seus cavalos, tirou-lhe as joias do penhor e lhe dá a mesma quantia que lhe dava o duque. Se ela quiser viver tranquilamente, esse homem ficará com ela por muito tempo.

— E o que ela tem feito? Está morando em Paris?

— Desde que você partiu, nunca mais quis voltar a Bougival. Eu é que fui buscar todas as coisas dela, e também as suas, Armand, que empacotei e que você deve mandar retirar aqui. Está tudo aí, exceto uma pequena carteira com suas iniciais. Marguerite quis ficar com ela, está em sua casa. Se fizer questão, posso pedir-lhe de volta.

— Que fique com ela — balbuciei, pois sentia as lágrimas subirem do meu coração aos meus olhos à lembrança daquele vilarejo onde eu fora tão feliz, e à ideia de que Marguerite desejava ter alguma coisa que fosse minha e que a fizesse lembrar-se de mim.

Se ela tivesse entrado naquele momento, minhas determinações de vingança teriam desaparecido, e eu cairia a seus pés.

— De resto — continuou Prudence —, nunca a tinha visto como está agora. Quase não dorme, corre os bailes, as ceias, até se

embriaga. Ultimamente, após uma dessas ceias, passou oito dias de cama, e quando o médico permitiu que se levantasse, fez tudo de novo, arriscando-se a morrer. Pretende visitá-la?

— A troco de quê? Vim ver você, porque você sempre foi amável comigo, e já a conhecia antes de conhecer Marguerite. É a você que devo o fato de ter sido amante dela, tanto quanto lhe devo o fato de já não o ser, não é mesmo?

— Ah! Claro, fiz tudo o que pude para que ela o deixasse, e creio que, mais tarde, você não ficará aborrecido comigo por causa disso.

— Sou-lhe duplamente reconhecido — acrescentei levantando-me, pois sentia repulsa por essa mulher, vendo-a levar a sério tudo o que eu lhe dizia.

— Já vai embora?

— Sim.

Eu já sabia o suficiente.

— Quando o veremos?

— Em breve. Adeus.

— Adeus.

Prudence conduziu-me até a porta, e voltei para casa com lágrimas de raiva nos olhos e necessidade de vingança no coração.

Assim, decididamente, Marguerite era uma moça como todas as outras. Assim, aquele amor profundo que ela sentia por mim não havia lutado contra o desejo de retomar sua vida pregressa, e contra a necessidade de possuir uma carruagem e de participar de orgias.

Era isso o que eu me dizia durante minhas insônias, enquanto que, se tivesse pensado tão friamente quanto aparentava, teria percebido naquela nova vida agitada de Marguerite uma esperança sua de fazer calar um pensamento constante, uma lembrança incessante.

Infelizmente, uma paixão nefasta me dominava, e não procurei senão meios de torturar a pobre criatura.

Oh, como o homem é pequeno e vil quando uma de suas mesquinhas paixões é ferida!

A tal Olympe, com quem eu vira Marguerite, se não fosse sua amiga, era ao menos a pessoa com quem ela mais se relacionava desde seu retorno a Paris. Olympe ia dar um baile, e como eu

supunha que Marguerite lá estaria, procurei conseguir um convite, e o obtive.

Quando, cheio de minhas dolorosas emoções, cheguei a esse baile, ele já estava muito animado. Todos dançavam, até mesmo gritavam, e, numa das quadrilhas, vi Marguerite dançando com o conde de N..., que aparentava muito orgulho em mostrá-la, e parecia dizer a todo mundo: “Essa mulher é minha!”.

Fui encostar-me à lareira, bem em frente a Marguerite, e a observei dançando. Assim que ela me viu, ficou perturbada. Olhei para ela e fiz-lhe uma distraída saudação com a mão e com os olhos.

Quando pensava que, após o baile, não seria mais comigo, mas com aquele rico imbecil que ela iria embora, quando imaginava o que certamente se seguiria ao retorno de ambos à casa dela, o sangue me subia à cabeça, e sentia uma verdadeira necessidade de perturbar seus amores.

Após a contradança, fui cumprimentar a dona da casa, que ostentava aos olhos dos convidados ombros magníficos e metade de um colo fascinante.

Era uma bela moça, e do ponto de vista da forma, mais bonita que Marguerite. Certifiquei-me ainda mais claramente disso por certos olhares que ela lançou sobre Olympe enquanto eu lhe falava.

O homem que se tornasse amante dessa mulher poderia ter tanto orgulho quanto o que mostrava M. de N..., e ela era bastante bela para inspirar uma paixão igual à que Marguerite me havia inspirado.

Naquela época, ela não tinha nenhum amante. Não seria difícil vir a sê-lo. O importante era exhibir fortuna suficiente para fazer-me notar.

Minha decisão estava tomada. Aquela mulher seria minha amante.

Dei início ao meu papel de postulante dançando com Olympe.

Meia hora depois, Marguerite, pálida como uma morta, vestia sua capa e deixava o baile.

XXIV

Já era alguma coisa, mas não o suficiente. Dei-me conta do poder que eu tinha sobre Marguerite e abusei dele covardemente.

Quando penso que agora está morta, me pergunto se Deus algum dia irá me perdoar pelo mal que fiz.

Após a ceia, que foi das mais animadas, começamos a jogar.

Sentei-me ao lado de Olympe e apostei meu dinheiro com tamanha ousadia que ela não pôde deixar de notar. Em poucos instantes, ganhei cento e cinquenta ou duzentos luíses, que expus à minha frente e sobre os quais ela lançava olhares ardentes.

Eu era o único a quem o jogo não preocupava completamente, e que dava atenção a ela. Ganhei durante todo o resto da noite, e fui eu que lhe dei dinheiro para jogar, pois havia perdido tudo o que tinha diante de si e provavelmente o que possuía em casa.

Às cinco horas da manhã todos se foram.

Eu ganhara trezentos luíses.

Todos os jogadores já haviam descido, só eu ficara para trás sem que percebessem, pois eu não era amigo de nenhum daqueles cavalheiros.

Olympe iluminava a escada e eu ia descer como os outros quando, voltando-me para ela, disse-lhe:

— Preciso lhe falar.

— Amanhã — disse ela.

— Não, agora.

— O que tem a me dizer?

— Logo saberá.

E tornei a entrar no apartamento.

— Perdeu muito, não é? — disse-lhe.

— Sim.

— Tudo o que tinha em sua casa? Ela hesitou.

— Seja franca.

— Pois bem, é verdade.

— Ganhei trezentos luíses, aqui estão, se me deixar ficar aqui.

Ao mesmo tempo, joguei o ouro sobre a mesa.

— Por que me faz essa proposta?

— Porque a aprecio, ora!

— Não. É porque está apaixonado por Marguerite e quer vingar-se dela tornando-se meu amante. Ninguém engana uma mulher como eu, meu caro amigo. Infelizmente, ainda sou jovem demais e bonita demais para aceitar o papel que me propõe.

— Então, está recusando?

— Sim.

— Prefere me amar a troco de nada? Eu é que não aceitaria então. Pense bem, minha cara Olympe. Tivesse eu enviado qualquer pessoa lhe propondo esses trezentos luíses, de minha parte e com as condições que estabeleço, e teria aceitado. Achei melhor tratarmos diretamente. Aceite, sem buscar as causas que me fazem agir. Pense que é bela, que não há nada de surpreendente no fato de apaixonar-me.

Marguerite era uma cortesã, como Olympe, mas nunca teria ousado dizer-lhe, na primeira vez que a tivesse visto, o que acabava de dizer a essa mulher. É que eu amava Marguerite, é que eu pressentira nela instintos que faltavam a esta outra criatura, é que, apesar da extrema beleza de Olympe, no mesmo momento em que eu propunha esse negócio, a mulher com quem estava prestes a concluí-lo me desagradava.

Ela acabou aceitando, bem entendido, e ao meio-dia eu saí de sua casa como seu amante. Mas deixei sua cama sem a recordação das carícias e das palavras de amor que ela acreditava dever dispensar-me em troca dos seis mil francos que eu lhe deixava.

No entanto, alguns se arruinaram por essa mulher.

A partir daquele dia, fiz Marguerite sofrer uma perseguição constante. Olympe e ela deixaram de se ver, e você pode facilmente entender por quê. Dei a minha nova amante uma carruagem, joias. Eu

jogava e fazia, enfim, todas as loucuras que faria um homem enamorado por uma mulher como Olympe. O rumor de minha nova paixão logo se espalhou.

Até Prudence deixou-se enganar e acabou acreditando que eu havia esquecido Marguerite completamente. Esta, seja porque tivesse adivinhado o motivo que me fazia agir, seja porque estivesse enganada como todos os outros, respondia com grande dignidade às ofensas que eu lhe fazia todos os dias. Só que parecia sofrer, pois onde quer que a encontrasse podia vê-la cada vez mais pálida, cada vez mais triste. Meu amor por ela, exaltado a ponto de acreditar-se transformado em ódio, se rejubilava à visão daquele sofrimento cotidiano. Várias vezes, em circunstâncias em que fui de uma crueldade infame, Marguerite lançou-me olhares tão suplicantes que eu me envergonhava do papel que fazia, e quase fui pedir-lhe perdão.

Mas esses arrependimentos tinham a duração de uma faísca, e Olympe, que acabara de deixar qualquer amor-próprio de lado, e compreendera que fazendo mal a Marguerite conseguiria de mim tudo o que quisesse, incitava-me sem parar contra ela, e a insultava a cada vez que surgia uma oportunidade, com a persistente covardia da mulher autorizada por um homem.

Marguerite acabou por não ir mais aos bailes, nem aos espetáculos, temendo encontrar a mim e a Olympe. Então, as cartas anônimas se sucederam às impertinências diretas, e não havia coisas indecorosas que eu não fizesse minha amante contar, e que eu mesmo não contasse, sobre Marguerite.

Era preciso estar louco para chegar a esse ponto. Eu era como um homem que, tendo-se embebedado com um vinho ruim, cai numa daquelas exaltações nervosas em que a mão é capaz de um crime sem que a mente interfira em coisa alguma. Em meio a tudo aquilo, eu me martirizava. A calma sem desdém, a dignidade sem desprezo com as quais Marguerite respondia a todos os meus ataques, e que a meus próprios olhos faziam-na superior a mim, irritavam-me ainda mais em relação a ela.

Certa noite, Olympe tinha ido não sei onde e ali encontrara Marguerite, que, naquela ocasião, não foi indulgente com a grosseria

feita pela moça que a insultava, e esta viu-se forçada a ceder seu lugar. Olympe voltara para casa furiosa, enquanto levaram Marguerite desmaiada.

De volta, Olympe me contou o que havia ocorrido. Disse-me que vendo-a sozinha, Marguerite quis vingar-se por ela ser minha amante, e que eu devia escrever-lhe dizendo para respeitar, em minha ausência ou não, a mulher que eu amava.

Nem preciso lhe dizer que concordei com aquilo, e que tudo de mais amargo, vergonhoso e cruel que pude encontrar coloquei numa missiva que enviei naquele mesmo dia a sua casa.

Dessa vez o golpe havia sido forte demais para que a infeliz o suportasse sem dizer nada.

Eu suspeitava que alguma resposta chegaria a mim. Assim, resolvi não sair de casa durante todo o dia.

Por volta das duas horas bateram à porta, e vi Prudence entrar.

Tentei assumir um ar indiferente para lhe perguntar a que devia sua visita, mas naquele dia Mme. Duvernoy não estava sorridente, e com um tom seriamente comovido me disse que, desde meu retorno, ou seja, aproximadamente há três semanas, eu não deixara escapar nenhuma ocasião de fazer Marguerite sofrer; que por isso ela estava doente, e que a cena da véspera, juntamente com minha carta da manhã, haviam-na levado à cama.

Em resumo, sem fazer-me censuras, Marguerite a enviava para pedir-me desculpas e dizer-me que ela não tinha mais força moral nem força física para suportar o que eu lhe fazia.

— Que Mlle. Gautier — eu disse a Prudence — me ponha para fora de sua casa, é seu direito, mas que insulte uma mulher a quem amo, sob pretexto de que essa mulher seja minha amante, isso eu jamais permitirei.

— Meu amigo — disse Prudence —, você está sofrendo a influência de uma moça sem coração e sem alma. Está apaixonado por ela, é verdade, mas isso não é motivo para torturar uma mulher que não pode se defender.

— Que Mlle. Gautier mande-me o seu conde de N..., e o jogo se igualará.

— Sabe muito bem que ela não fará isso. Assim, meu caro Armand, deixe-a em paz. Se a visse, teria vergonha do modo como vem se comportando em relação a ela. Está pálida, tossindo, desta vez não irá muito longe.

E Prudence estendeu-me a mão acrescentando:

— Vá vê-la, sua visita há de deixá-la muito feliz.

— Não desejo encontrar M. de N...

— M. de N... nunca está na casa dela. Ela não consegue suportá-lo.

— Se Marguerite quiser me ver, ela sabe onde moro, que venha até aqui, mas eu não colocarei meus pés na Rua d'Antin.

— Contudo, ela seria bem recebida?

— Perfeitamente.

— Então estou certa de que ela virá.

— Que venha.

— Vai sair hoje?

— Estarei em casa a noite toda.

— Direi a ela.

Prudence retirou-se.

Sequer escrevi a Olympe dizendo que não iria vê-la. Não me importava com aquela moça. Quando muito, passava uma noite por semana com ela. Ela se consolava, creio, com um ator, não sei de qual teatro do boulevard.

Saí para jantar e voltei quase imediatamente. Mandei acender o fogo em todos os ambientes e dispensei Joseph.

Eu não conseguiria definir para você as diversas sensações que me agitaram durante uma hora de espera, mas quando por volta das nove horas ouvi baterem à porta, todas elas se resumiram a tal emoção que, indo abrir a porta, fui obrigado a me apoiar nas paredes para não cair.

Felizmente, a antecâmara encontrava-se na penumbra, e a alteração de minha fisionomia era menos visível.

Marguerite entrou.

Estava toda de preto e coberta com um véu. Eu mal reconhecia seu rosto sob a renda.

Entrou na sala e retirou o véu.

Estava pálida como mármore.

— Aqui estou, Armand — disse ela —, você quis me ver, por isso eu vim.

E deixando cair a cabeça em suas mãos, desmanchou-se em lágrimas.

Aproximei-me dela.

— O que você tem? — perguntei-lhe com a voz alterada.

Apertou minha mão sem responder, pois as lágrimas também abafavam sua voz. Mas poucos instantes depois, tendo retomado um pouco a calma, disse-me:

— Você me fez um grande mal, Armand, e eu não lhe fiz nada.

— Nada? — repliquei com um sorriso amargo.

— Nada além do que as circunstâncias me obrigaram a fazer.

Não sei se alguma vez na vida sentiu ou irá sentir o que eu sentia à visão de Marguerite.

A última vez que ela viera à minha casa, sentara-se no mesmo lugar em que acabava de se sentar. A diferença é que, desde aquela época, era a amante de outro. Outros beijos que não os meus haviam tocado seus lábios, em direção aos quais, contra minha vontade, os meus se inclinavam, e no entanto, eu sentia que amava essa mulher com a mesma intensidade, ou talvez mais do que jamais a havia amado.

E era difícil para mim iniciar a conversa sobre o assunto que a trouxera. Marguerite provavelmente o percebeu, pois retomou:

— Venho incomodá-lo, Armand, porque tenho duas coisas a lhe pedir: perdão pelo que disse ontem a Mlle. Olympe, e misericórdia pelo que você talvez esteja ainda prestes a me fazer. Voluntariamente ou não, desde seu regresso já me fez tanto mal que eu seria incapaz de ainda suportar um quarto das emoções que suportei até esta manhã. Haverá de apiedar-se de mim, não é? E haverá de entender que, para um homem de coração, existem coisas mais nobres a fazer do que se vingar de uma mulher doente e triste como estou. Olhe, segure minha mão. Tenho febre, saí daquela cama para vir pedir, não sua amizade, mas sua indiferença.

De fato, segurei a mão de Marguerite. A pobre mulher ardia e

tremia sob seu casaco de veludo.

Empurrei para perto do fogo a poltrona na qual estava sentada.

— E você acredita que não sofri — disse eu —, na noite em que, depois de tê-la esperado em Bougival, vim procurá-la em Paris e não encontrei mais do que aquela carta que quase me deixou louco? Como pôde me trair, Marguerite, eu que a amava tanto!

— Não vamos falar sobre isso, Armand, não vim aqui para tratar desse assunto. Quis vê-lo não como a um inimigo, só isso, e quis apertar sua mão ainda uma vez. Você tem uma jovem e bela amante, a quem ama, segundo dizem. Seja feliz com ela e me esqueça.

— E você, está feliz?

— Tenho a aparência de uma mulher feliz, Armand? Não brinque com meu sofrimento, você conhece melhor que ninguém suas causas e sua dimensão.

— Dependia apenas de você nunca sentir-se infeliz, caso realmente se sinta assim como diz.

— Não, meu amigo, as circunstâncias foram mais fortes que minha vontade. Obedeci, não aos meus instintos de mulher, como você pretende, mas a uma séria necessidade e a razões que um dia conhecerá, e que irão levá-lo a me perdoar.

— Por que não me conta agora essas razões?

— Porque elas não restabeleceriam entre nós uma aproximação que é impossível, e talvez o afastassem de pessoas das quais não deve se afastar.

— Que pessoas são essas?

— Não posso lhe dizer.

— Então está mentindo.

Marguerite levantou-se e caminhou em direção à porta.

Eu não podia presenciar essa muda e expressiva dor sem ficar comovido, comparando em meu íntimo essa mulher pálida e chorosa à moça extravagante que zombara de mim no Ópera Cômica.

— Você não vai embora — eu disse, colocando-me diante da porta.

— Por quê?

— Porque, apesar do que me fez, continuo a amá-la e quero que fique aqui.

— Para expulsar-me amanhã, não é? Não, impossível! Nossos destinos estão separados, não tentemos uni-los outra vez. Talvez um dia me desprezasse, ao passo que agora só pode me odiar.

— Não, Marguerite — gritei, sentindo despertar ao contato daquela mulher todo o meu amor e todos os meus desejos. — Não, esquecerei tudo e seremos felizes como nos havíamos prometido ser.

Marguerite balançou a cabeça em sinal de dúvida, e disse:

— Não sou sua escrava, seu cão? Faça de mim o que quiser, tome, pertenço a você.

E tirando seu casaco e seu chapéu, jogou-os sobre o sofá e pôs-se a soltar bruscamente os fechos do corpete de seu vestido, pois, por uma das reações tão frequentes em sua doença, o sangue lhe subia do coração à cabeça sufocando-a.

Uma tosse seca e rouca veio em seguida.

— Mande dizer ao meu cocheiro — disse ela — que leve minha carruagem de volta.

Eu mesmo descí para dispensar o homem.

Quando voltei, Marguerite estava estendida diante do fogo e seus dentes batiam de frio.

Tomei-a em meus braços, tirei-lhe as roupas sem que se movesse, e levei-a gelada como estava para minha cama.

Então sentei-me a seu lado e tentei aquecê-la sob meus carinhos. Não me dizia uma palavra, mas sorria.

Oh, foi uma noite estranha! Toda a energia de Marguerite parecia ter passado para os beijos com que me cobria, e eu a amava tanto que, em meio aos arrebatamentos do meu amor febril, perguntava a mim mesmo se não seria capaz de matá-la, para que jamais pertencesse a um outro.

Um mês de amor como aquele, de corpo e de coração, e não seríamos mais que um cadáver.

O dia nos encontrou despertos.

Marguerite estava lívida. Não dizia nada. De tempos em tempos, grandes lágrimas, brilhantes como diamantes, escorriam de seus olhos e paravam sobre suas faces. Seus braços extenuados abriam-se às vezes para me enlaçar, e voltavam a cair sem forças sobre a cama.

Por um momento acreditei que poderia esquecer o que havia acontecido desde que eu partira de Bougival, e perguntei a Marguerite:

— Gostaria que partíssemos, que deixássemos Paris?

— Não, não — respondeu-me quase com horror —, seríamos muito infelizes, não posso mais servir para sua felicidade, mas enquanto me restar um sopro de vida, serei escrava dos seus caprichos. A qualquer hora do dia ou da noite que me queira, venha, serei sua. Contudo, não associe mais seu futuro ao meu, você seria muito infeliz e me faria muito infeliz. Por algum tempo ainda serei uma mulher bonita. Aproveite, mas não me peça outra coisa.

Quando partiu, fiquei assombrado com a solidão na qual me deixava. Duas horas depois, ainda estava sentado na cama de onde ela acabara de sair, e olhava o travesseiro que guardava as marcas de sua forma, perguntando-me o que seria de mim entre o amor e o ciúme que eu sentia.

Às cinco horas, sem saber o que ia fazer ali, fui até a Rua d'Antin.

Foi Nanine quem me atendeu.

— Madame não pode recebê-lo — disse-me com embaraço.

— Por quê?

— Porque o conde de N... está aqui, e não quer que eu deixe ninguém entrar.

— Está certo — balbuciei —, eu havia esquecido.

Voltei para casa como um homem embriagado, e sabe o que eu fiz durante aquele minuto de delírio ciumento suficiente para a ação vergonhosa que eu ia praticar, sabe o que eu fiz? Disse a mim mesmo que aquela mulher zombava de mim. Imaginava-a em seu encontro íntimo com o conde, repetindo as mesmas palavras que me dissera à noite. Peguei então uma nota de quinhentos francos, que lhe enviei com as seguintes palavras:

Saiu tão depressa esta manhã que me esqueci de lhe pagar. Aqui está o valor de sua noite.

Depois, enquanto essa mensagem era entregue, saí de casa como

que para me esconder do remorso instantâneo dessa infâmia.

Fui à casa de Olympe, que encontrei experimentando vestidos, e que, assim que se viu a sós comigo, cantou-me obscenidades para me distrair.

Essa era bem o tipo de cortesã sem vergonha, sem coração e sem alma, ao menos para mim, pois talvez um homem tivesse tido com ela o sonho que eu tivera com Marguerite.

Pedi-me dinheiro, dei-lhe, e livre então para ir-me embora, retornei à minha casa.

Marguerite não me havia respondido.

É inútil que eu lhe diga com que agitação passei todo o dia seguinte.

Às seis e meia, um mensageiro trouxe um envelope contendo minha mensagem e o bilhete de quinhentos francos. Nenhuma palavra mais.

— Quem lhe entregou isto? — perguntei ao homem.

— Uma senhora que partia com sua criada de quarto na diligência para Boulogne, e que recomendou-me fazer a entrega somente depois que a carruagem tivesse partido.

Corri à casa de Marguerite.

— Madame foi para a Inglaterra hoje, às seis horas — disse-me o porteiro.

Nada mais me prendia a Paris, nem ódio nem amor. Sentia-me esgotado com todos esses abalos. Um de meus amigos ia fazer uma viagem ao Oriente. Fui dizer a meu pai que desejava acompanhá-lo. Meu pai deu-me títulos de crédito, cartas de recomendação e, oito ou dez dias depois, embarquei em Marselha.

Foi em Alexandria que eu soube, por um adido da embaixada que eu havia visto algumas vezes na casa de Marguerite, da doença da pobre moça.

Escrevi-lhe então a carta, cuja resposta que recebi em Toulon você conheceu.

Parti imediatamente, e o resto você já sabe.

Agora, só lhe falta ler as poucas folhas que Julie Duprat entregou-me e que são o complemento indispensável ao que acabei de lhe

contar.

XXV

Armand, cansado desse longo relato muitas vezes interrompido pelas lágrimas, colocou as duas mãos no rosto e fechou os olhos, ou para pensar, ou para tentar dormir, após ter-me dado as páginas escritas pela mão de Marguerite.

Alguns instantes depois, uma respiração um pouco mais rápida me provava que Armand dormia, mas um sono leve, desses que o mínimo ruído faz despertar.

Eis o que li, e que transcrevo sem tirar nem pôr uma sílaba:

Hoje é 15 de dezembro. Estou doente há três ou quatro dias. Esta manhã caí de cama. O tempo está sombrio, eu estou triste. Não há ninguém ao meu lado e penso em você, Armand. E você? Onde está você no momento em que escrevo estas linhas? Longe de Paris, muito longe, me disseram, e talvez já tenha esquecido Marguerite. Enfim, seja feliz, você, a quem devo os únicos momentos de alegria da minha vida.

Eu não conseguira resistir ao desejo de lhe dar uma explicação sobre minha conduta, e então lhe havia escrito uma carta. Mas, escrita por uma moça como eu, uma carta como aquela poderia ser interpretada como uma mentira, a menos que a morte a santificasse com sua autoridade e que, em lugar de uma carta, ela se tornasse uma confissão.

Hoje estou doente, posso morrer dessa doença, pois sempre tive o pressentimento de que morreria jovem. Minha mãe morreu do pulmão, e o modo como vivi até hoje só fez piorar essa afecção, única herança que ela me deixou. Porém, não quero morrer sem que você saiba o que pensar de mim, se é que, ao regressar, você ainda se preocupará com a pobre moça a quem amava antes de partir.

Aqui está o que continha aquela carta, que me alegro em reescrever, para

oferecer um novo testemunho das minhas justificativas:

Você se lembra, Armand, de como a chegada de seu pai nos surpreendeu em Bougival. Lembra o medo involuntário que essa chegada me causou, e a cena que me contou naquela noite, acontecida entre você e ele.

No dia seguinte, enquanto você estava em Paris esperando por seu pai, que não retornava, um homem se apresentava em minha casa e me entregava uma carta de M. Duval.

Aquela carta, que coloco junto a esta, me pedia, em termos muito graves, para afastá-lo no dia seguinte, com um pretexto qualquer, e receber seu pai. Ele precisava falar comigo e me recomendava acima de tudo não lhe dizer nada a respeito dessa sua intenção.

Quando retornou, lembra com que insistência o aconselhei a ir novamente a Paris no dia seguinte.

Fazia uma hora que havia partido quando seu pai chegou. Vou poupá-lo quanto à impressão que me causou seu semblante severo. Ele estava imbuído de velhas teorias que pregam que toda cortesã é um ser sem coração, sem razão, uma espécie de máquina de recolher ouro, sempre pronta, como uma máquina de ferro, a triturar a mão que lhe oferece alguma coisa, e a destruir sem piedade, sem discernimento, aquele que a faz viver e agir.

Seu pai me havia escrito uma carta muito adequada para que eu concordasse em recebê-lo. Mas não se apresentou do mesmo modo como escrevera. Havia muita arrogância, impertinência e até ameaças em suas primeiras palavras, de modo que tive de fazê-lo entender que eu estava em minha casa e que não tinha de prestar-lhe contas de minha vida senão por causa da sincera afeição que eu nutria por seu filho.

M. Duval se acalmou um pouco, no entanto passou a me dizer que não podia aceitar por muito mais tempo que seu filho se arruinasse por mim. Que eu era bonita, é verdade, mas que, por mais bonita que eu fosse, eu não devia servir-me dessa beleza para desperdiçar o futuro de um jovem com os gastos como aqueles que eu fazia.

A isso, só havia uma coisa a responder, não é? Mostrar as provas de que, desde que eu era sua amante, não me fora nenhum sacrifício manter-me fiel a você sem lhe pedir mais dinheiro do que aquele que podia me dar. Mostrei-lhe as quitações da casa de penhor, os recibos das pessoas a quem eu havia vendido

os objetos que não pudera penhorar, participei a seu pai minha decisão de me desfazer de meu mobiliário para pagar minhas dívidas e viver com você sem lhe ser uma carga demasiado pesada. Conte-lhe sobre nossa felicidade, sobre a revelação que você me fizera de uma vida mais tranquila e mais feliz. E ele acabou por render-se às evidências, e a estender-me sua mão pedindo perdão pela forma como se conduzira de início.

Depois me disse:

Então, minha senhora, não será mais por meio de censuras e de ameaças, e sim de súplicas, que tentarei obter um sacrifício seu, maior ainda do que todos aqueles que já fez por meu filho.

Eu tremi ao ouvir esse preâmbulo.

Seu pai se aproximou de mim, tomou minhas duas mãos e continuou em tom afetuoso:

Minha criança, não leve a mal o que vou lhe dizer. Apenas entenda que a vida às vezes impõe necessidades cruéis ao coração, mas que é preciso submeter-se a elas. A senhora é boa, sua alma é dona de uma generosidade desconhecida de muitas mulheres que talvez a desprezem e não tenham o seu valor. Mas pense que ao lado da amante há a família, que além do amor há os deveres, que, à idade da paixão, se segue a idade em que o homem, para ser respeitado, precisa estar firmemente apoiado sobre uma posição sólida. Meu filho não possui fortuna, no entanto, está prestes a lhe transmitir a herança que recebe de sua mãe. Se ele aceitasse o sacrifício que a senhora está a ponto de fazer, deveria ter a honra e a dignidade de fazer-lhe em troca essa doação, que a protegeria para sempre de uma adversidade completa. Mas tal sacrifício, ele não pode aceitar, porque a sociedade, que não a conhece, daria a esse acordo uma causa desleal, que não deve atingir o nome que carregamos. Ninguém olharia se Armand a ama, se a senhora o ama, se esse amor mútuo é uma felicidade para ele e uma reabilitação para a senhora. Veriam apenas uma coisa: que Armand Duval aceitou que uma cortesã, perdoe-me, minha filha, tudo o que sou forçado a lhe dizer, vendesse por causa dele tudo o que possuía. Mais tarde, o dia das recriminações e dos arrependimentos chegaria, esteja certa disso, tanto para vocês como para os outros, e ambos arrastariam uma corrente que não conseguiriam quebrar. Então o que a senhora faria? Sua juventude estaria perdida, o futuro de meu filho seria destruído, e eu, seu pai,

só teria de um dos meus filhos a recompensa que espero dos dois.

A senhora é jovem, é bonita, a vida a consolará. A senhora é nobre, e a lembrança de uma boa ação há de lhe trazer de volta muitas coisas passadas. Nestes seis meses, desde que a conheceu, Armand me tem esquecido. Quatro vezes já lhe escrevi sem que ele tenha pensado uma só vez em responder-me. Eu poderia ter morrido sem que ele soubesse!

Seja qual for a decisão que tome, quanto a viver diferentemente da forma que já viveu, Armand, que a ama, não concordará com a reclusão à qual sua modesta posição a condenaria, e que não foi feita para a sua beleza. Quem sabe então o que ele não faria! Já andou jogando, eu soube. Sem lhe dizer nada, também sei. Mas, num momento de exaltação, poderia ter perdido uma parte do que eu economizo, há muitos anos, para o dote de minha filha, para ele, e para a tranquilidade dos meus dias de velhice. O que poderia ter acontecido ainda pode acontecer.

Além disso, está certa de que a vida que abandonaria por ele não a atrairia novamente? Está certa, a senhora que o amou, de não vir a amar um outro? Não sofreria, enfim, com os entraves que a ligação entre vocês colocaria na vida de seu amante, e pelos quais talvez não pudesse consolá-lo se, com a idade, ideias de ambição se sucedessem aos sonhos de amor? Pense em tudo isso, madame. A senhora ama Armand, prove isso a ele pelo único meio que ainda lhe resta prová-lo: fazendo pelo futuro dele o sacrifício de seu amor. Nenhum infortúnio aconteceu ainda, mas poderia acontecer, e talvez maior do que estes que prevejo. Armand poderia enciumar-se de algum homem a quem tenha amado, poderia provocá-lo, poderia bater-se com ele, poderia enfim ser morto, e pense no quanto a senhora sofreria diante deste pai que lhe pediria contas da vida de seu filho.

Por fim, minha criança, quero que saiba de tudo, pois ainda não lhe disse tudo, fique então sabendo o que me trouxe a Paris. Tenho uma filha, como acabo de lhe dizer, jovem, bela, pura como um anjo. Está apaixonada, e ela também fez desse amor o sonho de sua vida. Escrevi tudo isso a Armand, mas, envolvido como estava com a senhora, não me respondeu. Pois bem, minha filha vai se casar com o homem que ama. Vai entrar para uma família honrada, que deseja que tudo seja honrado também em minha família. A família do homem que se tornará meu genro tomou conhecimento de como Armand vive

em Paris, e declarou-me voltar atrás em sua palavra se Armand continuar vivendo assim. O futuro de uma jovem que nada lhe fez, e que tem o direito de contar com esse futuro, está em suas mãos.

A senhora se sente no direito, e com forças, para arruiná-lo? Em nome de seu amor e de seu arrependimento, Marguerite, conceda-me a felicidade de minha filha.

Eu chorava silenciosamente, meu amigo, diante de todas aquelas reflexões que muitas vezes já havia feito e que, na boca de seu pai, adquiriam uma verdade ainda mais grave.

Eu me dizia tudo aquilo que seu pai não ousava me dizer, mas que por umas vinte vezes quase chegou aos seus lábios: que afinal de contas eu não passava de uma cortesã e que, qualquer que fosse a razão que eu encontrasse para a nossa ligação, ela sempre teria a aparência de uma coisa calculada. Que minha vida passada não me dava nenhum direito de sonhar com semelhante futuro, e que eu aceitava responsabilidades às quais meus hábitos e minha reputação não davam nenhuma garantia. Enfim, eu o amava, Armand. A maneira paternal com que me falava M. Duval, os castos sentimentos que ele evocava em mim, a estima daquele senhor leal que eu iria conquistar, e a sua, que eu estava certa de obter mais tarde, tudo isso despertava em meu coração nobres pensamentos que me tornavam melhor a meus próprios olhos, e faziam falar vaidades santas, desconhecidas até então. Quando eu pensava que um dia esse pai, que me implorava pelo futuro de seu filho, diria à sua filha que incluísse meu nome em suas orações, como o nome de uma misteriosa amiga, eu me transformava e tinha orgulho de mim.

A exaltação do momento talvez exagerasse a verdade dessas impressões, mas era o que eu sentia, amigo, e esses novos sentimentos faziam calar os conselhos que me dava a lembrança dos dias felizes passados em sua companhia.

— Pois bem, senhor — eu disse a seu pai enxugando minhas lágrimas —, acredita que eu amo seu filho?

— Sim — respondeu-me M. Duval.

— Com um amor desinteressado?

— Acredito.

— Acredita que eu tinha feito desse amor a esperança, o sonho e o perdão da minha vida?

— Firmemente.

— Pois então, meu senhor, beije-me uma vez como beijaria sua filha, e eu lhe juro que esse beijo, o único realmente casto que alguma vez recebi, há de me fortalecer contra o meu amor, e que antes de oito dias seu filho terá retornado para junto do senhor, talvez infeliz por um tempo, mas curado para sempre.

— A senhora é uma moça nobre — replicou seu pai beijando-me a testa —, irá tentar uma coisa que Deus levará em conta, mas receio que não conseguirá nada de meu filho.

— Oh! Fique tranquilo, senhor, ele passará a me odiar.

Era preciso colocar entre nós uma barreira intransponível.

Escrevi a Prudence dizendo que aceitava as propostas do conde de N..., e que ela fosse dizer-lhe que eu cearia com eles.

Lacrei a carta, e sem dizer qual era o seu conteúdo, pedi a seu pai que a fizesse entregar no endereço mencionado assim que chegasse em Paris.

Ele me perguntou o que ela continha, e lhe respondi que era a felicidade de seu filho.

Seu pai me beijou uma última vez. Senti em minha testa duas lágrimas de reconhecimento, que foram como uma bênção por meus erros anteriores, e, no momento em que acabei de concordar em entregar-me a outro homem, fiquei radiante de orgulho pensando no que eu recuperava com essa nova falta.

Era muito natural, Armand. Você mesmo me havia dito que seu pai era o homem mais honesto que se podia encontrar.

M. Duval subiu na carruagem e partiu.

No entanto, sou mulher, e quando tornei a ver você não consegui deixar de chorar, mas não fraquejei.

Será que fiz bem? É o que me pergunto hoje, quando me vejo doente numa cama da qual talvez só saia morta.

Você foi testemunha do que eu sentia à medida que a hora da nossa inevitável separação se aproximava. Seu pai não estava mais ali para me apoiar, e houve um momento em que estive prestes a confessar-lhe tudo, de tão amedrontada com a ideia de que você iria me odiar e me desprezar.

Uma coisa na qual talvez não vá acreditar, Armand, é que orei para Deus me dar força, e o que prova que ele aceitou meu sacrifício é que me deu a força que

eu implorava.

Durante aquela ceia ainda precisei de ajuda, pois não queria pensar no que eu ia fazer, tamanho era o meu temor de que me faltasse coragem!

Quem poderia dizer que eu, Marguerite Gautier, sofreria tanto só de pensar em ter um novo amante?

Bebi para esquecer, e quando acordei no dia seguinte, estava na cama do conde.

Essa é toda a verdade, amigo, julgue e me perdoe, como eu o perdoei por todo o mal que você me fez desde esse dia.

XXVI

O que se seguiu àquela noite fatal, você sabe tão bem quanto eu. Mas o que você não sabe, o que você não pode imaginar, é o quanto eu sofri desde a nossa separação.

Eu soubera que seu pai o havia levado com ele, mas suspeitava de que você não poderia viver por muito tempo longe de mim, e no dia em que o encontrei na Champs-Élysées fiquei emocionada, mas não surpresa.

Então começou aquela sequência de dias em que cada um me trazia um novo insulto de sua parte, insulto que eu recebia quase com alegria, pois, além de ser a prova de que continuava a me amar, me parecia que quanto mais me perseguisse, mais eu me engrandeceria a seus olhos no dia em que soubesse a verdade.

Não se admire desse alegre martírio, Armand, o amor que você havia nutrido por mim me abriu o coração a nobres entusiasmos.

No entanto, eu não fui tão forte assim desde o princípio.

Entre a execução do sacrifício que fizera por você e seu retorno, passou-se um tempo bastante longo durante o qual tive que recorrer a meios físicos para não enlouquecer e para anestesiá-lo da vida na qual me lançava novamente. Prudence lhe disse que eu estava em todas as festas, em todos os bailes e em todas as orgias, não disse?

Eu tinha a esperança de me matar rapidamente, à força de excessos, e, creio, essa esperança não vai demorar a se realizar. Minha saúde se alterou inevitavelmente cada vez mais, e no dia em que enviei Mme. Duvernoy para pedir-lhe perdão, sentia-me esgotada de corpo e alma.

Não vou lembrar-lhe, Armand, de que maneira você recompensou a última prova de amor que lhe dei, e de que forma ultrajante expulsou de Paris a mulher que, mesmo estando tão doente, não conseguiu resistir à sua voz quando lhe pediu uma noite de amor, e que, como uma insensata, acreditou,

por um instante, que poderia voltar a unir o passado e o presente. Você tinha o direito de fazer o que fez, Armand. Ninguém jamais pagou tão caro pelas minhas noites!

Então abandonei tudo! Olympe substituiu-me junto a M. de N... e se encarregou, disseram-me, de informá-lo sobre o motivo de minha partida. O conde de G... estava em Londres. É um desses homens que, não dando ao amor com moças como eu mais do que a exata importância de um passatempo agradável, permanecem amigos das mulheres que tiveram e não guardam ódio, assim como nunca tiveram ciúme. É, enfim, um desses grandes senhores que não nos abrem senão um lado do seu coração, mas que nos abrem os dois lados de sua carteira. Foi nele que pensei imediatamente. Fui encontrá-lo. Recebeu-me maravilhosamente, mas já era amante de uma mulher da sociedade local, e temia ficar comprometido expondo-se comigo. Apresentou-me a seus amigos, que me ofereceram uma ceia, depois da qual um deles me levou.

Que queria que eu fizesse, meu amigo?

Que me matasse? Isso iria encher sua vida, que deve ser feliz, de um remorso inútil. Além do mais, para que se matar quando se está tão perto de morrer?

Eu passei ao estado de corpo sem alma, de coisa sem pensamento. Vivi algum tempo uma vida maquinal, depois voltei a Paris e perguntei por você. Soube que havia partido para uma longa viagem. Nada mais me prendia. Minha existência voltou ao que era dois anos antes de o conhecer. Tentei reatar com o duque, mas havia magoado demais aquele homem, e os velhos não são pacientes, provavelmente porque têm noção de que não são eternos. A doença se apoderava de mim dia após dia, eu estava pálida, estava triste, mais magra ainda. Os homens que compram o amor examinam a mercadoria antes de levá-la. Em Paris havia mulheres mais saudáveis, mais robustas que eu. Esqueceram-me um pouco. Isso foi o que se passou até ontem.

Agora estou realmente doente. Escrevi ao duque pedindo-lhe dinheiro, pois não tenho mais nada, e os credores voltaram, cobrando-me com uma insistência impiedosa. Será que o duque irá me responder? Pena que você não esteja em Paris, Armand! Viria me ver e suas visitas me consolariam.

20 de dezembro

Faz um tempo horrível, neva, estou sozinha em casa. Há três dias tenho tanta febre que não consegui lhe escrever uma palavra sequer. Nada de novo, meu amigo, todo dia espero vagamente uma carta sua, contudo, ela não chega e provavelmente não chegará nunca. Só os homens têm a força de não perdoar. O duque não me respondeu.

Prudence recomeçou suas viagens à casa de penhor.

Não paro de cuspir sangue. Oh, se me visse, sentiria pena! Você é bem feliz por estar sob um céu quente e de não ter, como eu, todo um inverno gelado pesando sobre o peito. Hoje levantei-me um pouco, e através das cortinas de minha janela vi passar essa vida de Paris com a qual acredito ter rompido completamente. Alguns rostos conhecidos passaram pela rua, ligeiros, alegres, despreocupados. Nenhum deles levantou os olhos em direção a minhas janelas. No entanto, alguns jovens vieram pedir notícias minhas. Já uma vez, quando estive doente, você, que não me conhecia, que não havia conseguido de mim senão uma insolência no dia em que o vi pela primeira vez, você vinha saber notícias minhas todas as manhãs. Aqui estou, doente outra vez. Passamos seis meses juntos, e eu senti por você todo o amor que o coração de uma mulher pode conter e oferecer, mas você está longe, e você me maldiz, e não me vem de você uma só palavra de consolo. Mas é só o acaso que motiva esse abandono, tenho certeza, pois se estivesse em Paris, não sairia de minha cabeceira e de meu quarto.

25 de dezembro

Meu médico me proíbe de escrever todos os dias. De fato, minhas recordações não fazem senão aumentar minha febre, mas, ontem, recebi uma carta que me fez bem, mais pelos sentimentos nela expressos do que pela ajuda material que me trazia. Portanto posso lhe escrever hoje. Era uma carta de seu pai, e eis o que ela continha:

Senhora,

Soube a pouco que está doente. Se estivesse em Paris, iria pessoalmente saber notícias suas. Se meu filho estivesse aqui comigo, diria a ele que fosse obtê-las, mas não posso ausentar-me de C..., e Armand está a seiscentas ou setecentas léguas

daqui. Permita-me simplesmente dizer-lhe, minha senhora, o quanto estou penalizado com essa enfermidade, e acredite nos votos sinceros que faço por seu pronto restabelecimento.

Um de meus bons amigos, M. H..., irá se apresentar em sua casa, queira recebê-lo. Encarreguei-o de uma missão cujo resultado aguardo impientemente.

Queira aceitar, minha senhora, a expressão de meus sentimentos mais sinceros.

Assim era a carta que recebi. Seu pai é um coração nobre, ame-o muito, meu amigo, pois há poucos homens no mundo tão dignos de ser amados. Esse papel assinado com o nome dele me trouxe mais benefícios do que todas as prescrições do nosso grande médico.

Esta manhã, M. H... esteve aqui. Ele parecia muito embaraçado com a missão delicada da qual M. Duval o encarregara. Vinha simplesmente trazer-me mil escudos por parte de seu pai. Em princípio quis recusar, mas M. H... disse-me que essa recusa ofenderia M. Duval, que o havia autorizado a dar-me essa soma e a entregar-me tudo mais que ainda me fosse necessário. Aceitei esse favor que, vindo de seu pai, não poderia ser uma esmola. Se eu estiver morta quando você regressar, mostre a seu pai o que acabo de escrever para ele, e diga-lhe que, traçando estas linhas, a pobre moça para quem fez questão de escrever aquela carta consoladora derramava lágrimas de reconhecimento, e orava a Deus por ele.

4 de janeiro

Acabo de passar alguns dias bem dolorosos. Não sabia que o corpo podia nos fazer sofrer assim. Oh, minha vida passada! Hoje pago em dobro por ela.

Cuidaram de mim todas as noites. Eu não conseguia mais respirar. O delírio e a tosse compartilhavam o restante da minha pobre existência.

Minha sala de jantar está repleta de doces, de presentes de todo tipo que meus amigos trouxeram para mim. Entre essas pessoas, sem dúvida há alguns que esperam ter-me mais tarde como sua amante. Se vissem o que a doença fez comigo, fugiriam assustados.

Prudence dá de presente os presentes que ganho.

O tempo está de congelar, mas o médico me disse que poderei sair em alguns

dias se o tempo continuar bom.

8 de janeiro

Saí ontem em minha carruagem. O tempo estava magnífico. Havia muita gente na Champs-Élysées. Parecia o primeiro sorriso da primavera. Tudo ao meu redor tinha um ar de festa. Eu jamais imaginara que existisse o tanto de alegria, de doçura e de consolo que ontem descobri num raio de sol.

Encontrei quase todas as pessoas que conheço, sempre alegres, sempre ocupadas com seus prazeres. Quanta gente é feliz e não sabe disso! Olympe passou numa elegante carruagem que M. de N... lhe deu. Ela tentou me insultar com o olhar. Ela não sabe o quanto estou longe de todas essas vaidades. Um bom rapaz, que conheço há muito tempo, perguntou-me se eu não gostaria de jantar com ele e com um de seus amigos que, segundo me dizia, deseja muito me conhecer.

Sorri com tristeza, e lhe estendi minha mão que ardia em febre.

Voltei para casa às quatro horas, jantei com muito apetite.

Essa saída me fez bem.

Quem dera me curar!

Como a visão da vida e da felicidade dos outros faz desejar viver àqueles que na véspera, na solidão de suas almas e na sombra de seus quartos de doente, desejavam morrer depressa!

10 de janeiro

A esperança de saúde não passava de um sonho. Aqui estou de novo na cama, o corpo coberto de emplastros que me queimam. Vá oferecer esse corpo pelo qual antes pagavam tão caro e veja o que agora vão lhe dar por ele!

É preciso que tenhamos feito muito mal antes de nascer, ou que devamos desfrutar de uma grande felicidade após nossa morte, para que Deus permita que esta vida contenha todas as torturas da expiação e todas as dores da provação.

12 de janeiro

Continuo doente.

O conde de N... mandou-me algum dinheiro ontem, mas não aceitei. Não quero nada desse homem. Foi ele a causa de você não estar perto de mim.

Oh, nossos belos dias em Bougival! Onde está você?

Se eu sair viva deste quarto, será para fazer uma peregrinação à casa em que moramos juntos; mas só sairei daqui morta.

Quem sabe lhe escrevo amanhã?

25 de janeiro

Já são onze noites que não durmo, que sufoco e que a cada instante penso que vou morrer. O médico ordenou que não me deixassem encostar uma pluma. Julie Duprat, que cuida de mim, permite ainda que eu lhe escreva essas poucas linhas. Será que você não vai voltar antes que eu morra? Será então que está tudo eternamente acabado entre nós? Acho que, se você viesse, eu me curaria. De que adiantaria me curar?

28 de janeiro

Esta manhã fui acordada por um grande barulho. Julie, que dormia em meu quarto, correu à sala de jantar. Ouvi vozes de homens contra as quais a voz dela lutava em vão. Ela voltou chorando.

Vinham confiscar. Eu disse a ela que os deixasse fazer o que eles chamam de justiça. O oficial entrou em meu quarto, com o chapéu na cabeça. Abriu as gavetas, relacionou tudo o que viu, e não pareceu perceber que havia alguém à beira da morte na cama, que, felizmente, a caridade da lei me deixa.

Ao partir, ele se permitiu dizer-me que eu poderia contestar em até nove dias, mas deixou um guarda! O que vai ser de mim, meu Deus! Essa cena deixou-me ainda mais doente. Prudence queria pedir dinheiro ao amigo de seu pai, mas me opus a isso.

Recebi sua carta esta manhã. Precisava muito recebê-la. Será que minha resposta chegará a tempo até você? Será que ainda conseguirá me ver? Este é um dia feliz, que me faz esquecer todos os outros que tenho passado há seis semanas. Parece que estou melhor, apesar do sentimento de tristeza que me

dominava quando lhe respondi.

No fundo, não se deve estar sempre infeliz.

Quando penso que até pode acontecer de eu não morrer, de você voltar, de eu tornar a ver a primavera, de você ainda me amar e de recomeçarmos nossa vida do ano passado!

Que louca eu sou! Mal consigo sustentar a pena com a qual lhe escrevo este sonho insensato do meu coração.

Aconteça o que acontecer, eu o amava muito, Armand, e já estaria morta há bastante tempo se não tivesse para me socorrer a lembrança desse amor, e como que uma vaga esperança de ainda tê-lo perto de mim.

4 de fevereiro

O conde de G... esteve novamente aqui. Sua amante o traiu. Ele está muito triste, amava-a muito. Veio contar-me todas essas coisas. O pobre homem vai mal nos negócios, o que não o impediu de pagar meu oficial de justiça e dispensar o guarda.

Falei de você para ele, e ele me prometeu falar de mim a você. Como me esqueci, nesses momentos, de que havia sido sua amante, e como, do mesmo modo, ele tentou fazer-me esquecer disso também! Tem um bom coração!

Ontem, o duque mandou saber notícias minhas, e veio esta manhã. Não sei o que ainda faz esse velho viver. Ficou três horas ao meu lado, e não me disse vinte palavras. Duas lágrimas caíram dos seus olhos quando me viu tão pálida. Provavelmente era a lembrança da morte de sua filha que o fazia chorar.

Era como se ele a visse morrer duas vezes. Suas costas estão curvadas, sua cabeça pende em direção ao chão, seu lábio está caído, seu olhar está sem brilho. A idade e a dor, com seu duplo peso, sobrecarregam seu corpo extenuado. Não me fez qualquer censura. Parecia até que se alegrava secretamente com o estrago que a doença havia feito em mim. Aparentava orgulho por estar de pé, enquanto que eu, jovem ainda, estava arruinada pelo sofrimento.

O mau tempo voltou. Ninguém vem me ver. Julie fica ao meu lado o máximo que pode. Prudence, a quem não posso mais dar tanto dinheiro quanto dava anteriormente, começa a usar dos compromissos como pretexto para se afastar.

Agora, que estou tão próxima da morte, apesar do que me dizem os médicos, pois tenho vários, o que prova que a doença avança, arrependo-me de ter dado ouvidos a seu pai. Se eu pudesse saber que só tomaria um ano do seu futuro, não teria resistido a passar esse ano com você, e pelo menos eu morreria segurando a mão de um amigo. É verdade que se tivéssemos vivido juntos esse ano, eu não iria morrer tão cedo.

Que a vontade de Deus seja feita!

5 de fevereiro

Oh! Venha, Armand, eu sofro horivelmente, vou morrer, meu Deus. Estava tão triste ontem que quis passar em qualquer lugar que não fosse a minha casa, a noite que prometia ser longa como a da véspera. O duque tinha vindo pela manhã. Parece-me que a visão desse velho esquecido pela morte me faz morrer com maior rapidez.

Apesar da febre ardente que me queimava, pedi para me vestirem e me levarem ao Vaudeville. Julie passou-me um batom, sem o que eu pareceria um cadáver. Ocupei o camarote onde tivemos nosso primeiro encontro. O tempo todo mantive os olhos fixos na poltrona em que você se sentou aquele dia, e que ontem era ocupada por um tipo grosseiro, que ria ruidosamente de todas as bobagens que proferiam os atores. Levaram-me meio morta de volta para casa. Tossi e cuspi sangue a noite inteira. Hoje não consigo falar, e mal posso mexer os braços. Meu Deus! Meu Deus! Vou morrer. Esperava por isso, mas não podia imaginar sofrer mais do que já vinha sofrendo, e se...

A partir daí, as poucas letras que Marguerite tentara escrever estavam ilegíveis, e foi Julie Duprat quem continuou.

18 de fevereiro

Senhor Armand,

Desde o dia em que Marguerite quis ir ao espetáculo, ela ficou cada vez pior. Perdeu completamente a voz, e em seguida o movimento dos membros. É impossível dizer o quanto sofre nossa pobre amiga. Não estou habituada a esse

tipo de emoção e vivo constantemente alarmada.

Como eu gostaria que o senhor estivesse junto de nós! Quase sempre ela delira, mas, delirante ou lúcida, é sempre seu nome que ela pronuncia quando consegue dizer alguma coisa.

O médico me disse que ela não viveria por muito mais tempo. Desde que ela está tão mal assim, o velho duque não voltou mais aqui.

Ele disse ao doutor que esse espetáculo lhe fazia muito mal.

Mme. Duvernoy não se comporta bem. Essa mulher, que tencionava tirar mais dinheiro de Marguerite, e às expensas de quem vivia quase totalmente, assumiu compromissos que ela não pode manter, e, vendo que sua vizinha não lhe serve mais para nada, não vem sequer visitá-la. Todo mundo a abandona. M. de G..., pressionado pelas dívidas, foi obrigado a retornar a Londres. Ao partir, nos enviou algum dinheiro. Ele fez tudo o que pôde, mas voltaram para fazer as apreensões, e os credores só esperam a morte para realizar o leilão.

Eu quis usar meus últimos recursos para impedir todos esses confiscos, mas o oficial me disse que era inútil, e que ainda havia outras sentenças a executar. Como é certo que ela vai morrer, é melhor abandonar tudo a tentar salvar alguma coisa para a família dela, que nunca a amou e que ela não quis ver. O senhor não pode imaginar em meio a que impressionante miséria a pobre moça está morrendo. Ontem estávamos completamente sem dinheiro. Talheres, joias, caxemiras, tudo está penhorado, o resto foi vendido ou confiscado. Marguerite ainda tem consciência do que se passa em torno dela, e sofre de corpo, de espírito e de coração. Grossas lágrimas escorrem por suas faces, tão magras e tão pálidas que o senhor não reconheceria se pudesse ver o rosto daquela que tanto amou. Fez-me prometer escrever-lhe quando ela não o conseguisse mais, então escrevo em frente a ela. Ela dirige os olhos para onde estou, mas não me vê, seu olhar já está encoberto pela morte que se aproxima. Todavia sorri, e todo o seu pensamento, toda a sua alma pertencem ao senhor, estou certa disso.

Cada vez que abrem a porta, seus olhos brilham, ela sempre acredita que o senhor vai entrar. Depois, quando percebe que não é o senhor, seu semblante retoma aquela expressão dolorosa, se enche de um suor frio, e as maçãs do rosto se tornam púrpuras.

19 de fevereiro, meia-noite

Que triste dia o de hoje, meu pobre senhor Armand! Esta manhã, Marguerite sufocava, o médico fez-lhe uma sangria, então a voz lhe voltou um pouco. O doutor aconselhou-a a ver um padre. Ela consentiu, e ele mesmo foi buscar um padre em Saint-Roch.

Enquanto isso, Marguerite me chamou para perto de sua cama, pediu-me para abrir seu armário, mostrou-me um singelo chapéu, uma camisa longa toda coberta de rendas, e me disse com uma voz enfraquecida:

— Vou morrer depois de me confessar, então quero que me vista com essas coisas. É um capricho de moribunda.

Depois me abraçou chorando e acrescentou:

— Consigo falar, mas sufoco quando falo, estou sufocando, preciso de ar!

Eu me desfazia em lágrimas, abri a janela, e instantes depois o padre entrou. Fui ao seu encontro.

Quando soube na casa de quem estava, pareceu temer ser mal acolhido.

Disse-lhe para entrar sem medo.

Ficou pouco tempo no quarto da doente, e ao sair disse-me: “Ela viveu como pecadora, mas morrerá como cristã.”

Instantes depois, retornou acompanhado de um coroinha que trazia um crucifixo, e de um sacristão que andava à frente deles tocando um sino, para anunciar que Deus ia à casa da moribunda.

Os três entraram naquele quarto de dormir onde, em outros tempos, soaram tantas palavras estranhas, mas que naquele momento não era mais que um templo santo.

Caí de joelhos. Não sei por quanto tempo vai durar a impressão que me causou aquele espetáculo, mas não acredito que, até que eu mesma chegue àquele momento, alguma coisa humana possa me impressionar tanto.

O padre ungiu com óleos santos os pés, as mãos e a fronte de Marguerite, fez uma rápida prece, e ela estava pronta para partir aos céus, para onde sem dúvida irá se Deus viu as provações de sua vida e a santidade de sua morte.

A partir desse momento ela não disse mais uma palavra e não fez mais nenhum movimento. Por vinte vezes a julgaria morta, se não tivesse ouvido o esforço de sua respiração.

20 de fevereiro, cinco horas da tarde

Está tudo acabado.

Marguerite entrou em agonia esta noite, por volta das duas horas. Nunca um mártir passou por semelhantes torturas, a julgar pelos gritos que dava. Duas ou três vezes colocou-se de pé sobre a cama, como se quisesse recuperar sua vida que subia em direção a Deus.

Duas ou três vezes ainda pronunciou seu nome, depois tudo se calou, e ela caiu extenuada sobre a cama. Lágrimas silenciosas correram de seus olhos, e ela morreu.

Então, aproximei-me dela, chamei-a, e como não respondeu, fechei seus olhos e beijei sua testa.

Pobre querida Marguerite, eu gostaria de ser uma santa mulher para que esse beijo a recomendasse a Deus.

Depois, a vesti como me havia pedido que fizesse, fui procurar um padre em Saint-Roch, acendi duas velas para ela e orei na igreja durante uma hora.

Dei aos pobres algum dinheiro que fora dela.

Não sei muito sobre religião, mas acredito que o bom Deus reconhecerá que minhas lágrimas eram verdadeiras, minha prece fervorosa, minha caridade sincera, e que terá piedade daquela que, morta jovem e bela, não teve senão a mim para fechar-lhe os olhos e sepultá-la.

22 de fevereiro

Hoje foi o enterro. Muitas das amigas de Marguerite estiveram na igreja. Algumas choravam com sinceridade. Quando o cortejo tomou o caminho de Montmartre, apenas dois homens o seguiam, o conde de G..., que retornara especialmente de Londres, e o duque, que caminhava apoiado por dois criados.

É da casa dela que lhe escrevo todos esses pormenores, em meio a lágrimas e diante da lamparina que queima tristemente ao lado de um jantar no qual não toquei, como deve imaginar, mas que Nanine fez para mim, pois estou sem comer há mais de vinte e quatro horas.

Minha vida não poderá guardar por muito tempo essas tristes impressões, porque minha vida me pertence tanto quanto a de Marguerite pertencia a ela. Por isso lhe dou todos esses detalhes, até mesmo sobre os locais em que ocorreram, pois receio que, se muito tempo se passar entre eles e o seu retorno,

eu não consiga transmiti-los ao senhor em toda a sua triste exatidão.

XXVII

— **L**eu? — perguntou-me Armand quando eu terminei a leitura do manuscrito.

— Entendo o quanto você deve ter sofrido, meu amigo, se é verdade tudo o que li.

— Meu pai me confirmou tudo em uma carta.

Conversamos ainda por algum tempo sobre o triste destino que acabava de se cumprir, e voltei para casa a fim de repousar um pouco.

Armand, sempre triste, mas um pouco aliviado pelo relato dessa história, rapidamente se restabeleceu, e fomos juntos visitar Prudence e Julie Duprat.

Prudence acabava de falir. Disse-nos que Marguerite era a causa dessa situação. Que durante sua doença ela lhe havia emprestado muito dinheiro, pelo qual fizera recibos que Marguerite não pudera pagar, vindo a falecer sem devolvê-lo e sem lhe dar os recibos com os quais poderia se apresentar como credora.

Com a ajuda dessa fábula, que Mme. Duvernoy contava por toda parte para justificar seus maus negócios, ela conseguiu tirar uma nota de mil francos de Armand, que não acreditava naquilo, mas que queria parecer acreditar, tamanho respeito tinha por tudo o que houvesse sido próximo de sua amante.

Depois fomos à casa de Julie Duprat, que nos contou os tristes acontecimentos dos quais fora testemunha, derramando lágrimas sinceras ao lembrar de sua amiga.

Finalmente, fomos ao túmulo de Marguerite, sobre o qual os primeiros raios do sol de abril faziam brotar as primeiras folhas.

Restava a Armand cumprir um último dever, ir ao encontro de seu pai. Ele quis ainda uma vez que eu o acompanhasse.

Chegamos a C..., onde vi um M. Duval exatamente como eu o imaginara, pelo retrato que dele me fizera seu filho: alto, digno, cordial.

Ele acolheu Armand com lágrimas de felicidade, e apertou-me afetuosamente a mão. Logo percebi que o sentimento paternal era o que se sobrepunha a todos os outros na casa daquele anfitrião.

Sua filha, Blanche, tinha aquela transparência dos olhos e do olhar, aquela serenidade da boca que provam que a alma concebe apenas santos pensamentos e que os lábios pronunciam apenas palavras edificantes. Ela sorria pela volta de seu irmão, ignorando, a jovem casta, que longe dela uma cortesã havia sacrificado a própria felicidade à simples invocação do seu nome.

Permaneci algum tempo com essa família feliz, que dirigia toda a sua atenção àquele que lhes levava a convalescença de seu coração.

Retornei a Paris, onde escrevi esta história tal como me havia sido contada. Ela tem um único mérito que talvez lhe seja contestado: o de ser verdadeira.

Não tiro desse relato a conclusão de que todas as jovens como Marguerite sejam capazes de fazer o que ela fez, longe disso, mas tenho conhecimento de que uma delas teve em sua vida um amor sério, pelo qual sofreu e em função do qual morreu. Conte ao leitor o que me foi revelado. Era um dever.

Não sou o apóstolo do vício, mas quero fazer-me o eco da nobre infelicidade onde quer que a ouça chamar.

A história de Marguerite é uma exceção, repito, mas se fosse uma generalidade, não teria valido a pena escrevê-la.

RELAÇÃO DOS VOLUMES PUBLICADOS

1. DOM CASMURRO
Machado de Assis
2. O PRÍNCIPE
Maquiavel
3. MENSAGEM
Fernando Pessoa
4. O LOBO DO MAR
Jack London
5. A ARTE DA PRUDÊNCIA
Baltasar Gracián
5. IRACEMA / CINCO MINUTOS
José de Alencar
7. INOCÊNCIA
Visconde de Taunay
3. A MULHER DE 30 ANOS
Honoré de Balzac
9. A MORENINHA
Joaquim Manuel de Macedo
10. A ESCRAVA ISAURA
Bernardo Guimarães
11. AS VIAGENS - “IL MILIONE”
Marco Polo
12. O RETRATO DE DORIAN GRAY
Oscar Wilde
13. A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

Júlio Verne

14. A CARNE

Júlio Ribeiro

15. AMOR DE PERDIÇÃO

Camilo Castelo Branco

16. SONETOS

Luís de Camões

17. O GUARANI

José de Alencar

18. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE

BRÁS CUBAS

Machado de Assis

19. LIRA DOS VINTE ANOS

Álvares de Azevedo

20. APOLOGIA DE SÓCRATES / BANQUETE

Platão

21. A METAMORFOSE/UM ARTISTA DA FOME/CARTA A MEU PAI

Franz Kafka

22. ASSIM FALOU ZARATUSTRA

Friedrich Nietzsche

23. TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Lima Barreto

24. A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

Eça de Queirós

25. MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS

Manuel Antônio de Almeida

26. ROBINSON CRUSOÉ

Daniel Defoe

27. ESPUMAS FLUTUANTES

Castro Alves

28. O ATENEU

Raul Pompeia

29. O NOVIÇO / O JUIZ DE PAZ DA ROÇA / QUEM CASA QUER CASA

Martins Pena

30. A RELÍQUIA

Eça de Queirós

31. O JOGADOR

Dostoiévski

32. HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS

Edgar Allan Poe

33. OS LUSÍADAS

Luís de Camões

34. AS AVENTURAS DE TOM SAWYER

Mark Twain

35. BOLA DE SEBO E OUTROS CONTOS

Guy de Maupassant

36. A REPÚBLICA

Platão

37. ELOGIO DA LOUCURA

Erasmus de Rotterdam

38. CANINOS BRANCOS

Jack London

39. HAMLET

William Shakespeare

40. A UTOPIA

Thomas More

41. O PROCESSO

Franz Kafka

12. O MÉDICO E O MONSTRO
Robert Louis Stevenson
13. ECCE HOMO
Friedrich Nietzsche
14. O MANIFESTO DO PARTIDO COMUNISTA
Marx e Engels
15. DISCURSO DO MÉTODO / REGRAS PARA A DIREÇÃO DO ESPÍRITO
René Descartes
16. DO CONTRATO SOCIAL
Jean-Jacques Rousseau
17. A LUTA PELO DIREITO
Rudolf von Ihering
18. DOS DELITOS E DAS PENAS
Cesare Beccaria
19. A ÉTICA PROTESTANTE E O ESPÍRITO DO CAPITALISMO
Max Weber
20. O ANTICRISTO
Friedrich Nietzsche
21. OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER
Goethe
22. AS FLORES DO MAL
Charles Baudelaire
23. ÉTICA A NICÔMACO
Aristóteles
24. A ARTE DA GUERRA
Sun Tzu
25. IMITAÇÃO DE CRISTO
Tomás de Kempis
26. CÂNDIDO OU O OTIMISMO

Voltaire

57. REI LEAR

William Shakespeare

58. FRANKENSTEIN

Mary Shelley

59. QUINCAS BORBA

Machado de Assis

50. FEDRO

Platão

51. POLÍTICA

Aristóteles

52. A VIUVINHA / ENCARNAÇÃO

José de Alencar

53. AS REGRAS DO MÉTODO SOCIOLOGICO

Émile Durkheim

54. O CÃO DOS BASKERVILLES

Sir Arthur Conan Doyle

55. CONTOS ESCOLHIDOS

Machado de Assis

56. DA MORTE / METAFÍSICA DO AMOR / DO SOFRIMENTO DO MUNDO

Arthur Schopenhauer

57. AS MINAS DO REI SALOMÃO

Henry Rider Haggard

58. MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS

Karl Marx

59. UM ESTUDO EM VERMELHO

Sir Arthur Conan Doyle

70. MEDITAÇÕES

Marco Aurélio

71. A VIDA DAS ABELHAS
Maurice Materlinck
72. O CORTIÇO
Aluísio Azevedo
73. SENHORA
José de Alencar
74. BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA / LARANJA DA CHINA
Antônio de Alcântara Machado
75. EUGÊNIA GRANDET
Honoré de Balzac
76. CONTOS GAUCHESCOS
João Simões Lopes Neto
77. ESAÚ E JACÓ
Machado de Assis
78. O DESESPERO HUMANO
Sören Kierkegaard
79. DOS DEVERES
Cícero
30. CIÊNCIA E POLÍTICA
Max Weber
31. SATÍRICON
Petrônio
32. EU E OUTRAS POESIAS
Augusto dos Anjos
33. FARSA DE INÊS PEREIRA / AUTO DA BARCA DO INFERNO / AUTO DA ALMA
Gil Vicente
34. A DESOBEDIÊNCIA CIVIL E OUTROS ESCRITOS
Henry David Thoreau
35. PARA ALÉM DO BEM E DO MAL

Friedrich Nietzsche

36. A ILHA DO TESOURO
R. Louis Stevenson
37. MARÍLIA DE DIRCEU
Tomás A. Gonzaga
38. AS AVENTURAS DE PINÓQUIO
Carlo Collodi
39. SEGUNDO TRATADO SOBRE O GOVERNO
John Locke
40. AMOR DE SALVAÇÃO
Camilo Castelo Branco
41. BROQUÉIS/FARÓIS/ÚLTIMOS SONETOS
Cruz e Souza
42. I-JUCA-PIRAMA / OS TIMBIRAS / OUTROS POEMAS
Gonçalves Dias
43. ROMÉU E JULIETA
William Shakespeare
44. A CAPITAL FEDERAL
Arthur Azevedo
45. DIÁRIO DE UM SEDUTOR
Søren Kierkegaard
46. CARTA DE PÉRO VAZ DE CAMINHA A EL-REI SOBRE O ACHAMENTO DO BRASIL
47. CASA DE PENSÃO
Aluísio Azevedo
48. MACBETH
William Shakespeare
49. ÉDIPO REI/ANTÍGONA
Sófocles

- |00. LUCÍOLA
José de Alencar
- |01. AS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES
Sir Arthur Conan Doyle
- |02. BOM-CRIOULO
Adolfo Caminha
- |03. HELENA
Machado de Assis
- |04. POEMAS SATÍRICOS
Gregório de Matos
- |05. ESCRITOS POLÍTICOS / A ARTE DA GUERRA
Maquiavel
- |06. UBIRAJARA
José de Alencar
- |07. DIVA
José de Alencar
- |08. EURICO, O PRESBÍTERO
Alexandre Herculano
- |09. OS MELHORES CONTOS
Lima Barreto
- |10. A LUNETA MÁGICA
Joaquim Manuel de Macedo
- |11. FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES E OUTROS ESCRITOS
Immanuel Kant
- |12. O PRÍNCIPE E O MENDIGO
Mark Twain
- |13. O DOMÍNIO DE SI MESMO PELA AUTO-SUGESTÃO CONSCIENTE
Émile Coué
- |14. O MULATO

Aluísio Azevedo

|15. SONETOS

Florbela Espanca

|16. UMA ESTADIA NO INFERNO / POEMAS / CARTA DO VIDENTE

Arthur Rimbaud

|17. VÁRIAS HISTÓRIAS

Machado de Assis

|18. FÉDON

Platão

|19. POESIAS

Olavo Bilac

|20. A CONDUTA PARA A VIDA

Ralph Waldo Emerson

|21. O LIVRO VERMELHO

Mao Tsé-Tung

|22. ORAÇÃO AOS MOÇOS

Rui Barbosa

|23. OTELO, O MOURO DE VENEZA

William Shakespeare

|24. ENSAIOS

Ralph Waldo Emerson

|25. DE PROFUNDIS / BALADA DO CÁRCERE DE READING

Oscar Wilde

|26. CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA

Immanuel Kant

|27. A ARTE DE AMAR

Ovídio Naso

|28. O TARTUFO OU O IMPOSTOR

Molière

- |29. METAMORFOSES
Ovídio Naso
- |30. A GAIA CIÊNCIA
Friedrich Nietzsche
- |31. O DOENTE IMAGINÁRIO
Molière
- |32. UMA LÁGRIMA DE MULHER
Aluísio Azevedo
- |33. O ÚLTIMO ADEUS DE SHERLOCK HOLMES
Sir Arthur Conan Doyle
- |34. CANUDOS - DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO
Euclides da Cunha
- |35. A DOCTRINA DE BUDA
Siddharta Gautama
- |36. TAO TE CHING
Lao-Tsé
- |37. DA MONARQUIA / VIDA NOVA
Dante Alighieri
- |38. A BRASILEIRA DE PRAZINS
Camilo Castelo Branco
- |39. O VELHO DA HORTA/QUEM TEM FARELOS?/AUTO DA ÍNDIA
Gil Vicente
- |40. O SEMINARISTA
Bernardo Guimarães
- |41. O ALIENISTA / CASA VELHA
Machado de Assis
- |42. SONETOS
Manuel du Bocage
- |43. O MANDARIM

Eça de Queirós

| 44. NOITE NA TAVERNA / MACÁRIO

Álvares de Azevedo

| 45. VIAGENS NA MINHA TERRA

Almeida Garrett

| 46. SERMÕES ESCOLHIDOS

Padre Antonio Vieira

| 47. OS ESCRAVOS

Castro Alves

| 48. O DEMÔNIO FAMILIAR

José de Alencar

| 49. A MANDRÁGORA / BELFAGOR, O ARQUIDIABO

Maquiavel

| 50. O HOMEM

Aluísio Azevedo

| 51. ARTE POÉTICA

Aristóteles

| 52. A MEGERA DOMADA

William Shakespeare

| 53. ALCESTE/ELECTRA/HIPÓLITO

Eurípedes

| 54. O SERMÃO DA MONTANHA

Huberto Rohden

| 55. O CABELEIRA

Franklin Távora

| 56. RUBÁIYÁT

Omar Khayyám

| 57. LUZIA-HOMEM

Domingos Olímpio

- |58. A CIDADE E AS SERRAS
Eça de Queirós
- |59. A RETIRADA DA LAGUNA
Visconde de Taunay
- |60. A VIAGEM AO CENTRO DA TERRA
Júlio Verne
- |61. CARAMURU
Frei Santa Rita Durão
- |62. CLARA DOS ANJOS
Lima Barreto
- |63. MEMORIAL DE AIRES
Machado de Assis
- |64. BHAGAVAD GITA
Krishna
- |65. O PROFETA
Khalil Gibran
- |66. AFORISMOS
Hipócrates
- |67. KAMA SUTRA
Vatsyayana
- |68. HISTÓRIAS DE MOWGLI
Rudyard Kipling
- |69. DE ALMA PARA ALMA
Huberto Rohden
- |70. ORAÇÕES
Cícero
- |71. SABEDORIA DAS PARÁBOLAS
Huberto Rohden
- |72. SALOMÉ

Oscar Wilde

|73. DO CIDADÃO

Thomas Hobbes

|74. PORQUE SOFREMOS

Huberto Rohden

|75. EINSTEIN: O ENIGMA DO UNIVERSO

Huberto Rohden

|76. A MENSAGEM VIVA DO CRISTO

Huberto Rohden

|77. MAHATMA GANDHI

Huberto Rohden

|78. A CIDADE DO SOL

Tommaso Campanella

|79. SETAS PARA O INFINITO

Huberto Rohden

|80. A VOZ DO SILÊNCIO

Helena Blavatsky

|81. FREI LUÍS DE SOUSA

Almeida Garrett

|82. FÁBULAS

Esopo

|83. CÂNTICO DE NATAL/OS CARRILHÕES

Charles Dickens

|84. CONTOS

Eça de Queirós

|85. O PAI GORIOT

Honoré de Balzac

|86. NOITES BRANCAS E OUTRAS HISTÓRIAS

Dostoiévski

- | 87. MINHA FORMAÇÃO
Joaquim Nabuco
- | 88. PRAGMATISMO
William James
- | 89. DISCURSOS FORENSES
Enrico Ferri
- | 90. MEDEIA
Eurípedes
- | 91. DISCURSOS DE ACUSAÇÃO
Enrico Ferri
- | 92. A IDEOLOGIA ALEMÃ
Marx & Engels
- | 93. PROMETEU ACORRENTADO
Ésquilo
- | 94. IAIÁ GARCIA
Machado de Assis
- | 95. DISCURSOS NO INSTITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS / DISCURSO NO
COLÉGIO ANCHIETA
Rui Barbosa
- | 96. ÉDIPO EM COLONO
Sófocles
- | 97. A ARTE DE CURAR PELO ESPÍRITO
Joel S. Goldsmith
- | 98. JESUS, O FILHO DO HOMEM
Khalil Gibran
- | 99. DISCURSO SOBRE A ORIGEM E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE ENTRE OS
HOMENS
Jean-Jacques Rousseau
- | 200. FÁBULAS

La Fontaine

201. O SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

William Shakespeare

202. MAQUIAVEL, O PODER

José Nivaldo Junior

203. RESSURREIÇÃO

Machado de Assis

204. O CAMINHO DA FELICIDADE

Huberto Rohden

205. A VELHICE DO PADRE ETERNO

Guerra Junqueiro

206. O SERTANEJO

José de Alencar

207. GITANJALI

Rabindranath Tagore

208. SENSO COMUM

Thomas Paine

209. CANAÃ

Graça Aranha

210. O CAMINHO INFINITO

Joel S. Goldsmith

211. PENSAMENTOS

Epicuro

212. A LETRA ESCARLATE

Nathaniel Hawthorne

213. AUTOBIOGRAFIA

Benjamin Franklin

214. MEMÓRIAS DE SHERLOCK HOLMES

Sir Arthur Conan Doyle

215. O DEVER DO ADVOGADO / POSSE DE DIREITOS PESSOAIS

Rui Barbosa

216. O TRONCO DO IPÊ

José de Alencar

217. O AMANTE DE LADY CHATTERLEY

D. H. Lawrence

218. CONTOS AMAZÔNICOS

Inglês de Souza

219. A TEMPESTADE

William Shakespeare

220. ONDAS

Euclides da Cunha

221. EDUCAÇÃO DO HOMEM INTEGRAL

Huberto Rohden

222. NOVOS RUMOS PARA A EDUCAÇÃO

Huberto Rohden

223. MULHERZINHAS

Louise May Alcott

224. A MÃO E A LUVA

Machado de Assis

225. A MORTE DE IVAN ILICHT / SENHORES E SERVOS

Leon Tolstói

226. ÁLCOOIS E OUTROS POEMAS

Apollinaire

227. PAIS E FILHOS

Ivan Turguêniev

228. ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

229. À MARGEM DA HISTÓRIA

Euclides da Cunha

230. VIAGEM AO BRASIL

Hans Staden

231. O QUINTO EVANGELHO

Tomé

232. LORDE JIM

Joseph Conrad

233. CARTAS CHILENAS

Tomás Antônio Gonzaga

234. ODES MODERNAS

Anntero de Quental

235. DO CATIVEIRO BABILÔNICO DA IGREJA

Martinho Lutero

236. O CORAÇÃO DAS TREVAS

Joseph Conrad

237. THAIS

Anatole France

238. ANDRÔMACA / FEDRA

Racine

239. AS CATILINÁRIAS

Cícero

240. RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS

Dostoiévski

241. O MERCADOR DE VENEZA

William Shakespeare

242. A FILHA DO CAPITÃO / A DAMA DE ESPADAS

Aleksandr Púchkin

243. ORGULHO E PRECONCEITO

Jane Austen

244. A VOLTA DO PARAFUSO
Henry James
245. O GAÚCHO
José de Alencar
246. TRISTÃO E ISOLDA
Lenda Medieval Celta de Amor
247. POEMAS COMPLETOS DE ALBERTO CAEIRO
Fernando Pessoa
248. MAIAKÓSVSKI
Vida e Poesia
249. SONETOS
William Shakespeare
250. POESIA DE RICARDO REIS
Fernando Pessoa
251. PAPÉIS AVULSOS
Machado de Assis
252. CONTOS FLUMINENSES
Machado de Assis
253. O BOBO
Alexandre Herculano
254. A ORAÇÃO DA COROA
Demóstenes
255. O CASTELO
Franz Kafka
256. O TROVEJAR DO SILÊNCIO
Joel S. Goldsmith
257. ALICE NA CASA DOS ESPELHOS
Lewis Carrol
258. MISÉRIA DA FILOSOFIA

Karl Marx

259. JÚLIO CÉSAR

William Shakespeare

260. ANTÔNIO E CLEÓPATRA

William Shakespeare

261. FILOSOFIA DA ARTE

Huberto Rohden

262. A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS

João do Rio

263. A NORMALISTA

Adolfo Caminha

264. POLLYANNA

Eleanor H. Porter

265. AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

Júlio Diniz

266. AS PRIMAVERAS

Casimiro de Abreu

267. FUNDAMENTOS DO DIREITO

Léon Duguit

268. DISCURSOS DE METAFÍSICA

G. W. Leibniz

269. SOCIOLOGIA E FILOSOFIA

Émile Durkheim

270. CANCIONEIRO

Fernando Pessoa

271. A DAMA DAS CAMÉLIAS

Alexandre Dumas (filho)

272. O DIVÓRCIO / AS BASES DA FÉ / E OUTROS TEXTOS

Rui Barbosa

273. POLLYANNA MOÇA
Eleanor H. Porter
274. O 18 BRUMÁRIO DE LUÍS BONAPARTE
Karl Marx
275. TEATRO DE MACHADO DE ASSIS
Antologia
276. CARTAS PERSAS
Montesquieu
277. EM COMUNHÃO COM DEUS
Huberto Rohden
278. RAZÃO E SENSIBILIDADE
Jane Austen
279. CRÔNICAS SELECIONADAS
Machado de Assis
280. HISTÓRIAS DA MEIA-NOITE
Machado de Assis
281. CYRANO DE BERGERAC
Edmond Rostand
282. O MARAVILHOSO MÁGICO DE OZ
L. Frank Baum
283. TROCANDO OLHARES
Florabela Espanca
284. O PENSAMENTO FILOSÓFICO DA ANTIGUIDADE
Huberto Rohden
285. FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA
Huberto Rohden
286. O ESPÍRITO DA FILOSOFIA ORIENTAL
Huberto Rohden
287. A PELE DO LOBO / O BADEJO / O DOTE

Artur Azevedo

288. OS BRUZUNDANGAS

Lima Barreto

289. A PATA DA GAZELA

José de Alencar

290. O VALE DO TERROR

Sir Arthur Conan Doyle

291. O SIGNO DOS QUATRO

Sir Arthur Conan Doyle

292. AS MÁSCARAS DO DESTINO

Florbela Espanca

293. A CONFISSÃO DE LÚCIO

Mário de Sá-Carneiro

294. FALENAS

Machado de Assis

295. O URAGUAI / A DECLAMAÇÃO TRÁGICA

Basílio da Gama

296. CRISÁLIDAS

Machado de Assis

297. AMERICANAS

Machado de Assis

298. A CARTEIRA DE MEU TIO

Joaquim Manuel de Macedo

299. CATECISMO DA FILOSOFIA

Huberto Rohden

300. APOLOGIA DE SÓCRATES

Platão (Edição bilingue)

301. RUMO À CONSCIÊNCIA CÓSMICA

Huberto Rohden

302. COSMOTERAPIA
Huberto Rohden
303. BODAS DE SANGUE
Federico García Lorca
304. DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA
Étienne de La Boétie
305. CATEGORIAS
Aristóteles
306. MANON LESCAUT
Abade Prévost
307. TEOGONIA / TRABALHO E DIAS
Hesíodo
308. AS VÍTIMAS-ALGOZES
Joaquim Manuel de Macedo
309. PERSUASÃO
Jane Austen
310. AGOSTINHO - Huberto Rohden
311. ROTEIRO CÓSMICO
Huberto Rohden
312. A QUEDA DUM ANJO
Camilo Castelo Branco
313. O CRISTO CÓSMICO E OS ESSÊNIOS - Huberto Rohden
314. METAFÍSICA DO CRISTIANISMO
Huberto Rohden
315. REI ÉDIPO - Sófocles
316. LIVRO DOS PROVÉRBIOS
Salomão
317. HISTÓRIAS DE HORROR

Howard Phillips Lovecraft

318. O LADRÃO DE CASACA

Maurice Leblanc

319. TIL

José de Alencar

SÉRIE OURO

(Livros com mais de 400 p.)

1. LEVIATÃ

Thomas Hobbes

2. A CIDADE ANTIGA

Fustel de Coulanges

3. CRÍTICA DA RAZÃO PURA

Immanuel Kant

4. CONFISSÕES

Santo Agostinho

5. OS SERTÕES

Euclides da Cunha

5. DICIONÁRIO FILOSÓFICO

Voltaire

7. A DIVINA COMÉDIA

Dante Alighieri

3. ÉTICA DEMONSTRADA À MANEIRA DOS GEÔMETRAS

Baruch de Spinoza

9. DO ESPÍRITO DAS LEIS

Montesquieu

10. O PRIMO BASÍLIO

Eça de Queirós

11. O CRIME DO PADRE AMARO

Eça de Queirós

12. CRIME E CASTIGO
Dostoiévski
13. FAUSTO
Goethe
14. O SUICÍDIO
Émile Durkheim
15. ODISSEIA
Homero
16. PARAÍSO PERDIDO
John Milton
17. DRÁCULA
Bram Stoker
18. ILÍADA
Homero
19. AS AVENTURAS DE HUCKLEBERRY FINN
Mark Twain
20. PAULO – O 13º APÓSTOLO
Ernest Renan
21. ENEIDA
Virgílio
22. PENSAMENTOS
Blaise Pascal
23. A ORIGEM DAS ESPÉCIES
Charles Darwin
24. VIDA DE JESUS
Ernest Renan
25. MOBY DICK
Herman Melville

26. OS IRMÃOS KARAMAZOVI
Dostoiévski
27. O MORRO DOS VENTOS UIVANTES
Emily Brontë
28. VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS
Júlio Verne
29. MADAME BOVARY
Gustave Flaubert
30. O VERMELHO E O NEGRO
Stendhal
31. OS TRABALHADORES DO MAR
Victor Hugo
32. A VIDA DOS DOZE CÉSARES
Suetônio
33. O MOÇO LOIRO
Joaquim Manuel de Macedo
34. O IDIOTA
Dostoiévski
35. PAULO DE TARSO
Huberto Rohden
36. O PEREGRINO
John Bunyan
37. AS PROFECIAS
Nostradamus
38. NOVO TESTAMENTO
Huberto Rohden
39. O CORCUNDA DE NOTRE DAME
Victor Hugo
40. ARTE DE FURTAR

Anônimo do século XVII

11. GERMINAL
Émile Zola
12. FOLHAS DE RELVA
Walt Whitman
13. BEN-HUR — UMA HISTÓRIA DOS TEMPOS DE CRISTO
Lew Wallace
14. OS MAIAS
Eça de Queirós
15. O LIVRO DA MITOLOGIA
Thomas Bulfinch
16. OS TRÊS MOSQUETEIROS
Alexandre Dumas
17. POESIA DE ÁLVARO DE CAMPOS
Fernando Pessoa
18. JESUS NAZARENO
Huberto Rohden
19. GRANDES ESPERANÇAS
Charles Dickens
20. A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL
Gustave Flaubert
21. O CONDE DE MONTE CRISTO (VOLUME I)
Alexandre Dumas
22. O CONDE DE MONTE CRISTO (VOLUME II)
Alexandre Dumas
23. OS MISERÁVEIS (VOLUME I)
Victor Hugo
24. OS MISERÁVEIS (VOLUME II)
Victor Hugo

- 55. DOM QUIXOTE DE LA MANCHA (VOLUME I)
Miguel de Cervantes
- 56. DOM QUIXOTE DE LA MANCHA (VOLUME II)
Miguel de Cervantes
- 57. AS CONFISSÕES
Jean-Jacques Rousseau
- 58. CONTOS ESCOLHIDOS
Artur Azevedo
- 59. AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD
Howard Pyle
- 50. MANSFIELD PARK
Jane Austen

¹ Mestre e doutora em Letras Modernas pela Universidade de São Paulo. É professora titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É filiada à Abralic — Associação Brasileira de Literatura Comparada e membro do NUPEBRAF (Núcleo de Pesquisa França — Brasil) sediado no IEA, USP.

² NITRINI, Sandra. “Lucíola e Dama das Camélias”. In: Revista *Travessia*. n. 16,17,18, Florianópolis:UFSC, 1988/1989.

³ ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1991, p. 81-83.

⁴ BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972, p. 119.

¹ Célebres ourives franceses.

² Mademoiselle, termo que será abreviado para Mlle., no decorrer do texto.

¹ Vincent Vidal (1811–1887): pintor francês de retratos, principalmente de personagens da alta sociedade parisiense.

² Madame, termo que será abreviado para Mme., no decorrer do texto.

¹ Comerciante de cavalos, muito famoso na época.

² História de Manon Lescaut, obra escrita pelo Abade de Prévost, em 1731, e que Giacomo Puccini compôs, em 1893, a ópera que se tornou grande sucesso.

³ *Marion Delorme*, drama de Victor Hugo (1831); *Frédéric et Bernerette*, conto de Alfred de Musset (1838); *Fernande*, romance de Alexandre Dumas, pai (1848).

¹ Monsieur, termo que será abreviado para M. no decorrer do texto.

¹ Famosa loja de moda da época.

² Jean-Baptiste Alphonse Karr, escritor francês (1808–1890), principalmente crítico e humorista.

³ Luís (louis): na época, moeda de ouro francesa equivalente a 20 francos.

¹ Pela semelhança com os buquês da hortaliça (*chou-fleur* — couve-flor).

¹ Tratava-se de um conjunto de salões e jardins datado de 1796, imitando os jardins de Frascati de Nápoles.

¹ Modalidade de caça que utiliza batedores para cercar e vasculhar a área, prevenindo o caçador à aproximação de uma presa.

“Mas ser realmente amado por uma cortesã é uma vitória muito mais difícil. Nessas mulheres, o corpo desgastou a alma, os sentidos queimaram o coração, a devassidão endureceu os sentimentos. As palavras que lhes são ditas há muito tempo já as ouviram (...). O próprio amor que inspiram, já o venderam. Elas amam por ofício, não por encantamento”.

Alexandre Dumas Filho, nasceu em Paris em 1824, filho do famoso Alexandre Dumas (autor de *O conde de Monte Cristo*, *Os três mosqueteiros*, etc.). Seguiu os passos do pai tornando-se grande autor de prosa e teatro, além de ser um *dândi* na sociedade parisiense do século XIX. Observador de pessoas e costumes soube retratar em sua narrativa personagens variados da sociedade europeia. Seu primeiro livro foi “Pecados da juventude”. Em 1875 recebe, por Victor Hugo, uma vaga como membro da Academia Francesa de Letras. Entre suas obras: *A estrangeira*; *Pai pródigo*, *A dama das pérolas*, entre outras.

A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR

A Dama das Camélias

ALEXANDRE DUMAS FILHO

Alexandre Dumas Filho escreveu, a partir de uma experiência pessoal, a mais famosa história de amor de uma cortesã, *A dama das camélias* (1848).

Por meio do uso de uma descrição detalhada e realista narra a bela e proibida história de amor de Marguerite Gautier e Armand Duval, jovem estudante burguês, porém o casal lutará entre o amor verdadeiro e os deveres sociais. Este romance de tese é e sempre será um clássico da literatura mundial, tendo inúmeras adaptações para cinema e teatro e foi com esse último formato que ganhou grande visibilidade. A obra é um documento social, mas sobretudo um belo hino ao Amor.

MARTIN  CLARET